

Entrevista
com
Espíritos

Os Bastidores do Centro Espírita

por
OSMAR
BARBOSA

Entrevista com Espíritos

Os Bastidores do Centro Espírita

A você, que vai entrar agora nesta linda e reveladora história, eu desejo muita luz, paz, amor e felicidade. Que as linhas por mim psicografadas lhe ajudem em sua jornada evolutiva.

São meus sinceros votos,

Entrevista com Espíritos

Os Bastidores do Centro Espírita



Book Espírita Editora

1ª Edição

| Rio de Janeiro | 2018 |

por
OSMAR
BARBOSA

BOOK ESPÍRITA EDITORA

ISBN: 978-85-92620-24-0

Capa

Marco Mancen | www.marcomancen.com

Projeto Gráfico e Diagramação

Marco Mancen Design Studio

Ilustrações do miolo

Aline Stark / Osmar Barbosa

Revisão

Josias A. de Andrade

Marketing e Comercial

Michelle Santos

Produção do epub

[Schaffer Editorial](#)

Pedidos de Livros e Contato Editorial

comercial@bookespirita.com.br

Copyright © 2018 by

BOOK ESPÍRITA EDITORA

Região Oceânica, Niterói, Rio de Janeiro

1ª Edição

Prefixo Editorial: 92620

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer formas ou meios eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, gravação, digitação, entre outros, sem permissão expressa, por escrito, dos editores.

*Outros livros psicografados
por Osmar Barbosa*

Cinco Dias no Umbral

Gitano – As Vidas do Cigano Rodrigo

O Guardião da Luz

Orai & Vigiai

Colônia Espiritual Amor e Caridade

Ondas da Vida

Antes que a Morte nos Separe

Além do Ser – A História de Um Suicida

A Batalha dos Iluminados

Joana D'Arc – O Amor Venceu

Eu sou Exu

500 Almas

Cinco Dias no Umbral – O Resgate

Entre Nossas Vidas

O Amanhã nos Pertence

O Lado Azul da Vida

Mãe, Voltei!

Depois...

O Lado Oculto da Vida



Agradecimento

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me concedido esse verdadeiro privilégio de servir humildemente como um mero instrumento dos planos superiores.

Agradeço a Jesus Cristo, espírito modelo, por guiar, conduzir e inspirar meus passos nessa desafiadora jornada terrena.

Agradeço ao Caboclo Ventania, ao Daniel e aos demais espíritos ao lado dos quais tive a honra de passar algumas horas psicografando este livro. Agradeço ainda pela oportunidade e por permitirem que essas humildes palavras, registradas neste livro, ajudem as pessoas a refletirem sobre suas atitudes, evoluindo.

Agradeço ainda a minha família, pela cumplicidade, compreensão e dedicação. Sem vocês ao meu lado, me dando todo tipo de suporte, nada disso seria possível.

E agradeço a você, leitor amigo, que comprou este livro e com sua colaboração nos ajudará a levar a Doutrina Espírita e todos os seus benefícios e ensinamentos para mais e mais pessoas.

Obrigado.

A todos, os meus mais sinceros agradecimentos.

Osmar Barbosa

Recomendamos a leitura de outras obras psicografadas por Osmar Barbosa para melhor familiarização com os personagens deste livro.

O Editor

Conheça um pouco mais de Osmar Barbosa:
www.osmarbarbosa.com.br



“A missão do médium é o livro.”
*“O livro é chuva que fertiliza lavouras imensas, alcançando milhões de
almas.”*

Emmanuel

Sumário

Um livro aberto

O encontro

O Barracão de Candomblé

O primeiro Centro de Umbanda

O segundo Centro de Umbanda

A lição da alma

O terceiro Centro Espírita

De volta a Amor e Caridade

Nos Bastidores

O primeiro centro de mesa

Cartas consoladoras

A cura espírita

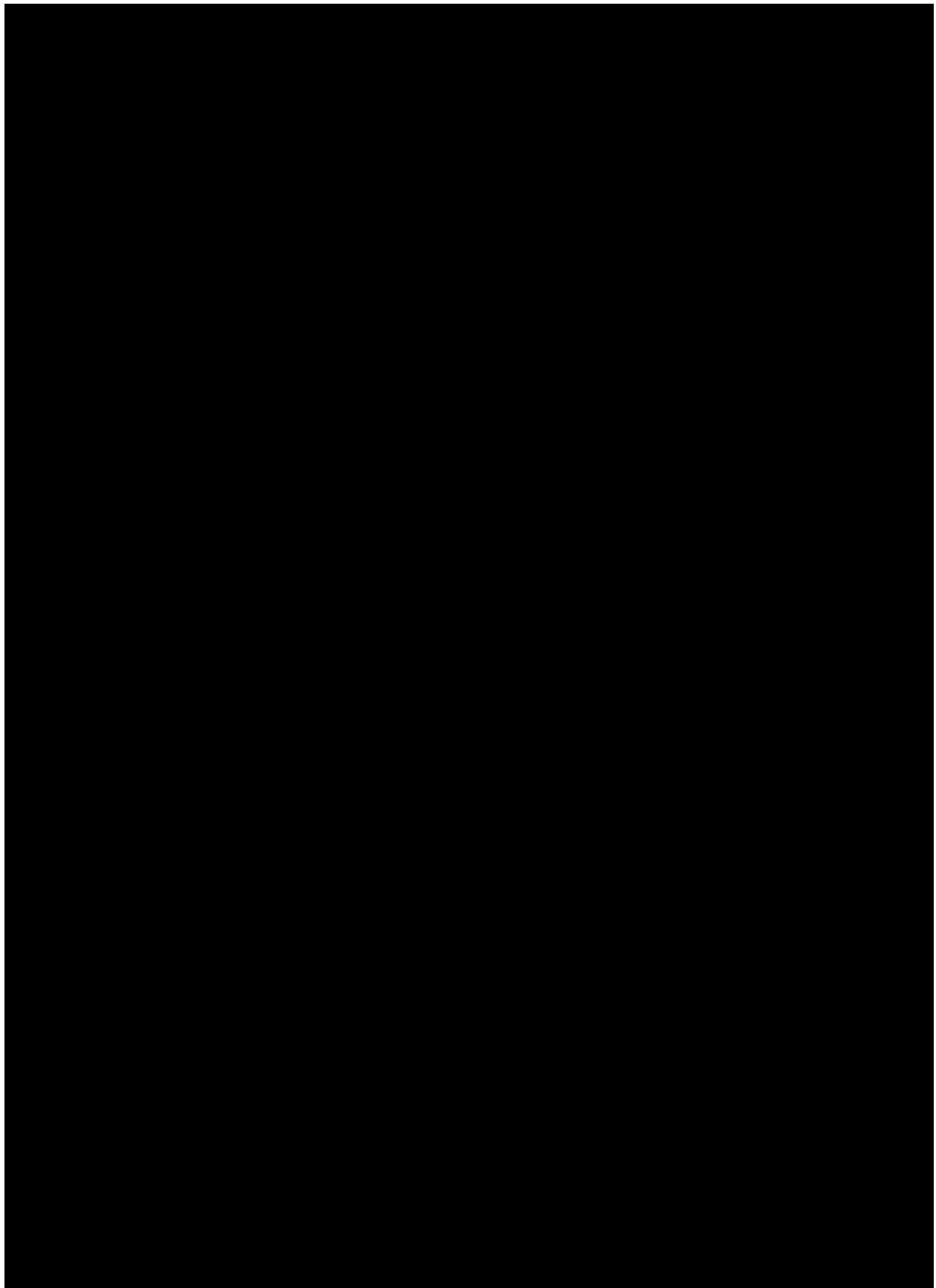
O Infinito sou eu

Aruanda

Carta aberta

Hino da Umbanda





*“Ô salve o sol, salve a estrela guia, Saravá seu Ventania, Umbanda vamos
saudar.”*



un me de
ve tipe or
n it un tempo
nate can from k
fame in thome
berid it new men
mon bi form
fata m
gore it may

Com if me npe
mepe tu r ja me
me it p m p r
idais me p r
mepe h mo not.
me palai vmp

bono fun ant ampul

Um livro aberto

Oi, gente, tudo bem? Vou falar um pouco de mim para vocês. Espero que gostem deste meu jeito simples de falar do espiritismo. É assim que levo minha vida, são assim todas as minhas coisas. Simplicidade!

Descobri minha mediunidade muito cedo. Eu tinha apenas nove anos de idade, quando tive minha primeira experiência mediúnica, foi durante um passeio com alguns amigos, quando decidimos tomar banho em um lago que eu imaginava ser de pouca profundidade.

Todos nós mergulhamos ao mesmo tempo, o problema foi que eu não sabia nadar e o lago era bem fundo, resultado: eu me afoguei. Lembro-me de ter tentado nadar até um barranco próximo, mas não consegui. Lutei muito, minhas forças cessaram, e quando dei por mim eu estava chegando à minha casa e minha mãe estava na cozinha preparando o almoço daquele dia. Lembro-me que ela olhou para a porta (ela percebeu a minha chegada) quando eu estava entrando e comentou com uma tia que estava sentada à mesa descascando batatas: “Aconteceu alguma coisa com o Osmar”. Minha mãe tinha um ar desesperador. Olhei para ela e imediatamente fui sugado para o meu corpo. Eu abri os meus olhos e percebi que meu rosto estava encostado no fundo do lago em meio ao lamaçal. Imediatamente olhei para cima e vi o reflexo do sol espelhado na água, bati com as duas mãos no fundo do lago e emergi rapidamente. Um amigo, um pouco mais velho que

eu, me pegou pelos cabelos e me puxou para fora da água. Lembro que ele me deu uma enorme bronca dizendo: “Onde você estava, cara? Estávamos todos aqui lhe procurando, nós já estávamos indo buscar ajuda, pensei que você tivesse se afogado!”

Eu então vomitei muita água e voltei ao normal. O amigo ao meu lado ficou muito assustado e preocupado. Eu então, nem se fala!

Voltei para a minha casa correndo e fui para os braços de minha querida mãe, mas nunca contei essa história para ela e nem para ninguém, porque eu não compreendi muito bem o que havia acontecido comigo naquele dia. Lembro-me que era 27 de setembro, dia de São Cosme e São Damião. O ano era 1969.

Hoje tenho consciência de que essa foi realmente a minha primeira experiência como médium. Eu tive mais algumas depois desse dia, que deixarei para contar em minha biografia que, aliás, já escrevi, mas a editora ainda não acha que seja a hora certa para ser lançada.

Descobri, durante essa e em outras experiências que tive, quais os tipos de mediunidade que eu possuo. Sim, porque existem vários tipos de mediunidade e em vários graus de desenvolvimento. Estamos todo o tempo nos modificando.

A minha mediunidade se expressa de quatro formas diferentes, são elas: vidência, desdobramento, psicografia e psicofonia. As que mais utilizo são, o desdobramento e a psicofonia. Não gosto muito de psicografar. A não ser os livros que psicografo em desdobramento, e faço isso com muito amor.

Você deve estar se perguntando o que é mediunidade de desdobramento, não é?

Pois bem. Primeiro vou explicar o que é desdobramento e depois vou falar um pouco sobre mediunidade de desdobramento.

Desdobramento é a capacidade que todo ser humano possui de projetar a consciência para fora do corpo físico, utilizando-se dos corpos sutis de manifestação. O desdobramento pode ocorrer durante o sono, no transe, na síncope, no desmaio, na hipnose, ou sob a influência de alguns medicamentos.

Já a mediunidade de desdobramento é a capacidade que o médium tem de se afastar do corpo temporariamente ficando ligado a ele por meio de laços fluídicos. Ou seja, é a capacidade que o médium tem de ir a lugares físicos ou espirituais estando acordado e em transe.

É durante o desdobramento que psicografo meus livros. Eu agradeço muito a Deus por ter essa oportunidade, embora seja uma missão e não um privilégio.

Durante o desdobramento eu me encontro com espíritos, visito colônias espirituais, viajo através delas e assisto a tudo o que escrevo. É durante o desdobramento que os espíritos conversam comigo. Eles são incríveis. São amorosos, atenciosos e muito simpáticos. Não são coisas assustadoras, pelo contrário, são lindas!

Eu já estive várias vezes no Umbral, em desdobramento, quando estava escrevendo os livros. E também em diversas colônias. O Umbral é um lugar muito ruim até para quem está indo visitar, acompanhado de espíritos de luz. Eu não recomendo a ninguém passar por lá.

Durante a psicografia do livro *Cinco Dias no Umbral – O Resgate*, Nina e Felipe, que estavam na caravana de resgate a Yara, me levaram para um lugar ainda pior do que o Umbral, um lugar que eles chamam de Trevas. Fiquei muito assustado quando chegamos lá. Ainda bem que o Índio e o Negro estavam lá conosco para nos proteger. As coisas do outro lado são assim, suas companhias serão sua referência quando você estiver por lá.

Espero que você, que está lendo este livro agora, nunca experimente entrar nesse lugar sem estar acompanhado de espíritos iluminados. Sem estar acompanhado de amigos sinceros e verdadeiros. Sem estar acompanhado de outros espíritos.

A entrevista com espíritos aconteceu em um momento muito especial em minha vida. Os espíritos são tão delicados e amigos, que esperam a hora certa para nos passar determinadas informações. É incrível como tudo acontece! À medida que vamos evoluindo eles nos trazem mais informações. A cada passo dado no sentido evolutivo recebo mais e mais informações. Eu acho isso incrível. Cada vez que você transforma o seu Eu, eles lhe enchem de notícias boas. Na vida, sempre que um problema se apresenta à nossa frente nós teremos duas escolhas: encará-lo ou desviar-se da dificuldade. Eu aprendi que se um desafio lhe é apresentado é porque você é capaz de solucioná-lo, ou pelo menos auxiliá-lo a resolver. Depois que psicografei este livro, enxerguei claramente nele que os bons espíritos, na verdade, nos fazem um apelo. Compreendi que os orixás da umbanda estão muito preocupados com o despreparo e a desonestidade de alguns dirigentes que, talvez por não acreditarem em espíritos, cometem esse sacrilégio. Estão assassinando a umbanda. Eles estão profanando o que é sagrado. Há, na verdade, um total descaso com essa que é a porta de entrada religiosa para a maioria dos médiuns. Eu mesmo passei a compreender melhor o espiritismo depois que comecei a frequentar a umbanda. Tudo na minha vida espiritual começou na umbanda. Quando fui convocado para essa missão foi na umbanda que desenvolvi os princípios da minha mediunidade, foram os Orixás que me auxiliaram a chegar onde estou. Foram os caboclos que me desenvolveram. Cheguei até ao grau mais alto da umbanda, me tornando um Sacerdote. Meu pai é Xangô e minha mãe é Oxum, eu tenho muito orgulho desses Orixás. Foi na umbanda que eu aprendi a amar os espíritos, respeitá-los e seguir seus ensinamentos; foi na umbanda que eu aprendi a ser espírita, e foi na umbanda que eu me encontrei religiosamente. Eu amo a umbanda!

É muito importante que todos saibam que espiritismo e umbanda são religiões distintas; e eu não vou entrar no mérito da questão, porque esta psicografia não diferencia uma da outra e não tem por objetivo segmentar o espiritismo. Sendo assim eu sigo confiante no trabalho que faço, sem distinções e sem rótulos.

Se você acredita em espíritos, primeiramente tem que ouvi-los. Os dirigentes e médiuns estão tomando as rédeas do espiritismo ou espiritualismo, como queiram, sem ouvir os espíritos. E é por isso que muitos estão se perdendo dentro da religião. Espiritismo (como vou chamar daqui em diante) é estudo, respeito e disciplina. Lembro-me quando Chico Xavier foi perguntar a Emmanuel o que ele deveria fazer para cumprir sua tarefa, e Emmanuel em sua sabedoria lhe disse: em primeiro lugar “Disciplina, Chico, disciplina”. Chico lhe perguntou então o que ele deveria fazer em segundo lugar: Emmanuel respondeu disciplina e em terceiro lugar disciplina. Os dirigentes e os médiuns que não estudam não são úteis para os espíritos. Médiun significa meio, e sendo ele o meio de comunicação dos espíritos, ele precisa se instruir para que os espíritos possam se expressar corretamente e auxiliar a marcha evolutiva do planeta; sim, porque a frequente presença dos espíritos entre nós só tem um objetivo: “auxiliar a humanidade a evoluir”.

Os espíritos não estão entre nós para fazerem previsão disso ou daquilo, eles não estão entre nós para fumar, beber e ficar pedindo oferendas. “Espiritismo não é isso.” Espiritismo é amor, compreensão, conhecimento e evolução. Sem isso não há espiritismo. Definitivamente precisamos ouvir os espíritos.

O mais legal disso tudo é que os espíritos nos forçam inteligentemente a evoluir. Pois, toda vez que supero algum desafio evolutivo em minha vida, eles me brindam com mais algumas informações. Você já parou para pensar em seus desafios evolutivos? Você sabe o que é desafio evolutivo?...

Desafio evolutivo é vencer as más inclinações que todos nós temos dentro de nosso ser. É vencer os pensamentos negativos que, por vezes, invadem os nossos sentimentos mais íntimos. Vencer os vícios, a intolerância, o ódio, o desamor, a inveja; enfim, tudo aquilo que já estamos cansados de saber e que só serve para atrapalhar nossa vida material e principalmente a nossa caminhada espiritual.

Gente, com toda humildade, tá? Jamais tive ou tenho a pretensão de ser melhor que alguém. Pelo amor de Deus... Longe de mim isso! Sou um simples trabalhador da caridade. Um simples carteiro.

Na verdade, estou abrindo meu coração e compartilhando com vocês o ensinamento que recebi neste livro. É só isso! Não seria justo não partilhar com vocês tantos ensinamentos, tantos esclarecimentos, tantas informações e centenas de orientações. Não seria justo com os meus amigos e leitores que eu guardasse para mim tanto aprendizado.

Ser médium é a coisa mais divina que nos pode acontecer. Quando você compreende e se preocupa em como vai usar esse privilégio, tudo a seu lado se torna divino. Quando você consegue entender isso, tudo fica mais fácil, o universo conspira a seu favor, não tenha dúvida disso! Mediunidade é coisa muito séria. “Não dá para brincar de espiritismo, não dá para brincar de ser médium.”

Embora ser médium seja um grande desafio, pois muitas vezes nos falta a orientação correta. Como posso exercer minha mediunidade com segurança? Como não piorar minha situação no mundo espiritual? Pois sabemos que todo médium é um grande devedor. Qual o caminho a seguir? Posso acreditar em todos os fenômenos e experiências que acontecem comigo? Serão todas elas verdadeiras? Por que eu sou médium? De onde vem a mediunidade? Qual é a hora certa para me desenvolver mediunicamente? Onde devo procurar a orientação correta para isso? Qual o tipo de casa espírita que devo procurar? Quais os tipos de mediunidade que possuo? Será a

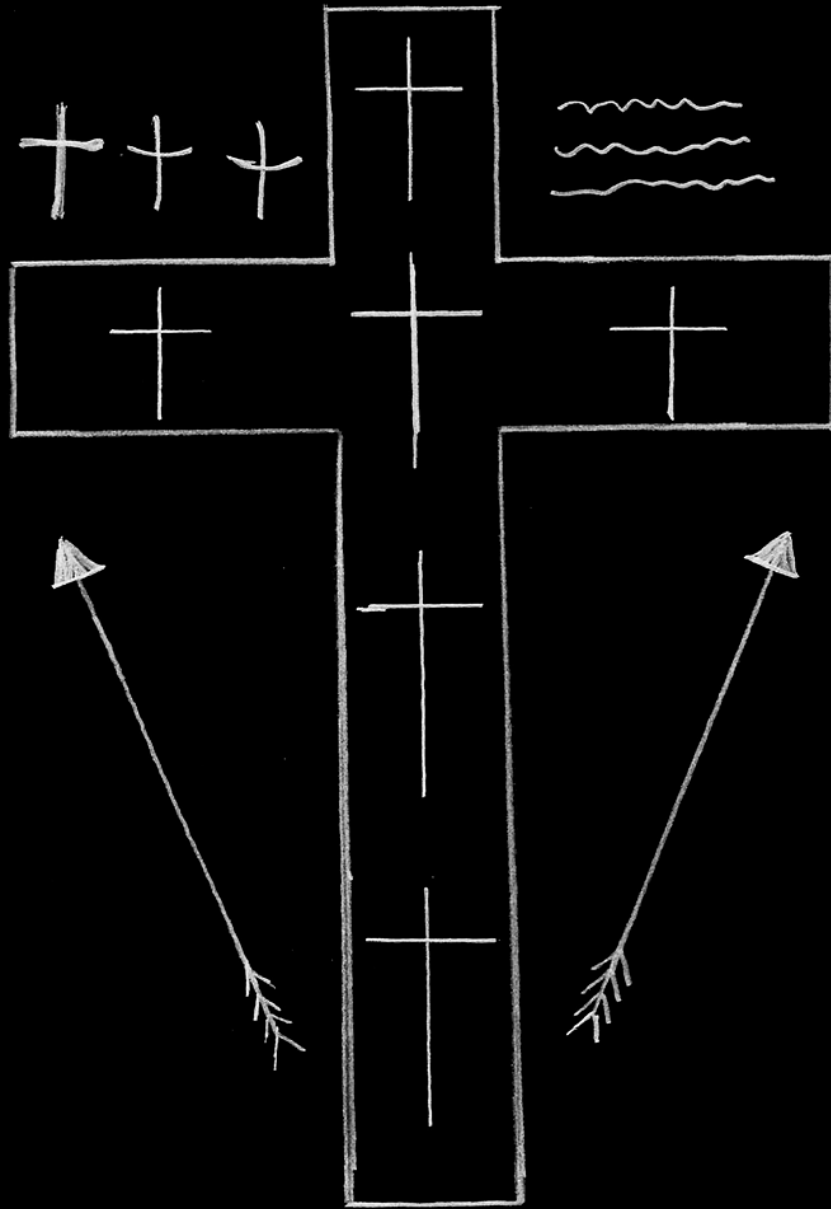
mediunidade coisa de Deus? Umbanda, candomblé, centro de mesa, kardecismo...Qual caminho devo seguir? Devo seguir as orientações do dirigente da casa espírita ao pé da letra? Devo ouvir sempre os espíritos? Como posso me comunicar com os espíritos de luz?

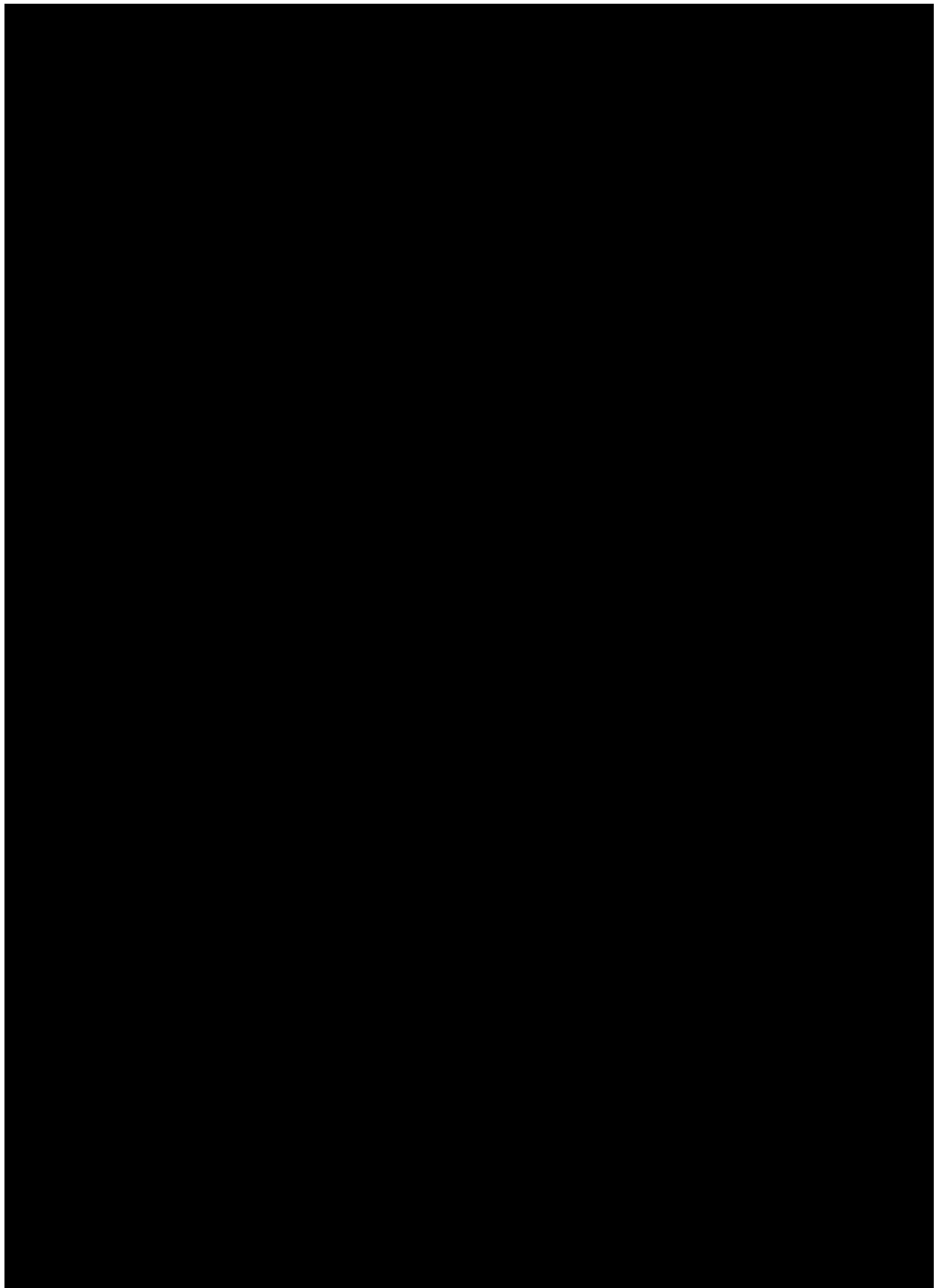
Além disso, quem são os espíritos, guias, mentores, anjos da guarda? Como tudo isso funciona? Onde ficam os espíritos? Oferendas, o que fazer? Será que os espíritos que trabalham nos centros espíritas precisam de oferendas? Por que pedem as oferendas? Charutos, velas, flores, incensos são mesmo necessários? Índios, caboclos, pretos velhos, marinheiros, boiadeiros, quem são? De onde vêm? Por que vêm? Por que eles precisam de rituais? Por que as divisões? Há espíritos em toda parte? Obsessores, o que são? Como evitar a obsessão? Por que, às vezes, nos vemos desprotegidos? Será que os espíritos amigos podem desistir de mim? Por que uns recebem tanta ajuda do mundo espiritual e outros nem tanto? Existem cidades espirituais? Se existem, onde ficam? Quem é Exu? Orixás, quem são? Onde vivem? Por que existem essas denominações? Por que esses espíritos não encarnam mais? Eu posso auxiliar os espíritos quando eu desencarnar? Posso trabalhar ao lado deles?

Quantas perguntas, quantos questionamentos invadem o nosso ser mediúnico neste momento! Você, que começou a ler este livro, já deve estar cheio de perguntas. Eu tive a oportunidade de passar alguns dias ao lado desses espíritos amigos que humildemente me explicaram como tudo isso acontece, como tudo funciona. Espero, sinceramente, que as respostas dadas aos meus questionamentos satisfaçam a sua curiosidade e lhe direcionem ao caminho que eu já encontrei. E espero também, que após a leitura deste livro, finalmente, você acredite que mediunidade é coisa divina, e sendo divina, divinamente devemos tratá-la, respeitá-la e exercê-la.

Boa mediunidade para você! Bem-vindo à *Entrevista com Espíritos – “Os bastidores do Centro Espírita”*.

Osmar Barbosa





“Caríssimos, não acrediteis em todos os Espíritos, mas provai se os Espíritos são de Deus, porque são muitos os falsos profetas, que se levantaram no mundo.”

(João, Epístola I, cap. IV: 1)



O encontro

Existem, no mundo espiritual, cidades espirituais; alguns chamam essas cidades de colônias espirituais; outros, de mundos transitórios e por aí vai. Na verdade, me encontrei com Daniel na Colônia Espiritual Amor e Caridade. Essa colônia fica dentro da Colônia das Flores, que é uma das colônias espirituais mais antigas e maiores instaladas sobre o Brasil. Ela se inicia no Estado de Santa Catarina, adentra ao Estado do Paraná, Mato Grosso do Sul e um bom pedaço do Estado de São Paulo. Como todos podem ver, a Colônia das Flores é bem grande. A Colônia Amor e Caridade foi criada há pouco tempo, cerca de cento e vinte anos aproximadamente. Ela foi criada para oportunizar alguns espíritos a seguirem aprimorando-se evolutivamente. A Colônia das Flores é especializada no atendimento a pessoas que desencarnam, vítimas de câncer. A Colônia Espiritual Amor e Caridade* também tem por especialidade socorrer as crianças, vítimas da mesma doença. Além disso, ela é uma colônia que auxilia alguns centros espíritas instalados no orbe terreno; alguns dos mentores desta colônia auxiliam médiuns a desenvolverem um trabalho de orientação e auxílio aos doentes. Tudo se comunica segundo esses amigos.

Daniel é o presidente da Colônia Espiritual Amor e Caridade. Ele foi frei e viveu no Brasil há mais de cem anos atrás. Hoje, preside com muita competência e amor essa Colônia.

Fui convidado por ele e outros espíritos a escrever esta obra. E tudo começou com uma pergunta muito simples que fiz a eles. Daniel então me convidou a escrevermos juntos o que ele carinhosamente chamou de Orientação aos Centros Espíritas, atualizada. Gostei do nome, embora não tenha tido permissão dele para colocar esse título no livro.

Em desdobramento, me encontrei com ele nos jardins da colônia e ali começamos a conversar.

Daniel é de estatura mediana, cabelos bem cortados e pele clara. Ele usa sempre uma roupa de padre franciscano, e nossa conversa começou por aí. Muito curioso, eu quis saber por que ele se mantinha como frei.

– Daniel, me perdoe a pergunta, mas porque você usa essa roupa de padre, se você já não é mais padre ou frei?

– Não há importuno na sua curiosidade, querido Osmar; eu uso esta roupa que você chama de roupas de padre, mas que na verdade se chama “Hábito de São Francisco” para nunca me esquecer de que foi com essa vestimenta, em uma das minhas encarnações, que enfrentei os meus maiores desafios evolutivos.

– Você está se punindo, Daniel, fazendo isso?

– Jamais Osmar, a punição é coisa dos encarnados. Quando o espírito chega à vida espiritual, ele relembra todas as suas experiências quando estava encarnado. Daí vai que eu utilizo de meu livre-arbítrio para escolher a forma com que vou continuar por aqui. Aquela com a qual quero que todos me vejam, entende?

– Sim, Daniel.

– Pois bem, normalmente nós nos vestimos da forma que mais nos remete aos desafios, a forma que tivemos a oportunidade de experimentar e que nos fez melhorar. Funciona como um lembrete daquilo que não devemos mais fazer. Nenhum espírito que está no mundo espiritual olha para o outro pela

roupa ou pela forma que está se mostrando naquele momento. Todos nós temos um motivo para isso.

– Se eu descobrisse que fui, por exemplo, uma pessoa muito importante no passado, provavelmente eu gostaria de manter essa forma.

– Você, como tantos outros quando chegarem aqui, irá descobrir que a forma externa não representa nada, embora funcione como um lembrete como já lhe disse anteriormente. O que vale mesmo é a forma interior que cada um construiu em si durante sua experiência terrena. O que vale muito aqui são as suas transformações íntimas, as reformas e as suas transformações exteriores.

– Como ficam então os artistas, políticos, cantores e tantos outros que viveram da fama? Como ficam os famosos quando chegam aqui, Daniel?

– Pobres coitados! Alguns sofrem muito quando chegam aqui.

– Por que, Daniel?

– Porque eles não serão mais reconhecidos por seus talentos, pelas descobertas que fizeram, pelas apresentações pitorescas, enfim, por tudo aquilo que é da Terra. Coisas da Terra ficam na Terra, Osmar. Coisa do espírito carrega-se no espírito. A frustração é o que mais eles sentem. Ficam tristes e solitários.

– Como assim, Daniel?

– Aqui o que vale mesmo é o que você carrega dentro de seu coração. O que vale por aqui é o que você fez de bom para seus semelhantes. Se você foi uma pessoa famosa e usou a sua fama, seu dinheiro e seu prestígio para ajudar ao próximo, você será tratado aqui pela parte boa, pela caridade, pela benevolência, pelas atitudes e pela justiça. Por tudo aquilo que você fez em prol da humanidade, e assim vai.

– Amai-vos!

- Esse é o caminho. Amai-vos como Ele nos amou – disse o mentor.
- Difícil, hein, Daniel?!
- Mas não é impossível. Aliás, nada é impossível para Deus.
- Concordo plenamente – disse-lhe.

Continuamos nossa caminhada pelos jardins da Colônia. Daniel caminha a passos curtos, calmo e tranquilo. Afoito, eu caminhava ao seu lado. Ele por vezes interrompe a caminhada, para olhar alguns passarinhos que fazem questão de acompanhá-lo no passeio. O lugar é divino. Há árvores, extensos jardins, flores, pequenas casas e grandes prédios. Alguns espíritos passam a todo o momento perto de nós e fazem questão de cumprimentar Daniel. Ele, gentilmente, responde e agradece a todos.

Foram dezenas de bons dias que ouvi naquela manhã.

A Colônia Amor e Caridade é um lugar muito bonito.

Daniel olhou para mim e gentilmente me perguntou:

– Você quer se sentar?

– Não se incomode comigo, Daniel; quero mesmo é conversar com você, aproveitar esse momento mágico que estou passando aqui ao seu lado. Como é bom estar ao seu lado!

Ele então me disse:

– Eu estou caminhando para que você acalme o seu coração e aproveite este momento para conhecer um pouco mais de nossa colônia. Chego a ouvir as batidas de seu coração aflito desejoso em saber muitas coisas – disse Daniel.

– Nossa, me perdoe se lhe aborreço, Daniel!

– Osmar, acalme o seu coração. Tenha serenidade, eu preciso dela para lhe passar alguns ensinamentos. Para lhe mostrar algumas coisas, para lhe

orientar.

Eu abaixei a cabeça e fiquei olhando para o chão. Por alguns segundos fiquei refletindo e tentando me acalmar. Eu lhe agradei reverenciando-o com um gesto afirmativo de cabeça.

– Você está vendo aquele prédio ali? – disse-me Daniel, apontando-o com o indicador.

– Sim, Daniel.

À nossa frente havia um prédio redondo com altura aproximada de trinta metros, todo revestido de vidro. Na verdade, o prédio todo era parecido com um grande farol. Saíam luzes dele para todos os lados. Havia um feixe maior de luz que descia do céu e entrava no centro do prédio; essa luz era muito forte e entrava por cima da cúpula do lindo e esverdeante prédio.

– Nossa, Daniel, agora é que estou observando melhor! Como é lindo esse prédio! E quanta luz sai e entra nele!

– Este é o prédio da regeneração – disse-me Daniel.

– O que tem lá dentro?

– Espíritos evoluídos trabalhando no refazimento do perispírito dos irmãozinhos que são resgatados do Umbral e chegam aqui muito debilitados.

– Então é para cá que os espíritos que estavam sofrendo no Umbral são trazidos?

– Sim, é neste prédio que tudo recomeça. Ali, os irmãos aflitos chegam muito sofridos e recebem os fluidos necessários ao seu reequilíbrio. É importante você saber que esse é um posto de socorro. Toda colônia tem um prédio como esse.

– Eu posso ver como tudo funciona?

– Infelizmente ainda não posso levar você até lá. Para que possamos entrar lá é necessário que agendemos nossa visita. Afinal, eles estão trabalhando muito, e nosso intuito é de não atrapalhar, não é mesmo?

– Sim, Daniel, perdoe-me querer me intrometer onde não devo.

– Não é questão de intrometer-se, o termo certo é satisfazer a sua curiosidade.

– Verdade – disse-lhe. – Perdoe-me a minha curiosidade, Daniel.

– Os espíritos em evolução são muito curiosos – afirmou o mestre.

– Daniel, porque existem as Colônias Espirituais?

– As colônias espirituais foram criadas antes mesmo de o planeta Terra receber a primeira alma. Tudo é muito bem organizado aqui no mundo espiritual, Osmar. Ele, que tudo sabe e tudo vê, sabia da necessidade desses postos de apoio evolutivo aqui na vida espiritual. Todos os que encarnam precisam de apoio para superar as provas evolutivas. As idas e vindas à encarnação são necessárias a todos os espíritos. É encarnando que o espírito desenvolve o que de melhor há dentro dele. A encarnação é um exercício necessário a todos. A Terra e os demais planetas são escolas evolutivas. É frequentando a escola que todos aprendem as lições, e é por meio das lições que todos evoluem. Prova e expiação. É isso!

– Perdoe-me a intromissão novamente, mas você já não reencarna mais; pelo que eu tenho estudado e conheço a seu respeito, você não vai mais encarnar Daniel? Por quê?

– Eu posso sim, me oferecer ou mesmo aceitar uma encarnação, seja ela expiatória ou evolutiva.

– Como assim, Daniel?

– Os espíritos são e serão sempre livres para decidirem sobre seu estado evolutivo. Eu atingi um estágio nessa grande jornada evolutiva. Posso

permanecer nele se melhor me convier, ou posso buscar evoluir ainda mais, para alcançar planos ainda mais superiores.

– Quer dizer que existem mundos acima desse em que estamos agora? Ou planos, sei lá como dizer?

– Exatamente assim. O Universo é subdividido em estações evolutivas. Estamos agora, eu e você, em uma dessas estações. Alguns nem conseguiram chegar até nós, mas outros já transcenderam e estão bem acima desse plano onde está a Colônia Amor e Caridade. Acima desta estação evolutiva.

– Deixe-me ver se entendi: eu estou aqui agora. Se eu desejar aumentar meu conhecimento divino, preciso evoluir mais. É isso?

– Sim, só se elevam aos olhos do Criador aqueles espíritos que experimentam as provas evolutivas da alma. Quando está encarnado você é alma, e quando deixa o corpo físico você volta para o mundo dos espíritos, daí você volta à sua condição original, que é a de espírito.

– Entendi, Daniel, mas perdoe-me, por que você está aqui e não encarnado para evoluir ainda mais?

– Quando trabalhamos no mundo espiritual é quase a mesma coisa que estarmos encarnados. Pode não parecer, mas aqui há desafios evolutivos todos os dias. Eu estou evoluindo.

– Como assim?

– Quando você recebe a oportunidade de trabalhar em uma colônia como esta, por exemplo, você vira um operário na vida espiritual. E passa a receber um salário aqui. Este ordenado lhe capacita a ascender a outras esferas.

– Como assim? Perdoe-me, não entendi! Estou ficando ainda mais confuso.

– Vou usar um exemplo de quando o espírito está encarnado, *ok?*

– *Ok.*

– Na Terra você nasce, cresce, estuda, se forma, trabalha, recebe por seu trabalho, não é assim?

– Sim – disse-lhe.

– O que acontece se você não trabalhar?

– Não ganho salário, ora!

– E sem salário você consegue sobreviver?

– Até conseguirei, mas vou viver sem conseguir realizar meus sonhos, meus projetos, não vou conseguir comprar muita coisa etc.

– Aqui é exatamente assim. Qual é o sonho de quem trabalha e ganha um bom ordenado?

– Adquirir coisas boas, tais como casa, carro, viagens etc., é isso?

– Você só vai conseguir isso pelo seu esforço, não é?

– Sim, seja ele qual for, tem de haver um esforço meu, seja para cursar uma boa faculdade, desenvolver algum talento etc.

– Na vida espiritual é igual. Quanto mais você trabalha aqui, mais salário você recebe e utiliza-o para o seu bem-estar.

– Você fala bem-estar espiritual, não é?

– Sim, aqui não há coisas materiais. Aqui você trabalha e ganha seu salário e o utiliza para a sua evolução pessoal. Ninguém aqui pode usar o que conquistou para que outro espírito evolua. Tudo aqui é pessoal e intransferível.

– Entendi, Daniel! Puxa, legal isso!

– Tudo aqui é muito legal – assegurou o mentor.

– Então por que, em vez de irem sofrer na Terra, os espíritos não permanecem aqui se desenvolvendo e evoluindo?

– Aí é que está a grande questão, Osmar. Para que um espírito fique aqui trabalhando e evoluindo, ele há de ter conquistado uma parcela evolutiva. Nem todos os espíritos podem ficar aqui evoluindo, infelizmente.

– Porque *infelizmente*, Daniel?

– Porque para nós é um sofrimento ver aqueles que amamos, sofrendo encarnados, passando por provas tão difíceis, que são as provas da encarnação. Ficar aqui é um dos primeiros passos rumo à evolução espiritual. Ficar aqui é um privilégio!

– Eu creio nisso. Porque estar encarnado é muito difícil, Daniel.

– Bota difícil nisso. Viver sob o véu da incerteza não é fácil mesmo.

– Mas, por que isso?

– Existem alguns porquês que não são respondidos ainda dentro de nossa compreensão do que é Ele.

– Entendi, quer dizer que existem coisas que ainda não nos são permitidas compreender?

– Não, tudo nos é permitido compreender; o que nos falta ainda é a compreensão de compreender os desígnios d’Ele. Falta-nos a inteligência para compreender Deus.

– Verdade, Daniel!

– Mas por outro lado, existem oportunidades infindas para os espíritos evoluírem.

– Você pode me mostrar algumas?

– Sim, claro que sim!

– E vamos começar por onde?

– Por onde você deseja – disse ele.

Eu pensei: “Ai meu Deus, será que eu serei capaz de fazer perguntas a um espírito tão iluminado? Tão evoluído?”.

Daniel parecia ler meus pensamentos e me interrompeu dizendo:

– Vamos começar pelos centros espíritas?

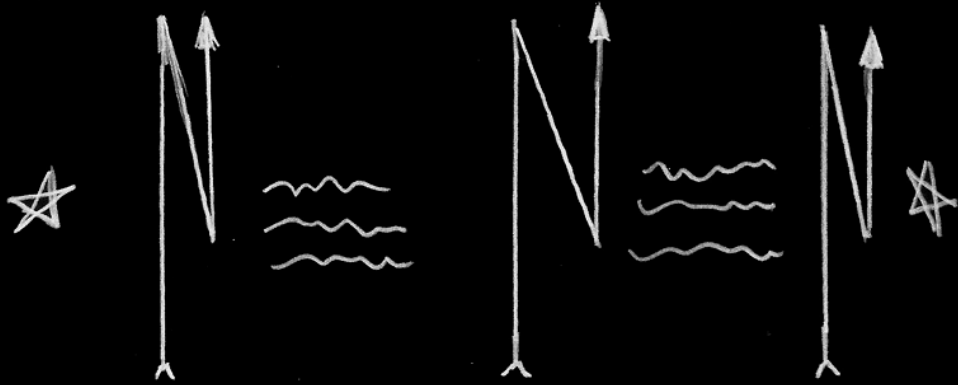
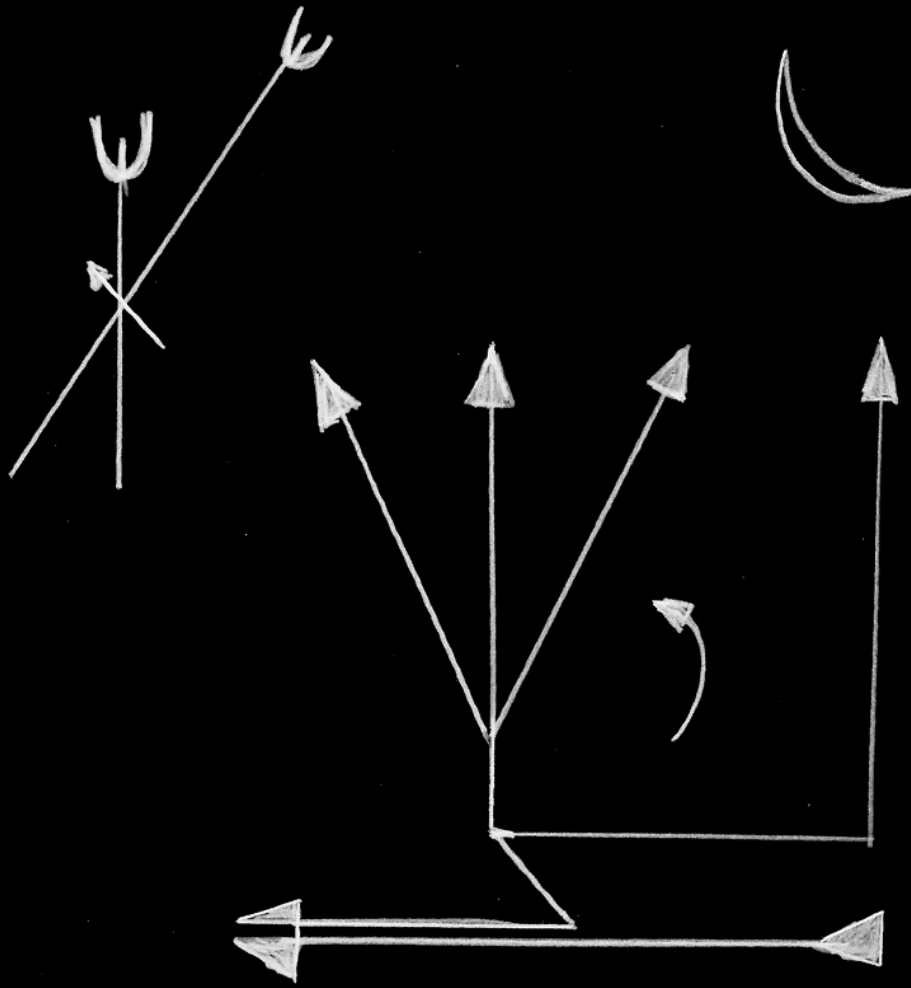
– Caramba, Daniel, eu estava pensando nisso! Os centros espíritas são tão incompreendidos, confusos e misteriosos.

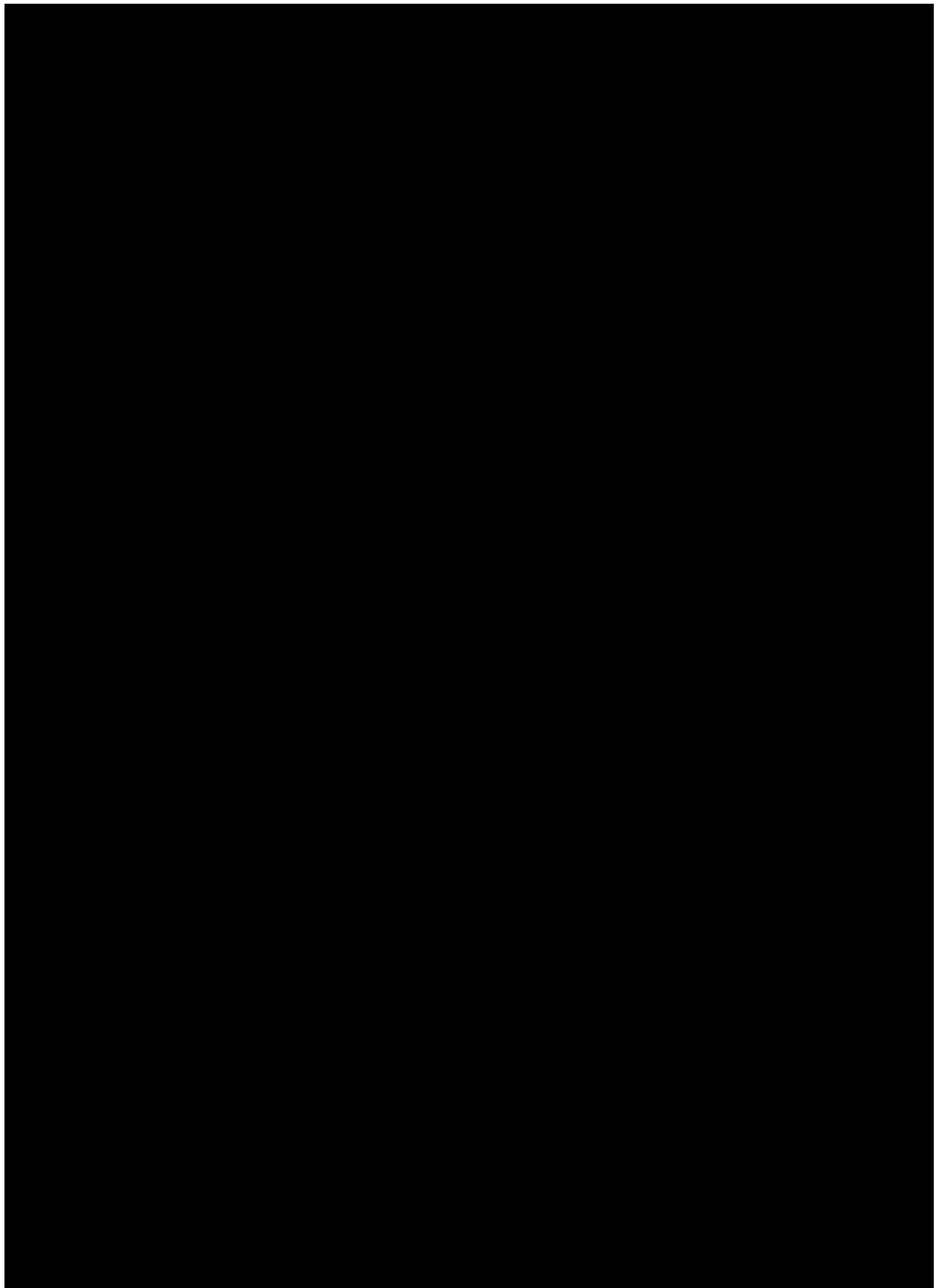
– Verdade – disse Daniel.

– Então vamos começar pelos centros espíritas, porque é no centro espírita que tudo começa; é no centro espírita que estão centenas de oportunidades evolutivas. Se todos usarem o centro espírita como escola religiosa, todos ascenderão com mais facilidade à vida espiritual – sugere novamente o mentor.

– Vamos lá – disse eu.

* A história da Colônia você encontra no livro “Colônia Espiritual Amor & Caridade”, psicografado por Osmar Barbosa.





“Os centros espíritas são estações de acolhimento, onde os espíritos enviados por Deus correm para socorrer as almas aflitas.”

Osmaiz Barbosa



O Barracão de Candomblé

– Você se importa se começarmos pelos centros kardecistas, Daniel?

– Em primeiro lugar, todos vocês têm que compreender que Allan Kardec não abriu sequer um centro espírita. Ele simplesmente codificou o espiritismo. Os nomes foram vocês quem deram: centro disso, centro daquilo é coisa dos encarnados. Kardec levou até vocês uma nova doutrina. Ele só mostrou o caminho. O resto é com os encarnados. E antes mesmo de Kardec chegar já havia espiritismo sobre a Terra.

– Nossa, isso é verdade mesmo! Então, como poderemos falar das diversas ramificações que se criaram em torno do espiritismo?

– Da mesma forma que se criaram as ramificações religiosas em torno de outros livros, tais como a Bíblia, o Alcorão, a Torá etc. Mas vamos fazer assim: espiritismo e ponto.

– Sim, Daniel. Não serei eu que vou começar a dividir o espiritismo. Eu até já havia decidido falar de espiritismo e pronto!

– Muito bem, rapaz!

– Quer dizer então que tudo que gira em torno desses livros é criação do homem?

– Sim, vocês, encarnados, é que criaram denominações e diretrizes de acordo com a vossa compreensão da palavra de Deus. Na verdade, foi pela

vontade e pelo excesso de ego que vocês criaram nomes e denominações espíritas.

– Mas qual é o caminho certo, então?

– O que lhe faz melhor.

– Como assim, Daniel?

– Não importa onde você esteja, se ali estiver o seu coração. Se você está em determinada crença e ela lhe modifica, lhe torna um espírito melhor, lhe transforma – é essa a denominação que você deve seguir. Mas se você está em determinada crença ou religião e ela não lhe modifica, procure logo aquela que vai lhe ajudar a se tornar perfeito, se não um ser melhor. Lembrando sempre que a perfeição é o destino de todos os espíritos.

– Compreendo. Mas você pode me explicar como tudo funciona, por exemplo, em um centro de candomblé?

– Vamos fazer assim: para cada dúvida relacionada a centros espíritas, vamos levá-lo para conhecer bem de perto como tudo acontece, como tudo funciona. Eu mesmo posso lhe acompanhar ou peço a algum amigo que vá com você fazer as visitas; não importa aonde você queira ir, pode ser a um centro espírita ou igreja, seja lá o que for. E visitando, você poderá assimilar melhor os ensinamentos que iremos lhe passar, pode ser? Pode ser assim?

– O que dizer, Daniel? Aprender na prática é a melhor forma. Eu acho!

– Então vamos?

– Sim, vamos!

Daniel então me transporta para um Barracão de Candomblé. Logo que chegamos havia um rapaz negro, alto e de olhos verdes. Ele estava vestido apenas com uma tanga que lhe cobria somente as partes íntimas. Seu cabelo era enrolado e longo. Ele trazia na mão uma lança com uma ponta bem

afiada, daquelas de caçadores africanos e na outra mão, uma ferramenta que se parecia como uma grande chave dourada. No peito, um lindo colar feito com dentes de animais. Ele parecia um índio, mas não era um índio. Ele era negro, alto e forte. Daniel e eu nos aproximamos do rapaz, que sorriu e após juntar as duas ferramentas em uma única mão, estendeu a mão direita para cumprimentar o nobre espírito.

– Bom dia, Daniel! – disse o ilustre guardião.

– Bom dia, meu amigo! Eu trouxe aqui um amigo meu, o nome dele é Osmar. Eu o trouxe para conhecer um pouco sobre o candomblé. Você pode me ajudar?

– Seja bem-vindo, Osmar! – disse o rapaz estendendo-me a mão direita.

Eu o cumprimentei e agradei com um gesto de cabeça. Fiquei meio sem assunto naquele momento. Na verdade eu estava impressionado com tudo aquilo, e meio assustado.

– Fique à vontade, Daniel, para lhe mostrar tudo – disse o rapaz.

– Na verdade, eu gostaria de lhe pedir essa gentileza – solicitou Daniel.

– Você quer que eu apresente o candomblé a ele?

– Se for possível...

– Com o maior prazer, Daniel! Deixe-o comigo, que vou lhe apresentar um pouco do candomblé.

– Obrigado, meu amigo! – disse Daniel.

– Você não vai ficar, Daniel? – perguntei.

– Eu tenho algumas coisas para fazer na colônia, fique com o meu amigo. Osmar, ele é o espírito credenciado a lhe apresentar tudo! Você está em boas mãos! Aproveite bem esta oportunidade para conhecer e aprender um pouco sobre o candomblé.

– Obrigado, Daniel! – disse-lhe.

– De nada, e até já!

– Até já, meu amigo!

Daniel se despede do rapaz e sai rapidamente de perto de nós.

Eu continuava um pouco assustado, mas logo o meu instrutor me deixou mais calmo. Ele me convidou a entrar no barracão de candomblé. Sua calma e serenidade e o seu jeito de me olhar me acalmaram. Algo mágico aconteceu naquele momento, parecia que aquele rapaz tinha a capacidade de encantar as pessoas e acalmá-las.

Caminhamos em silêncio, lado a lado, até chegarmos ao interior do prédio. Eu pude observar que não havia ninguém no interior do barracão. O lugar estava deserto. Sentamo-nos em duas cadeiras brancas colocadas no que me parecia o centro de um terreiro. O lugar era bem simples, e o chão, de terra batida. Havia uma pequena grade feita de madeira que separava os visitantes do lugar do ritual. Havia ainda quatro tambores, ou melhor, atabaques longos cobertos com panos brancos. Nas paredes eu pude ver seis quadros, dos quais quatro eram de dirigentes que já haviam desencarnado, e dois eram de figuras ou entidades do candomblé que eu não conhecia.

Fiquei ali sentado, olhando tudo, admirado com a simplicidade do lugar. Não havia laje, e o teto era de palha. Todas as paredes estavam pintadas de branco. Tudo estava deserto e estranhamente silencioso.

Como o meu instrutor não falava nada, eu fiquei quieto observando o que iria acontecer. Meu coração estava em paz. Foi quando ele me chamou para darmos uma volta pelo lado de fora do lugar.

– Venha comigo, Osmar, quero lhe mostrar algumas coisas antes que chegue o povo do santo para a reunião.

– Sim, amigo – concordei –, perdoe-me, mas você tem um nome?

– Sim, eu me chamo Bará, mas você pode me chamar do que você quiser Exu ou Ésù, se preferir me chamar assim, títulos neste momento não são importantes. O mais importante é a mensagem que eu trago para que você registre em seu livro.

– Obrigado Bará. Eu posso te fazer algumas perguntas?

– É para isso que você está aqui.

– Então vamos lá! Qual é a sua função aqui?

– Além de guardar este local eu sou o Orixá incumbido de trazer, guardar e levar as mensagens aos Orixás. Eu sou o mensageiro. Além é claro de outras atribuições que me competem.

– Você fica aqui o tempo todo?

– Não, claro que não! Lembre-se eu sou um Orixá. Eu estou aqui para guardar o lugar até que comecem os trabalhos de hoje. E após terminar eu volto para o lugar onde mais gosto de ficar.

– Hum, entendi! – calei-me então.

Saímos, e eu pude observar que o lugar era bem grande. Havia bananeiras com cachos, e outras árvores; algumas delas eram ervas, outras eram frutíferas. Tinha laranjeiras, um pé de tangerina e duas goiabeiras, além, é claro, de várias árvores que deixavam o lugar sombrio e frio.

– Venha, quero lhe mostrar como tudo começa por aqui – disse Bará.

Caminhamos até o portão principal do lugar. Havia à esquerda um cômodo pequeno, e à nossa direita outro cômodo com as mesmas medidas. Na porta havia penas de aves dependuradas. Algumas penas tinham a asa inteira do animal que, dilacerado, a perdera para enfeitar a porta do lugar.

Havia ainda alguns jarros com ervas maceradas e outro com uma espécie de líquido que parecia uma mistura de sangue com água, ou coisa assim.

Curioso, fui logo perguntando qual era o motivo de tudo aquilo ali.

– Bará, me perdoe, mas isto são restos de animais?

– Sim, são restos de animais.

– Mas o que isso tem a ver com o espiritismo, com Orixás?

– Foi você quem quis saber um pouco sobre o candomblé, lembra-se?
Você pediu isso ao Daniel.

– Eu não lhe pedi, mas o meu subconsciente estava curioso. Sabe, meu amigo, eu acho que pedi sim. Sei lá!

– Então vamos aprender?

– Está bem! – respondi.

– Comece aprendendo que o candomblé é uma religião que não tem nada a ver com o espiritismo. O candomblé é uma religião por meio da qual se pratica o culto aos deuses, em sua maioria, de origem africana. Aqui, neste ambiente em que nos encontramos agora, os adeptos dessa religião, nossos seguidores, prestam culto aos orixás, que são deuses africanos, são divindades, além disso eles têm ainda algumas outras atribuições. Os orixás são divindades africanas que chegaram a diversos lugares do mundo pelos escravos que foram traficados da Nigéria, país da África, e de outras nações, mas principalmente dessa que citei. Os nossos seguidores prestam esse tipo de culto invocando as forças da natureza e dos orixás; eles acreditam que se aproximando dessas divindades e cultuando-as da forma correta eles conseguem equilíbrio e força para seguirem auxiliando os mais necessitados. E é claro, o auxílio próprio também. Nós sabemos que o equilíbrio é necessário a todas as almas encarnadas, extraímos das forças da natureza o equilíbrio necessário à felicidade plena. Assim, o candomblé nada mais é do que o culto a essas divindades que são deuses africanos.

Minha curiosidade quase explodia meu coração. Meus pensamentos fervilhavam, mas eu decidi me calar e esperar o momento oportuno para fazer mais perguntas.

Ele então prosseguiu:

– É por meio dos rituais de dança, cantos e sacrifícios que nossos seguidores se conectam às divindades e pedem auxílio. Você pode não acreditar, mas tudo o que está na natureza física detém o elemento vital para a sobrevivência e para a saúde do corpo físico. Há também um fluido, dentre tantos outros, que é muito utilizado por nós, espíritos; esse fluido se chama magnetismo.

– E qual é a função desse fluido? Por que ele existe?

Embora eu soubesse um pouco sobre os fluidos, decidi perguntar isso ao Bará para aprender com ele um pouco mais.

Ele então prosseguiu:

– Existe uma influência mútua entre todos os seres da Criação. É por meio desse fluido elétrico que os seres pensantes se atraem ou se repelem, e influenciam mutuamente segundo seus pensamentos, suas emoções e seus sentimentos.

Eu então perguntei:

– Como assim, Bará?

– Tudo o que Olorum criou detém uma energia específica. Por exemplo: combinadas, as plantas viram remédios que curam as doenças da alma e do corpo físico. As árvores, combinadas, criam as florestas que são essenciais à vida na Terra. O rio alimenta o mar; e o ar, se não estiver puro, prejudica a saúde; o adubo natural é o que possibilita o alimento que é essencial à vida humana e por aí vai.

– Você está me dizendo que tudo na natureza tem o fluido de Deus?

– Se não tivesse, não existiriam.

– Perdoe-me a ignorância, meu amigo, mas tem outra forma de você me explicar tudo isso? Você poderia ser mais claro?

– Sim. Preste muita atenção no que vou lhe ensinar: seu corpo físico não é nenhuma obra-prima. O corpo que você usa para evoluir é, na verdade, o resultado de uma mistura de elementos da natureza. Você é um esboço feito de pequenos retalhos, você é a soma de vários animais. A evolução foi quem esculpiu seu corpo físico. A natureza pegou o cérebro que surgiu em um verme, as nadadeiras de um determinado peixe, e ainda a aparência de um macaco, misturou tudo isso e surgiu seu corpo físico. Aquele que você utiliza para evoluir nas provas que experimenta encarnado. E ainda mais, quando necessitamos compartilhar de uma convivência com alguém, para juntos traçarmos o destino evolutivo, o nosso encontro se dará infalivelmente, pois seremos atraídos mutuamente por força de uma imantação magnética que liga os nossos destinos para uma convivência em comum.

Essa imantação é construída por meio das nossas ações praticadas durante nossas vidas sucessivas, segundo as quais não só imantamos as pessoas, mas também os acontecimentos que irão compor o roteiro das nossas provações e resgates enquanto encarnados neste mundo de expiação e prova.

É pelo magnetismo cósmico ou fluido universal, se você preferir chamar assim, que nos imantamos e nos submetemos às leis naturais e divinas que nos impulsionam na direção das nossas necessidades evolutivas, situando-nos exatamente onde merecemos estar e com quem devemos estar segundo as leis de causa e efeito. É assim que tudo acontece e é assim que evoluímos.

– No plano espiritual as coisas também funcionam assim?

– Sim, claro que sim. Fluidos existem na vida física e também nos planos espirituais. Tudo é fluido, tudo é essência divina, tudo é alquimia e

magnetismo.

– Caramba, Bará! Que lindo ensinamento! Nossa! Chego a ficar emocionado. Eu nunca pensei que um Orixá assim como você fosse detentor de tanto conhecimento, de tanta sabedoria. Perdoe-me!

– Se eu não evoluir não conquistarei nada. Antes de me tornar um Orixá eu passei longos períodos expiatórios para alcançar o posto em que eu me encontro agora. Todo Orixá é detentor de grande sabedoria, se assim não fosse não seria Orixá.

– Nossa! – disse-lhe.

– Obrigado, Osmar!

– Tem mais alguma coisa sobre isso que você quer me dizer? – perguntei-lhe.

– Sim.

– Prossiga, então meu amigo!

– Assim como tudo se origina de uma transformação do fluido universal, o magnetismo ou fluido magnético, como você preferir chamar, também é uma modificação do fluido universal e não difere do fluido vital. Na verdade, é por meio das modificações fluídicas que nós, espíritos, Orixás e outros iluminados, realizamos todas as proezas conhecidas até agora por vocês, encarnados. É por meio desses fluidos que manipulamos tudo. É pela manipulação fluídica que tudo acontece.

– Nossa, eu não tinha pensado nisso! Eu nem podia imaginar que as coisas são assim. Na verdade, eu fazia uma ideia, mas não sabia que as coisas são assim. Quando estudei os Orixás, aprendi muita coisa sobre isso, confesso!

– Tudo na Criação está ligado, meu amigo. Todos nós somos o desejo de Olorum e estamos destinados à evolução. Vou lhe deixar uma frase que

servirá para você compreender tudo o que se passa em sua existência.

– Manda ver, Bará!

– Tudo o que Olorum criou e cria é para o seu bem-estar, e tudo o que existe, mas tudo mesmo, é para lhe auxiliar na evolução. Então todos nós estamos ligados para evoluirmos sempre, todos – assegurou Bará.

– Lindo ensinamento, meu amigo!

– Obrigado! Agora vamos aprender um pouco mais sobre o candomblé?

– Vamos sim. Mas antes deixe-me lhe perguntar uma coisa: Olorum é Deus. É isso?

– Sim, Olorum e Deus são a mesma coisa.

– Eu já sabia, mas é importante esclarecer isso.

– Vamos continuar?

– Sim, perdoe-me. Você pode continuar.

– Esses pequenos quartos espalhados pela propriedade, onde está localizado este barracão de candomblé, são o que chamamos de casas de santo ou casas de orixás, alguns denominam na linguagem da nação do Òrìsà ali presente. Nesses lugares os adeptos cultuam e alimentam as divindades. Vamos entrar lá no barracão, porque os seguidores estão começando a chegar.

– Eu posso continuar chamando vocês de Orixás?

– Sim claro que sim, perdoe-me por as vezes usar outro linguajar.

– É que quanto mais simples, melhor a compreensão, eu acho! – disse-lhe.

– Continue escrevendo com simplicidade Osmar, é disso que a religião precisa, simplicidade! – disse-me Bará.

Várias pessoas já estavam no lugar. Elas chegaram sem que eu percebesse.

Entramos e nos sentamos próximos a um banco onde os rapazes (Ogãs) que batem os atabaques ficam. Nos posicionamos ali e logo todo o ambiente estava tomado por homens e mulheres vestidos com roupas apropriadas ao ritual. Colares, saias brancas, flores... O lugar estava repleto de pessoas; até então eu não tinha visto nenhum espírito.

– Bará, me parece que vai começar o ritual – disse-lhe.

– Sim, eles já vão dar início à ritualística.

– Rituais funcionam?

– Desde que o mundo é mundo que rituais e sacrifícios são levados aos deuses ou, se preferir, Orixás. Na Antiguidade era comum dar um carneiro em sacrifício a Deus.

– Você quer me dizer que isso que eles fazem aqui é certo?

– Vou lhe dar alguns exemplos de sacrifício, presentes no livro que vocês mais leem, pode ser?

– Você fala da Bíblia?

– Este é o livro que vocês mais leem?

– Sim, a Bíblia é o livro mais lido do mundo.

– Então é deste livro que vou lhe passar alguns ensinamentos.

– Vamos ver – disse-lhe.

Ele então prosseguiu:

– Deus exigia sacrifícios de animais para que a humanidade pudesse receber perdão dos seus pecados. Está escrito em Levítico 4:35 e 5:10.

Vendo minha cara de assustado, ele então me perguntou:

– Posso continuar?

– Claro, Bará! – disse-lhe.

“Como pode um Orixá saber textos bíblicos?!”, pensei.

– O sacrifício de animais é um tema importante encontrado em todas as escrituras. Quando Adão e Eva pecaram, animais foram mortos por Deus para providenciar vestimentas para eles, isso está escrito em Gênesis 3:21.

Eu não pude disfarçar meu espanto. Ele então prosseguiu:

– Caim e Abel trouxeram ofertas ao Senhor. A de Caim foi inaceitável, porque ele trouxe frutas; enquanto a de Abel foi aceitável, porque ele trouxe “das primícias do seu rebanho e da gordura deste”, isso está na Gênesis 4:4-5.

Nesse momento virei-me e olhei bem dentro dos olhos de Bará, que prosseguiu:

– Depois que o dilúvio recuou, Noé sacrificou animais a Deus. Esse sacrifício de Noé foi de aroma agradável ao Senhor, e isso está em Gênesis 8:20-21.

– Meu Deus! – disse-lhe.

Bará então prosseguiu.

– Deus ordenou que Abraão sacrificasse seu filho, Isaque. Abraão obedeceu a Deus, mas quando estava prestes a sacrificar a Isaque, Deus interveio e providenciou um carneiro para morrer no lugar de Isaque, de novo em Gênesis 22:10-13. O sistema de sacrifícios atinge seu ponto máximo com a nação de Israel quando Deus ordenou que essa nação executasse inúmeros sacrifícios diferentes. De acordo com Levítico 1:1-4, um certo procedimento era para ser seguido. Primeiro, o animal tinha que ser perfeito. Segundo, a pessoa que estava oferecendo o animal tinha que se identificar com ele. Então, a pessoa oferecendo o animal tinha que infligir

morte ao animal. Quando feito em fé, esse sacrifício providenciava perdão dos pecados. Um outro sacrifício, chamado de dia de expiação, descrito em Levítico 16, demonstra perdão e a retirada do pecado.

Naquele momento eu pude perceber que Bará é, na verdade, um espírito muito evoluído e sábio. Ele continuou a me explicar os sacrifícios.

– O grande sacerdote tinha que levar dois bodes como oferta pelo pecado. Um dos bodes era sacrificado como uma oferta pelo pecado do povo de Israel, isso está em Levítico 16:15; enquanto que o outro bode era para ser solto no deserto (Levítico 16:20-22). A oferta pelo pecado providenciava perdão, enquanto que o outro bode providenciava a retirada do pecado.

– Nossa, eu não sabia disso! – disse-lhe, espantado com tamanha sabedoria.

– E tem mais – disse ele.

– Sério?! – perguntei, surpreso.

– Sim.

– Então, continue, meu sábio amigo.

– Podemos?

– Claro, agora fiquei ainda mais curioso. Eu nem imaginava que você é assim.

– Assim como?

– Sábio, inteligente, profundo conhecedor das coisas de Deus.

– Para ocupar o cargo que me foi oferecido é necessário que eu tenha certo grau de elevação. É assim que as coisas funcionam aqui. “Só o estudo e a disciplina capacitam espíritos para o trabalho.”

– Sim, mas Bará...

– Nomes não são importantes aqui. O que mais importa para nós são as oportunidades evolutivas.

– Eu sei disso, mas quanta sabedoria para falar sobre sacrifícios!

– Eu lhe agradeço as palavras, Osmar. Mas gostaria que você e todos que vão ler essa história saibam quais são os maiores sacrifícios que todos nós podemos fazer para agradar a Deus.

– E quais são esses sacrifícios?

– Os sacrifícios que mais agradam a Deus são aqueles que você faz para se tornar um espírito melhor. Qualquer outro tipo de sacrifício que você fizer em nome de Deus sem os propósitos de Deus é perda de tempo. Aliás, qualquer coisa que você faça sem Deus em seu coração é perda de tempo.

– Ainda há pouco vi que eles sacrificaram umas galinhas, tiraram o sangue e derramaram sobre imagens dentro daquelas casinhas lá fora. Confesso que fiquei sem entender muito bem porque matar um animal serve para agradar ou adorar uma divindade.

– Foi assim que passaram para eles os ensinamentos. Assim o candomblé chegou a este continente. Desde sua origem, no candomblé se sacrificam animais para agradar aos deuses, assim como se fazia na Antiguidade. Aqui no Brasil os animais eram soltos nas matas para agradar aos deuses. Os negros não sacrificavam os animais, pois tinham muito medo dos senhores do engenho, e então, em vez de sacrificá-los, eles os soltavam na natureza. Esses animais eram as oferendas, até que...

– Até que o que?

– Venha comigo, vou lhe mostrar como tudo isso começou. Vamos voltar à Antiguidade.

Bará então colocou sua mão direita sobre minha testa e me levou a uma fazenda muito distante. Fomos rapidamente. Lá, havia um ritual muito

parecido com aquele que eu estava presenciando naquele barracão. Sentamo-nos próximos ao homem que comandava o ritual. Ali, pude ver o primeiro espírito do candomblé; claro, depois do meu amigo Bará. Era um rapaz negro, alto, todo pintado de branco. Havia bolas brancas de luz que circundavam o corpo dele. Vi quando o mestre de cerimônias entregou nas mãos dele uma galinha. Ele então soltou o animal que, hipnotizado, não conseguia se mexer. Um médium se aproximou do espírito e começou a falar por ele. Pude ver como eles se comunicam. Ali, eu vi a primeira incorporação mediúnica.

O espírito disse: “Meus filhos, vocês estão me ofertando esse animal, e logo que o soltam as crianças que passam fome na aldeia tratam de pegá-lo para comê-lo. Eu fico sem minha oferenda, mas fico satisfeito, porque ela está alimentando quem passa fome.”

O dirigente então pegou o animal pelas patas e decepou-lhe a cabeça, oferecendo ao espírito o animal sacrificado. Ofereceu-lhe o sangue daquele pobre animal. O espírito, muito aborrecido, se afastou imediatamente do médium que intercedeu dizendo estar satisfeito com o sacrifício.

– Que coisa horrível, Bará!

– Sim, não foi o espírito que pediu o sacrifício, não era necessário naquele momento, mas sim um médium mal-intencionado. Porém, o sacrifício é uma coisa que agrada às divindades. Muitos animais já foram sacrificados para agradar aos Orixás, como pude lhe mostrar acima. Milhares de animais foram sacrificados para agradar a Deus, lembre-se disso.

– Confesso que não consigo acreditar que isso sirva de alguma coisa nos dias de hoje.

– Nos dias de hoje fazem-se muitos sacrifícios para agradar entidades, sejam elas do candomblé, da umbanda, da quimbanda e de tantas outras denominações religiosas.

– E isso agrada realmente a esses espíritos? Será que é mesmo necessário o sacrifício para ter algum benefício desses espíritos? Eles precisam disso para evoluir?

– Deuses, divindades ou espíritos de luz não precisam de sacrifícios para evoluir. O que os espíritos precisam é tão somente que lhes sejam oferecidas oportunidades evolutivas. O que aconteceu foi que o médium mal-intencionado criou um ritual que é mantido até os dias de hoje. Derrama-se muito sangue animal em nome de Orixás que nada têm a ver com isso.

– Eu continuo achando que é desnecessário o sacrifício de animais. Não faz sentido!

– Mas tem uma coisa muito positiva que esse Orixá fez. Observe:

Eu pude ver quando o Orixá voltou e ordenou que aquela galinha morta fosse cozida e oferecida a todos os que estavam participando daquele ritual. Foi então que eu perguntei a Bará:

– O que ele fez agora?

– Agora como você pode ver, e até os dias atuais é assim. Os animais sacrificados para agradar aos Orixás são cozidos e saciam a fome daqueles que são seguidores do Candomblé. Assim o sacrifício cumpre outro papel muito importante para os seguidores dessa religião.

– Melhor assim!

– Osmar, tem uma coisa que todos vocês precisam aprender.

– O que?

“No candomblé, Olorum, que é o Criador de todas as coisas, se encontra em plano tão superior em relação aos seres humanos e é de tal forma inexplicável e incompreensível, que seria inútil fazer um culto ou sacrifício específico em sua honra e louvor, já que o Absoluto não pode ser alcançado

pelo ser humano em decorrência de suas limitações e imperfeições. Não confunda Olorum com Oxalá.”

– Quer dizer que no candomblé não há oferendas a Deus ou Olorum?

– Exatamente isso. No Candomblé não se faz e nem se oferece nada a Olorum ou Deus, se assim preferir chamar. Fazem-se oferendas a Oxalá que, é um Deus específico.

– Essa eu também não sabia!

– Pois é, não se sabe, mas se julga – disse Bará.

– Infelizmente as pessoas são assim. O mundo é assim! É muito difícil para nós acreditar em tudo isso! Enxergar com os olhos dos espíritos.

– Cada um tem o direito de acreditar naquilo que melhor lhe convém; se eles não quiserem ouvir estas palavras agora, outros trarão essa mesma mensagem em outras oportunidades em outros livros, em outras casas de santo, em outros barracões, em outros centros espíritas e por aí vai.

– Posso então seguir adiante com esse aprendizado?

– Você, como todos que estão lendo este livro, é livre para pensar, refletir, acreditar ou seguir. É assim que se praticam as religiões. É por esse motivo que existem milhares de denominações religiosas, como Daniel já lhe falou.

– Você tem razão, Bará. Somos livres.

– Isso, rapaz, isso mesmo! O mais importante é que a informação siga seu caminho. Tem um lado muito bonito nisso tudo, que faço questão de lhe mostrar.

– O que é, Bará? – perguntei curioso.

– Venha, vamos voltar àquele barracão onde estávamos; lá, onde sou o guardião.

– Eu já tinha até me esquecido dele.

Nós estávamos ainda naquela fazenda distante.

– Vamos?

– Sim, vamos!

Bará então me leva de volta ao barracão de Candomblé de onde saímos. O ambiente está em festa. A capacidade de pessoas naquele espaço estava totalmente esgotada. Crianças vestidas com roupas de santo corriam e brincavam entre os adultos. Chegamos ao lugar no intervalo da sessão. Algumas senhoras mais idosas estavam sentadas conversando alegremente. A dirigente dos trabalhos sentava-se em uma confortável cadeira no meio da multidão. Rapazes e senhores estavam de pé conversando alegremente.

Logo uma sineta é tocada e todos se põem de pé. Os rapazes dos atabaques (Ogãs) tomam suas posições. A dirigente tem em uma das mãos um instrumento que faz pouco barulho, mas que todos respeitam e se concentram. Depois Bará me falou que o objeto se chama Adjá.

A música começa. O canto é lindo e todos dançam em círculo. Após a sexta música, experimentei uma sensação muito agradável, todo o ambiente se encheu de luz e uma linda menina (espírito) com o rosto coberto por fios de contas na cor azul chegou ao lugar.

– Que espírito lindo! – eu disse a Bará, que não falou nada, apenas me olhou sorrindo.

A linda menina aproximou-se de uma médium jovem como ela, e ambas começaram a dançar e abençoar as pessoas do lugar. Por onde a menina passava as pessoas se ajoelhavam e ela lançava sobre a cabeça das pessoas assistidas um líquido fluídico azul-claro.

– Que coisa linda, Bará! – repeti ao amigo.

– Sim, ela é uma divindade.

– Mas que raios são esses que saem das mãos da menina, Bará?

– Ela é um espírito iluminado Osmar. Ela se voluntariou para trabalhar nessa vibração e ajudar a quem crê em divindades. Os fluídos são condensações que ela trouxe das esferas superiores para curar, harmonizar, e felicitar essas pessoas. São fluídos Osmar, fluídos!

– Como assim, se *voluntariou*?

– Deus ama Seus filhos. Se você crê em divindades, Ele vai oferecer essa oportunidade a espíritos que já evoluíram mais, e assim atender aos seus anseios.

– Deixe-me ver se entendi: quer dizer que existem mesmo espíritos trabalhando como divindades para auxiliar aqueles que creem em divindades?

– Isso mesmo! Ele vos ama. E para Ele tudo é possível.

– Caramba, coitados dos que não acreditam em candomblé!

Ele então sorriu. Eu fiquei boquiaberto com aquela cena. Logo, outra menina chegou e se aproximou de um rapaz e começou a dançar ao lado dele, que retribuía dançando pelo lindo terreiro de candomblé.

– Bará, agora posso ver que chegou outro espírito e está dançando ao lado de um rapaz. Meninas podem ter como médiuns meninos?

– Sim, o que importa é a sintonia entre ambos. Isso é que tem que ser perfeito.

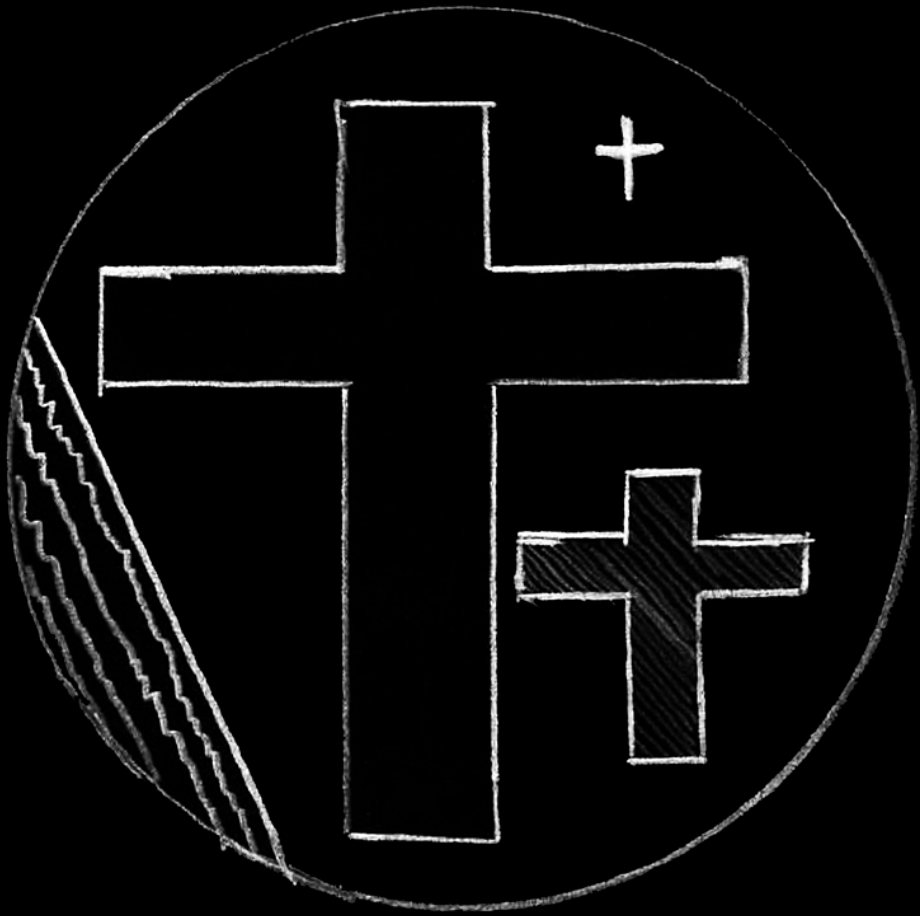
– O que acontece quando essa sintonia não é perfeita?

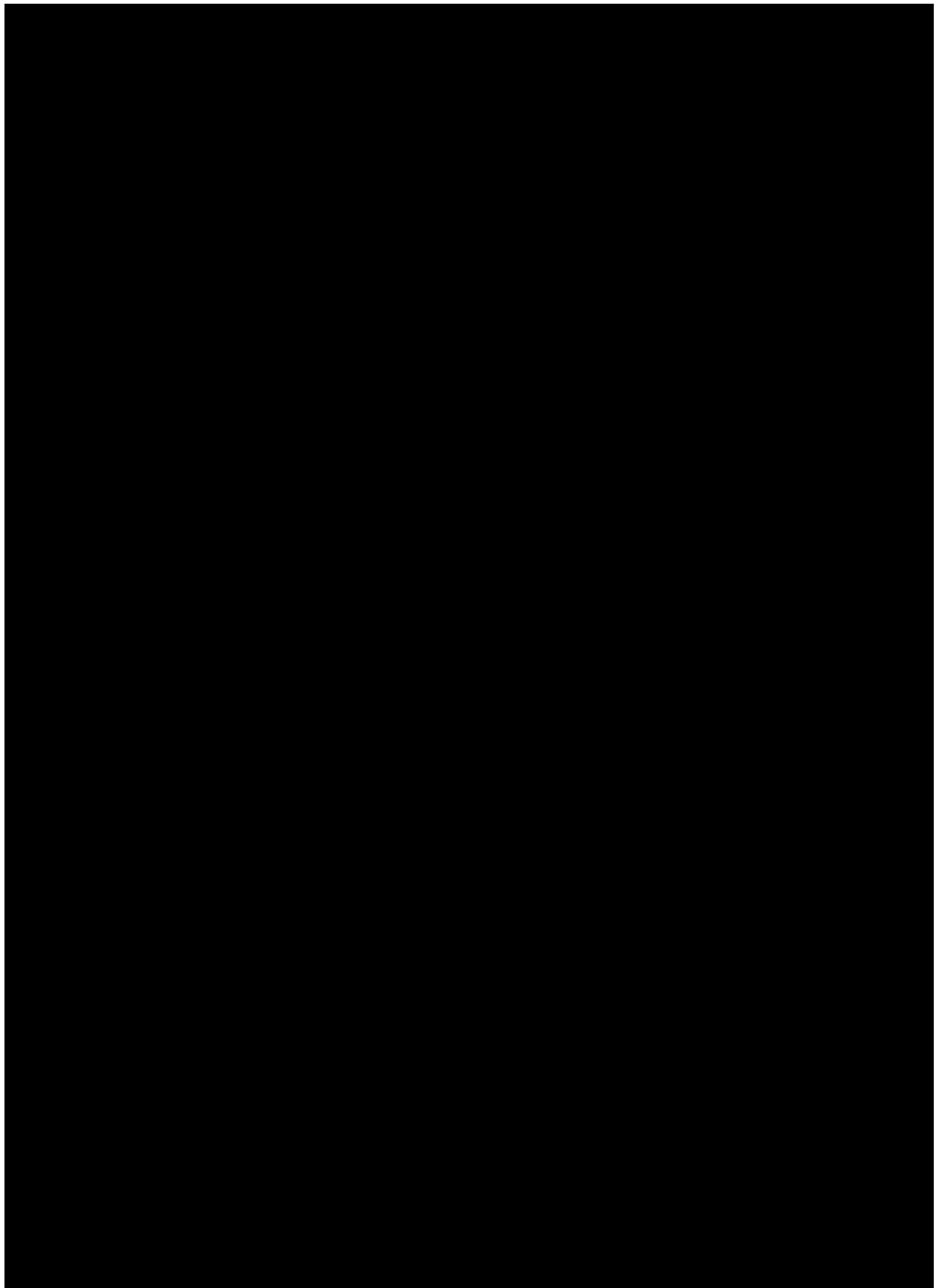
– O que você viu lá atrás.

– Verdade – disse-lhe, lembrando-me da passagem sobre o sacrifício que pude ver lá na fazenda.

Ficamos sentados ali por horas vendo espíritos chegarem e saírem de perto de seus médiuns. Foi uma tarde incrível.

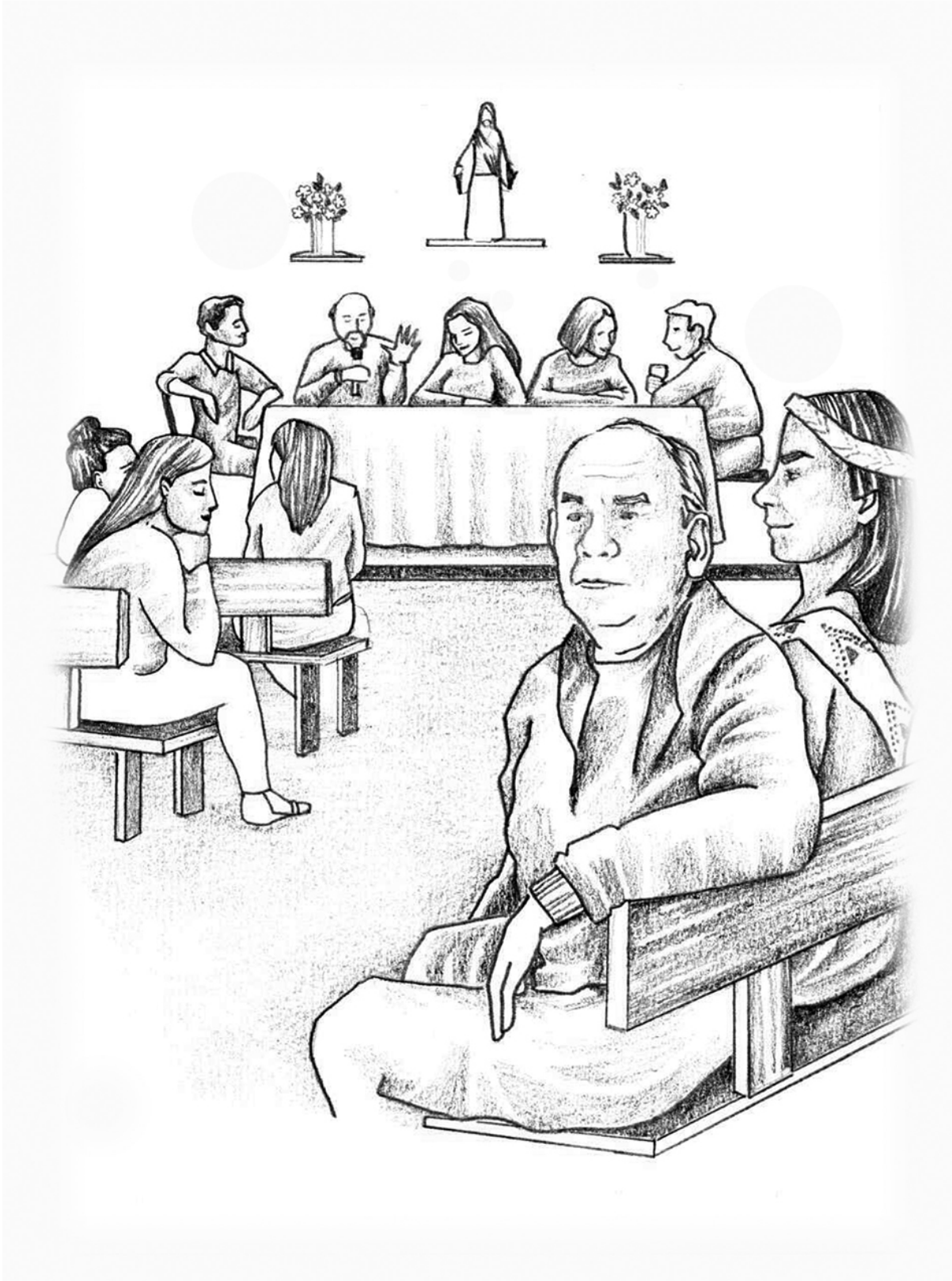
Como é lindo o candomblé!





“Deuses e santos são espíritos que se transformaram em luz.”

Osmaiz Barbosa



O primeiro Centro de Umbanda

Assim que terminou a linda sessão de Candomblé, fui levado por Bará até os portões da Colônia Espiritual Amor e Caridade. Logo, fui de novo ao encontro de Daniel que, percebendo que eu estava muito feliz, me convidou a me sentar em um dos bancos em um amplo jardim da colônia.

– Vamos nos sentar ali, Osmar?

– Sim, Daniel.

Caminhamos até o local sugerido por ele. Pude perceber que Daniel deixava tudo em silêncio para que eu pudesse me extasiar com tudo o que havia experimentado havia pouco. Realmente vi e aprendi como o Candomblé é lindo. Eu fiquei muito impressionado. Acho que já está dando para vocês perceberem.

– Então, como foi sua experiência com o Candomblé? – perguntou o mentor.

– Fiquei muito impressionado com tudo, Daniel. Como é lindo o Candomblé!

– Aprenda uma coisa: quando se coloca amor naquilo que você faz, tudo fica mais bonito – disse Daniel.

– É, Daniel, pude ver o amor daquele rapaz, o Bará como o chamam, pelo que ele faz. Logo que terminou a sessão ele esperou que todos fossem

embora seguros para poder me trazer de volta para cá.

– Compromisso e disciplina são as coisas mais importantes por aqui.

– É, eu já pude perceber isso. Sabe, Daniel, eu tenho muito medo!

– Medo de que?

– Dessas experiências pelas quais estou passando.

– Todos têm medo do desconhecido Osmar.

– Eu sei disso. Na verdade, fico mesmo é muito preocupado com o que estou escrevendo neste livro.

– Não fique, escreva!

– Seja o que Deus quiser! – disse-lhe.

– Osmar, as coisas de Deus não acontecem sem a expressa permissão d’Ele. O trabalho que você vem realizando é exatamente aquilo que combinamos antes de você encarnar. Não é problema seu se as pessoas não acreditam no que você escreve. Não queira se comparar a Jesus ou a qualquer outro iluminado que esteve entre vocês. Até nos dias de hoje há milhares de pessoas que não acreditam na vinda de Jesus, e há ainda pessoas que nem acreditam em sua existência. Quem é você para querer ser reconhecido por alguém?

– Perdoe-me, Daniel, mas esse é meu jeito de ser, estou meio assustado com tudo isso. Não é que eu queira ser reconhecido, não é isso!

– Olha, rapaz, se o ambiente não estivesse pronto para que nós pudéssemos passar essas informações por meio de sua mediunidade para as pessoas, você não estaria aí agora fazendo isso. Deus não abençoa o que não é d’Ele. Lembre-se disso! Não existem acasos.

– Obrigado pelo consolo e informação, Daniel!

– Vamos em frente?

– Vamos, sim, vamos em frente, Daniel.

– Para onde você quer ir agora, Osmar?

– Você pode me sugerir?

– Na verdade, já convidei um amigo nosso, para levar você para a próxima experiência.

– E quem é?

– O caboclo Ventania.

– Nossa, esse eu conheço bem! Ele é meu grande amigo.

– Ele está vindo para levá-lo a conhecer por dentro um centro de umbanda.

– Da umbanda eu conheço um pouco – disse-lhe.

– Você conhece a umbanda com os olhos dos encarnados, Ventania vai lhe mostrar a umbanda pelos olhos dos espíritos.

– E quando isso vai ser?

– Ele já está a caminho. Vamos esperar!

– Sim.

Logo um rapaz se aproxima de nós e beija carinhosamente as mãos de Daniel que serenamente cumprimenta-o devolvendo-lhe o beijo na mão direita. Fiquei encantado com tanta humildade em um só espírito e perguntei a Daniel se havia muitos espíritos ali.

– Daniel existem muitos espíritos aqui em Amor e Caridade?

– Aproximadamente três mil e quinhentos espíritos estão em Amor e Caridade – disse ele.

– É muito, não é?

– Não, nossa colônia é pequena e não suporta muitos espíritos. Na verdade, somos uma colônia de transição. Só ficam aqui aqueles que são úteis para o funcionamento da colônia e alguns espíritos temporários. Os outros passam por aqui e seguem para outras colônias.

– Qual é o critério utilizado para um espírito trabalhar em uma colônia espiritual, Daniel?

– Primeiro, ele precisa estar liberto das encarnações; segundo, ele precisa ter algum tipo de afinidade conosco, estar ligado a nós de alguma forma.

– Como um espírito faz para ficar liberto das encarnações?

– Ele precisa ajustar-se com todos aqueles que encarnaram ao seu lado. Precisa terminar seu período encarnatório.

– Como assim?

– Suas oportunidades evolutivas estarão sempre ao seu lado. Pais, filhos, amigos, irmãos, familiares, enfim, tudo aquilo que você experimenta na encarnação.

– Quer dizer que para não precisar mais encarnar, eu preciso desencarnar sem nenhum problema com os espíritos que estiveram comigo durante a minha vida terrena?

– Isso, você precisa voltar para o mundo espiritual livre de qualquer pendência, mesmo que seja pequena. Só não volta para a encarnação quem realmente não tem mais nada para ajustar.

– Caramba, que loucura isso!

– Não é loucura, é justiça. Todos os dias você recebe uma página em branco no livro da vida; basta aprender a escrever, é só isso!

– É verdade, Daniel. Nós é que não compreendemos muito bem os ensinamentos que se apresentam todos os dias à nossa frente. Chico Xavier foi quem escreveu uma frase muito parecida com essa.

– É isso, viu como é fácil? Siga os ensinamentos de Chico.

– Parece fácil, mas não é, Daniel! Eu lhe prometo que eu seguirei os seus conselhos.

– Não se preocupe se você não conseguir ajustar-se nesta encarnação. Encarnação é o que não lhe falta para evoluir.

– Todo mundo acha que a vida termina com esta vida. É aí que todos se enganam não é, Daniel?

– Por isso a encarnação é o único instrumento capaz de modificar o espírito. É por meio das provas e expiações que todos irão evoluir.

– Eu acho que estou fazendo a minha parte.

– Eu também acho – disse ele.

– Estou falando sério, Daniel.

– Eu também.

– Como faço para saber se estou fazendo a coisa certa?

– Ouça o seu coração. Transforme pensamentos ruins em sentimentos bons, seja honesto, respeitoso e caridoso. Transforme-se todos os dias.

– Como assim?

– Ouça o seu coração. Sempre que você agradar a Deus seu coração vai sorrir. Quando você não agradar a Deus seu coração vai chorar as lágrimas do arrependimento. Seus sentimentos são seus juízes diários.

– Ainda bem que procuro ser sempre franco e honesto com as pessoas. Aliás, com tudo em minha vida.

– Essa é a melhor maneira de evoluir, Osmar. Quando você mente, com o passar do tempo você vai esquecer a mentira; mas quando você fala a verdade o tempo pode passar, mas sua verdade será sempre a verdade.

– Às vezes, as pessoas mentem para não ferir quem elas amam, Daniel.

– A verdade dita com sinceridade jamais irá ferir alguém. Às vezes é melhor você magoar dizendo a verdade a iludir falando mentiras.

– No mundo de hoje quase ninguém fala a verdade, meu amigo.

– A experiência atual dos espíritos encarnados é uma experiência material. A materialidade caminha junto com a mentira. Todos mentem para se destacarem diante dos outros. A mentira é a maior vilã dos justos. O homem que semeia a mentira irá colher na espiritualidade as dores dos corações feridos que deixou para trás.

– É melhor ser verdadeiro sempre?

– Isso, seja verdadeiro sempre! Não iluda, não minta, não engane e você viverá uma encarnação feliz.

– Porque as pessoas têm tanta dificuldade de se espiritualizarem, Daniel?

– Fique tranquilo, pois há de chegar a hora do despertar para uma vida após esta vida. Para uma nova consciência. Muito em breve a humanidade terá acesso a informações sobre vida em outros planetas. Quando isso acontecer, todos os encarnados e desencarnados que ainda não tiveram a oportunidade de adquirir esse conhecimento irão buscar Deus em Sua essência. E a essência de Deus está no espiritismo, que caminha lentamente estabelecendo a sua própria identidade.

– Como assim, *identidade*?

– O espiritismo, assim como todas as religiões, ainda não encontrou o divino, necessário a toda religião. Os espíritas estão preocupados com os

cargos, posições, fama e tudo aquilo que afasta a criatura do Criador. Quando os espíritas dizem que seguem essa ou aquela denominação religiosa, eles se afastam do propósito maior que é conhecer a vida após a morte e se inteirar no que a criatura precisa fazer para alcançar o nirvana. O Umbral hoje é o lugar que mais têm espíritas. Quando você aponta o dedo para determinada denominação religiosa, está apontando o dedo contra si mesmo. Quando você julga alguém por essa pessoa pertencer a determinada forma de praticar o espiritismo, você está julgando a si mesmo, esquece-se do maior ensinamento do espiritismo. Não julgueis para que não sejais julgados, ou à medida que julgares, também será julgado. Assim, os ensinamentos de Allan Kardec estão se perdendo em meio às vaidades daqueles que não compreendem o espiritismo, e em vez de levá-lo aos mais humildes, criam muros que separam o rico do pobre. O ego tem falado mais alto do que o amor em muitas casas espíritas. De que adianta você assumir uma postura de espírita, se as suas atitudes lhe contradizem? De que adianta exercer sua mediunidade, se você está o tempo todo julgando quem tem a coragem de abrir uma casa espírita e lhe oportunizar a desenvolver a sua mediunidade? O que adianta você pregar uma coisa e fazer outra pelas costas de quem confia ou confiou em você? São esses os erros mais comuns dessa que é a redentora religião. São esses os ajustes que todos irão precisar fazer antes de se verem livres das encarnações sucessivas. Não se conhece o perfume pela embalagem e muito menos o livro por sua capa. Só se conhece alguém amando-o sinceramente. Só se conhece Deus vivendo na verdade. Só evolui quem se transforma e se modifica.

– Caramba, Daniel, que lindo! Obrigado por essa oportunidade!

– Olha quem vem chegando!

Olhei para um lindo jardim à minha direita e vi um lindo caboclo se aproximando de nós. Alto, de cabelos longos, o índio se aproxima de nós a

passos rápidos. Reconheci o caboclo que me ajudou a desenvolver minha mediunidade assim que a descobri. Sorrindo, ele se aproximou de nós.

Daniel se levantou para cumprimentar o amigo, eu repeti o gesto.

– Bem-vindo, Ventania!

– Obrigado, Daniel!

– Posso lhe abraçar, Ventania? – perguntei.

– Claro, rapaz, vem aqui! – disse ele, me abraçando carinhosamente.

Emocionado, eu o abracei.

– Então, vamos conhecer o centro de umbanda por dentro, Osmar? – disse o caboclo.

– Sim, vamos – respondi, empolgado.

– Se me permites, Daniel, vou levar o Osmar para uma sessão de umbanda.

– Leve-o e mostre-lhe tudo o que acontece nos dias de hoje em um centro de umbanda, Ventania.

Ele então cumprimentou Daniel e me convidou a andar ao seu lado em direção aos portões da colônia.

Caminhamos algum tempo. Sempre gentil, ele perguntava-me sobre as experiências que eu estava vivendo nos meus desdobramentos.

– E aí, como está sua compreensão, agora que você vive em desdobramento?

– Estou feliz, Ventania – respondi a ele.

– Então vamos em frente?

– Sim, vamos – disse-lhe.

Chegamos então aos portões da colônia, que são altos; eles têm aproximadamente sete metros de altura por uns dois de largura. Neles, há desenhos que eu não compreendi. São como obras de arte ou algo assim. São desenhos entalhados na madeira que não parece madeira, eu não tenho certeza do material de que são feitos os portões. Eu não sei explicar muito bem isso. Foi quando minha curiosidade falou mais alto e então perguntei a Ventania.

– Perdoe-me lhe perguntar, mas de que material são feitos esse muro e esses portões imensos?

– Tudo aqui é fluídico. Esse muro e esses portões foram plasmados por espíritos superiores que possuem conhecimento e técnica para plasmar esse tipo de material aqui. Aqueles prédios que você viu, os jardins, as casas, as ruas...Tudo aqui foi e é plasmado pelos espíritos de uma ordem superior. Nós ainda não temos o conhecimento para romper esse muro ou para criar algo igual.

– Quer dizer que esses espíritos têm um conhecimento superior ao dos espíritos que vivem aqui na colônia?

– Exatamente isso! Eles são de uma ordem superior, e sendo assim possuem conhecimentos superiores aos nossos.

– Entendi!

– Nós, que trabalhamos nos centros espíritas, também possuímos determinados conhecimentos que utilizamos para o bom andamento de uma sessão espírita, por exemplo.

– Você vai poder me mostrar isso?

– Sim, claro que sim. Vamos?

– Sim, vamos.

Logo que deixamos a colônia, adentramos a um centro espírita, também vazio. Sentamos nas cadeiras destinadas à assistência.

– Não tem ninguém aqui – disse-lhe.

– Nós vamos visitar três centros de umbanda Osmar; quero lhe mostrar o que está acontecendo com cada um deles. Você vai poder tirar suas próprias conclusões. Fique atento para não perder nenhum ensinamento, eles são e serão de extrema importância para todos aqueles que lerem este livro.

– Pode deixar. Mas por que três centros espíritas, Ventania?

– É necessário para que todos possam aprender com esse ensinamento. No final você vai entender.

– Está bem. O que faremos agora?

– Fique aqui e observe.

– Está bem.

Passados alguns minutos, outro índio chegou ao lugar e veio até nós.

– Boa noite, Ventania! – disse o rapaz vestido com roupas comuns, mas carregando arco e flecha.

– Boa noite, Lua Branca! – disse Ventania.

– Boa noite, rapaz!

Eu o cumprimentei apertando-lhe a mão direita.

– Ventania, eu vou ficar lá no portão de entrada tomando conta, e só vou permitir a entrada daqueles que você me autorizar – disse o caboclo.

– Faça isso, amigo!

– Estarei lá fora, qualquer coisa, é só você me chamar.

– Obrigado! – disse Ventania.

O caboclo Lua Branca então dirigiu-se ao portão do centro espírita. Pude ver que outros caboclos estavam lá fora esperando por ele. Havia aproximadamente oito outros índios. Vi outros espíritos também, mas não perguntei nada. Lembrei-me dele quando psicografei o livro *O Guardião da Luz*.

Um dos tarefeiros do centro espírita chega ao lugar e acende todas as luzes, onde pude ver imagens de quase todos os santos da igreja católica.

A imagem de Jesus, de braços abertos, estava na parte superior do altar; no lado esquerdo estava a imagem de Nossa Senhora da Conceição, e à direita uma imagem de São Jorge. Havia ainda outras imagens. O lugar estava limpo e muito bem organizado. O rapaz que organizava tudo acendeu alguns incensos para perfumar o lugar. As velas também foram acesas por ele. Pude observar que ele havia trazido um embrulho enorme que logo descobri o que trazia ali. Eram flores que esse rapaz cuidadosamente arrumou em pequenas jarras enfeitando todo o altar.

Logo que terminou a tarefa, ele foi para a parte de trás do centro espírita onde havia uma pequena cozinha e começou a preparar alguns lanches que foram servidos após a reunião.

Curioso, perguntei para Ventania:

- Ainda falta muito para começar a reunião espírita?
- Alguns minutos – respondeu ele.
- Nós vamos ficar aqui sentados, esperando?
- Sim, seja paciente! Quero lhe mostrar uma coisa, foi por isso que chegamos bem antes do começo.
- Desculpe-me então. É que estou muito ansioso.
- Sem problemas – disse o caboclo me acalmando.

Coloquei os cotovelos sobre os joelhos e repousei a minha cabeça sobre as minhas mãos. Fiquei olhando fixamente para o altar, admirado pela beleza simples do lugar. O caboclo Ventania permanecia sentado ao meu lado sem nada dizer.

Vi quando a porta de entrada do centro foi aberta pelo caboclo Lua Branca que voltava ao lugar onde estávamos. Mas ele não entrou no centro espírita, simplesmente abriu a porta para alguém passar. Foi uma das cenas mais lindas que já vi em desdobramento.

Pude ver quando, caminhando lentamente, apoiado em um pedaço de pau que usava como bengala, um preto velho adentrou ao lugar segurando na outra mão uma vassoura daquelas feitas com pedaços de gravetos. O velhinho, bem velho mesmo, varria o chão do terreiro com muita devoção e carinho. Pus-me de pé e olhei para o caboclo Ventania, que expressava sua alegria. O velhinho de cabelos brancos e curtos estava vestido com roupas bem simples, uma calça velha e uma camisa branca. Os pés estavam descalços, e o velhinho caminhava com muita dificuldade. Fiquei impressionado com tudo aquilo e perguntei:

– O que é isso, Ventania?

– O que você quer saber?

– Porque esse preto velho está varrendo o chão do terreiro? Que lindo esse velhinho!

– Esse é o preto velho responsável pelas firmezas espirituais deste lugar. Ele vem na frente limpando e trazendo consigo a falange de pretos velhos que vão trabalhar hoje aqui fazendo muita caridade.

– Mas por que varrer?

– Olha, o que vocês, encarnados, precisam aprender é que tudo o que está ao redor de vocês retém e detém certa quantidade de energia.

– Como assim? – perguntei, sentando-me ao seu lado, mas fixado no que o preto velho fazia.

O caboclo então colocou sua mão direita sobre meu braço e disse:

– O Criador teve o cuidado de deixar todas as energias no Universo cósmico à disposição dos espíritos e das almas.

– Perdoe-me, mas não estou entendendo!

– Nada se cria, Osmar, tudo já foi ou está criado. Quando Deus criou o Universo, tudo o que nós, espíritos, precisamos para evoluir já estava no próprio Universo. São energias e fluidos que usamos para o nosso bem-estar e para a nossa evolução. O que todos nós precisamos é saber utilizar esses elementos a nosso favor.

– Quer dizer que aquela vassoura que o preto velho está usando tem uma determinada energia que vai limpar este lugar, energeticamente falando, é isso?

– Mais ou menos isso.

– Como assim, *mais ou menos*?

– Existem coisas da vida espiritual que você só vai conhecer ou lembrar quando estiver totalmente nela. Quando você estiver na vida espiritual.

– Eu não vou compreender o que ele está fazendo?

– Você vai compreender, se olhar para o que ele está fazendo com o olhar do espírito e não da alma. No momento você é alma, pois está encarnado. Os olhos do espírito só estarão abertos quando você voltar à condição de espírito.

– Entendi, quer dizer que têm coisas da espiritualidade que só vou enxergar quando estiver desencarnado?

– Isso mesmo! Exatamente isso. Mas vou lhe explicar o que ele está fazendo.

– Por favor!

– Aquela vassoura que está na mão do preto velho é fluídica. Ela foi feita pelo vovô Antônio, que é o nome desse velhinho que você vê agora aqui. A vassoura é uma condensação fluídica que ele conseguiu pela capacidade adquirida nas experiências que teve com as diversas encarnações; assim ele aprendeu a utilizar os elementos da natureza. Não só os pretos velhos, mas caboclos e outras entidades utilizam elementos condensados da natureza para auxiliar os assistidos encarnados, e também auxiliarmos espíritos desencarnados.

– Você pode ser mais claro?

– Sim, claro que sim! Vamos lá! Eu acho que o Bará já lhe falou um pouco sobre isso quando você visitou o Barracão de candomblé, mas vale a pena lhe falar ainda mais. Deus criou elementos que ao se encontrarem pelo tempo desdobram-se em outros elementos, por exemplo: a água é uma substância química cujas moléculas são formadas por dois átomos de hidrogênio covalentemente ligados a um átomo de oxigênio, sendo sua fórmula química dada por H₂O. Assim é tudo o que existe no Universo. Tudo, mas tudo mesmo! Tudo se funde e se torna outra coisa. Nós, espíritos, com o passar das múltiplas encarnações aprendemos a utilizar esses elementos fluídicos e outros para nos auxiliar a evoluir. É muito comum utilizarmos o ectoplasma, uma substância fluídica que existe por todo lugar. Em todos os animais, plantas, árvores, rios, oceanos, cachoeiras, enfim, em todo lugar.

– Alquimia?

– Sim, alquimia é a melhor definição.

– Bará me falou um pouco sobre isso. Quer dizer que com o passar de minhas encarnações vou aprendendo a utilizar os elementos da natureza a meu favor?

– A melhor definição é a seguinte: você é um espírito eterno. E qual é o objetivo de Deus?

– Que eu me torne perfeito.

– Isso, esse é o objetivo do Criador. Quando criou os espíritos, Ele determinou que todos se tornassem perfeitos. Para que possamos nos tornar perfeitos, Ele nos oferece as encarnações. E é por meio delas que adquirimos os conhecimentos necessários à perfeição.

– Justo! – disse-lhe.

– Pois bem, você é filho de quem? – me perguntou Ventania.

– De Deus, ora!

– Se você é filho de Deus, quem você é? – insistiu o caboclo.

– Filho de Deus, ora!

– E quem é filho de Deus é o que?

– Um Deus em treinamento?

– Eu sei que é difícil para você acreditar nisso, mas posso lhe assegurar que Deus tem um propósito maior para os filhos d’Ele.

– Meu Deus, eu não tinha pensado desta forma!

– Pois bem, comece a pensar que você é filho de quem criou tudo o que você vê, sente, experimenta e realiza.

– Caramba, como eu sou incapaz!

– Não, não fique chateado, tenha calma! Você ainda tem muito que aprender nessa sua caminhada. Você ainda dispõe de múltiplas encarnações

para se tornar perfeito.

– Obrigado, Ventania! Mas eu não gostaria de voltar aqui.

– Fique tranquilo! – disse-me ele serenamente.

Fiquei ali perdido em meus pensamentos e nem percebi que as pessoas estavam chegando e o centro espírita começava a ficar lotado. Várias mulheres vestidas com longas saias brancas e batas estavam sentadas em círculo. Os rapazes, vestidos de calça branca e jaleco da mesma cor, se reuniam ao lado dos atabaques que já estavam aquecidos pelos ogãs.

A babalorixá adentra o ambiente trazendo à mão um pequeno sino prateado, logo ela começa a tocar invocando e saudando todos os espíritos e orixás.

O preto velho, que eu havia observado varrendo o lugar, já não estava mais presente.

Não havia espíritos no lugar, somente o caboclo Ventania sentado ao meu lado, os índios e outros espíritos que guardavam o portão de entrada do centro espírita.

Rufaram-se os tambores. Lindas melodias eram cantadas por todos. Uma menina de uns dezessete anos aproximadamente trazia nas mãos um turíbulo que utilizava para defumar o lugar. A fumaça invadiu todo o ambiente, e ela cruzava em gestos à frente das pessoas para defumá-las. As mulheres dançavam elegantemente saudando suas entidades. Os rapazes faziam uma dança coordenada. Tudo era lindo!

Foi quando uma névoa clara cobriu o lugar; eles cantavam uma cantiga saudando Oxum (minha querida mãe), e todo o ambiente se transformou. Seis lindas meninas (espíritos) chegaram trazendo nas mãos flores brancas que perfumaram todo o lugar. As meninas tinham longas tranças. Umas loiras; outras de cabelos ruivos e outras de cabelos negros. Elas sorriam e se aproximavam das médiuns que rodopiavam com as mãos estendidas,

derramando pétalas das flores trazidas na cabeça de todos os presentes. Eu pude presenciar uma linda sessão em homenagem à minha querida e amada mãe Oxum. Confesso nunca pensei que fosse assim!

Fiquei de pé. Emocionado, eu cantava junto com os presentes esse lindo hino em louvor às meninas que traziam luz para todos naquele momento.

Todos cantavam:

Eu vi mãe Oxum na cachoeira

Sentada na beira de um rio

Colhendo lírio, lírio é

Colhendo lírio, lírio a

Colhendo lírios para enfeitar esse gongá.

Emocionado, continuei a cantar até que a dirigente encerrou a homenagem.

Todos estavam felizes. Eu, mais ainda, pois pude, pela primeira vez, observar uma sessão de umbanda pelos espíritos da umbanda. Vi tanto amor, quanta dedicação daqueles poucos médiuns. Vi quando os espíritos se aproximavam emanando vibrações sobre os assistidos. Foi lindo!

– Preciso ir até o portão – disse-me Ventania.

– Eu posso ficar aqui assistindo?

– Sim, fique aí, eu já volto!

– Vou ficar aqui assistindo. Que lindo tudo isso, Ventania!

– Eu já volto – disse o caboclo, afastando-se e indo em direção ao portão.

A homenagem a Oxum é encerrada. Curiosamente, contei quantos médiuns haviam naquele centro espírita.

Dezoito homens e trinta e duas mulheres, quatro ogãs e uma dirigente espiritual assessorada por duas mães pequenas e um rapaz que me parecia ser seu familiar lhe auxiliando, principalmente na hora dos cânticos.

Na assistência haviam aproximadamente umas cento e sessenta pessoas entre velhos, jovens e crianças.

Um rapaz, sentado na segunda fileira da assistência, acompanhado de sua mãe, me chamou a atenção. Ao lado dele percebi uma figura estranha. Era um espírito que parecia doente e que havia chegado após a saída de Ventania. Ele era negro e tinha a fisionomia de um doente. Pensei tratar-se de um obsessor, mas como um obsessor poderia entrar ali? Não havia nenhum espírito ali minutos antes. Afinal, o preto velho havia feito uma limpeza espiritual no lugar. Como é que os caboclos que estavam na entrada do centro espírita permitiram a entrada daquele espírito?

Evitei ficar olhando muito, pois o espírito não tirava os olhos de mim. O olhar dele era ameaçador. Tive medo naquele momento. Desviei então meu olhar e meu pensamento.

Os atabaques rufavam cânticos belíssimos.

A dirigente então começa a cantar hinos em louvação a Ogum. Um lindo ponto é riscado com uma pomba em uma pequena tábua e colocado na frente do altar. Uma das assistentes chega trazendo uma espada prateada, feita de metal, com fitas vermelhas amarradas na empunhadura. Todos cantam:

Que cavaleiro é aquele que vem cavalgando sobre o céu azul

Ele é São Jorge, guerreiro que vem comandando a falange de Ogum.

Êê ê, êê a, êêê, seu canjira, pisa na Umbanda.

Todos dançam em homenagem a Ogum.

Logo, um lindo soldado romano adentra o lugar. Ele é alto e forte, e sobre a roupa de soldado veste uma capa vermelha que vai até os pés. Na

cabeça traz um capacete prateado com penas vermelhas. Na mão direita, uma enorme espada cravejada de brilhantes; e na esquerda, uma corda branca que parece uma corda fluídica enrolada em seu braço.

Ele entra dançando e se aproxima da dirigente, que percebe sua presença e dança junto com ele. Fiquei impressionado com aquela incorporação. Ele se aproxima da médium, que repete os gestos do espírito. Ele dança para o lado direito, ela repete; ele levanta a espada, ela repete. Compreendi perfeitamente como se dá a incorporação. Naquele momento me emocionei profundamente. Vi um espírito de luz irradiando energias positivas para todos os necessitados.

Compreendi que a incorporação nada mais é do que uma troca de energias entre o espírito e o médium; os espíritos agem diretamente no perispírito do médium. O médium expande seu perispírito onde o guia, espírito de luz, adentra esse campo vibracional expandido e passa a comandar o médium. Eu pude ver o que acontece comigo quando da incorporação de meus mentores.

A médium dirigente incorporada então se aproxima do espírito obsessor que estava ao lado do rapaz, e num gesto muito rápido o soldado lança sobre ele a corda fluídica que trazia consigo, amarrando o obsessor do rapaz. Vários outros soldados aparecem e seguram o espírito rebelde que se debate preso à corda fluídica. Ele luta para se libertar da corda que o prende aos soldados. Naquele momento vários caboclos que estavam na entrada do centro espírita adentram o lugar e auxiliam os soldados a levarem consigo o espírito rebelde. Não houve muita luta, mas o espírito rebelde deu trabalho para os soldados e para os caboclos que chegaram acompanhados de Ventania. Após auxiliar a todos, Ventania volta e senta-se ao meu lado. Imediatamente perguntei-lhe:

– Ventania, porque vocês amarraram o rapaz e o levaram para fora?

– Nem sempre agimos assim, na maioria das vezes o obsessor aceita os nossos conselhos e deixa de obsediar.

– Esse não quis conversa?

– Há muito tempo estamos trabalhando para convencer aquele irmãozinho a deixar de obsediar o filho daquela senhora que está sendo assistida por essa casa espírita. Mas ele insiste em levar seu obsediado para o caminho das drogas. Tentamos várias vezes auxiliá-lo orientando-lhe o caminho a seguir.

– E porque ele faz isso?

– Eles, na verdade, foram amigos de escola. O rapaz que você viu desencarnado não seguiu para a vida espiritual, ele decidiu vingar-se do rapaz que você vê ao lado de sua mãe. Os dois usavam muita droga na época da escola, eram amigos inseparáveis até que uma overdose provocou a morte dele. Desde então ele culpa o rapaz ali sentado, pela tragédia de sua vida, e tenta a todo custo convencê-lo a usar bastante droga e assim fazer com que ele também sofra uma overdose e morra.

– Nossa, que coisa horrível!

– Isso é muito comum por aqui.

– Mas ele não deveria ter sido levado para o Umbral?

– Ele esteve no Umbral.

– E pode sair de lá?

– Ele é sábio o suficiente para sair quando quiser do Umbral.

– Como assim, Ventania?

– O Umbral é um estado psíquico do espírito. Para que você permaneça nele é necessário que mantenha seu estado psíquico neutralizado. Ou seja,

para que permaneça no Umbral você tem que estar afeiçoado a ele. Só fica lá quem não consegue vencer seus sentimentos, seus desejos e suas paixões.

– Deixe-me ver se entendi: para que um espírito permaneça no Umbral ele tem que estar ligado a ele por sentimentos, desejos e paixões? Ele precisa estar num estado umbralino, é isso?

– Isso mesmo! O que mantém o espírito em sofrimento no Umbral é exatamente o que o levou para lá. Se a alma for, por exemplo, de um usuário de drogas que não conseguiu se livrar do vício, este espírito será mantido no Umbral até que consiga vencer essa paixão. Outro exemplo: se a alma é presa às coisas materiais deste mundo, vai permanecer no Umbral até que compreenda que as coisas materiais deste mundo são deste mundo. Existem várias outras maneiras de o espírito permanecer no Umbral. E também várias formas de sair de lá.

– E por que só hoje o obsessivo foi levado daquela forma?

– São poucas as casas espíritas que fazem um trabalho sério como esta primeira à qual lhe trouxe para visitar. Infelizmente, o que vemos hoje é um crescimento descontrolado e desordenado da umbanda. Assistimos aos oportunistas, exploradores, charlatães, embusteiros, falsificadores da verdade, desvirtuadores e aos deturpadores daquilo que praticam e pregam como umbanda. São pouquíssimas as casas de umbanda que estão sendo assistidas por espíritos como nós, obreiros da verdadeira religião, espíritos missionários que buscam por meio das casas de umbanda, evoluir e auxiliar os verdadeiros médiuns que necessitam de nós. São poucos os médiuns sérios, infelizmente, Osmar. Logo vamos lhe falar um pouco mais sobre mediunidade e suas consequências.

– Nossa, nunca pensei que fosse assim. Estou chocado!

– Mas é assim que se encontra o orbe terreno hoje. Aquele obsessivo teve diversas oportunidades de se afastar do rapaz, mas ele insistia em fazer o

mal. Ogum nos pediu que o levássemos amarrado para Aruanda, que é uma das colônias dos espíritos trabalhadores das casas espíritas. Lá, nós cuidaremos dele. Vamos conscientizá-lo da necessidade de transformação. Só se transformando é que o espírito ascende aos planos maiores da Criação.

– Que bom que vocês podem fazer isso!

– Não temos permissão para fazer isso com todos, mas quando não há outro jeito, esse é o melhor remédio. É assim que conseguimos ajudar!

– Na verdade, quer dizer que embora seja contra a vontade dele, ele será ajudado por vocês?

– Sim, vamos trabalhar para conscientizá-lo da necessidade de transformação; ele tem que transformar o ódio em amor e perdão.

– Ele vai conseguir?

– Certamente que sim.

– Parabéns, Ventania!

– Obrigado!

– Você me disse que este é o primeiro centro que visito. Você vai me levar a outro, conforme combinado?

– *Outros* é a palavra certa.

– Quer dizer que vou visitar outros centros espíritas com você?

– Sim, vamos terminar de assistir a este, que é um centro de umbanda onde se realiza um trabalho sério.

Lembre-se de uma coisa, Osmar:

– Sim, diga!

– Bons espíritos não compartilham enganação e nem perdem seu tempo com aquilo que não nos auxilia a evoluir... Bons espíritos não perdem tempo com coisas que não nos elevam... Bons espíritos não se comprazem com a mentira, com falcatruas, com desonestidade e com desamor... Bons espíritos não se comprazem com injúrias, com falsidade e com deslealdade... Nós não reencarnamos mais, por isso não temos tempo a perder. Tudo aqui é muito claro, lúcido e objetivo.

– Belo ensinamento, Ventania! Obrigado!

– A sessão agora vai pegar fogo, assista! – disse o caboclo.

– Deixa comigo!

Calei-me e prestei mais atenção à sessão. Após a saída de Ogum, a dirigente chama a falange de caboclos. Todos dançam alegres. Assisti a mais linda sessão de caboclos na minha vida. Eu não imaginava o que viria depois nos outros centros aonde ele me levou, mas aquela sessão eu jamais esquecerei. Obrigado, Ventania!

Vários índios chegavam e saíam, dançando com as índias seminuas. Suas penas enfeitavam o lugar, o cheiro de mata invadia todo o terreiro. Pude sentir também um cheiro de chuva, o cheiro de terra molhada me encantou. Pequenos índios e índias chegavam e corriam brincando no salão. A música era envolvente e alegre. Após extasiarem-se com a alegria do encontro, os índios foram embora e um intervalo foi anunciado pela direção do centro espírita. E após o intervalo os pretos velhos iriam chegar para darem passes nos assistidos. Nessa hora Ventania me convidou a voltar para a colônia. Eu estava muito cansado e aceitei de pronto.

– Vamos voltar?

– Sim, estou muito cansado.

– Ao desdobrar-se, o médium desprende muita energia. Você precisa descansar – disse-me o amigo índio.

– É, me sinto como se estivesse com a bateria arriada; me sinto fraco, sem forças.

– É assim mesmo. Por isso o médium nunca deve ficar muito tempo desdobrado.

– Faz mal à saúde?

– Não, faz mal ao espírito.

– Por quê?

– Estando desdobrado, você está no plano dos espíritos; e o plano dos espíritos é diferente do mundo dos encarnados.

– O que é diferente?

– Tudo, aqui as energias são mais sutis. Na Terra tudo é mais denso.

– Perdoe-me, Ventania, mas porque essa diferença tão grande?

– A densidade que se dá no plano dos encarnados é, na verdade, a condensação dos sentimentos que ali estão. Vocês vivem pela disputa material, ninguém quer disputar uma ajuda sincera, ninguém quer disputar a caridade verdadeira. Tudo o que vocês querem é se destacarem por alguma coisa ou por algum motivo. Estivemos agora em um centro espírita onde a caridade está em primeiro lugar. Todas aquelas pessoas que você viu estão ali para auxiliarem-se umas às outras. Você pode perceber que todos os espíritos que foram chamados se fizeram presentes. E todos os que chegavam traziam alguma coisa para ser ofertada aos assistidos e aos trabalhadores. Você pôde ver que todos tinham o mesmo sentimento dentro de seus corações. A dirigente humilde cantava hinos de louvor com o sentimento mais puro em seu coração. Os ogãs cantavam felizes, as mulheres dançavam alegres, todas vestidas da mesma forma; e os rapazes e senhores batiam palma com alegria e amor em seus corações. Você pôde assistir a uma sessão de umbanda séria, feita com amor e dedicação.

– Sim, eu fiquei muito impressionado com tudo o que vi; na verdade, eu imaginava que era assim mesmo. Perdoe-me a indiscrição.

– É por isso que fiz questão de levar você primeiramente a um centro de umbanda sério. Agora você terá a oportunidade de conhecer como trabalha a maioria dos centros de umbanda.

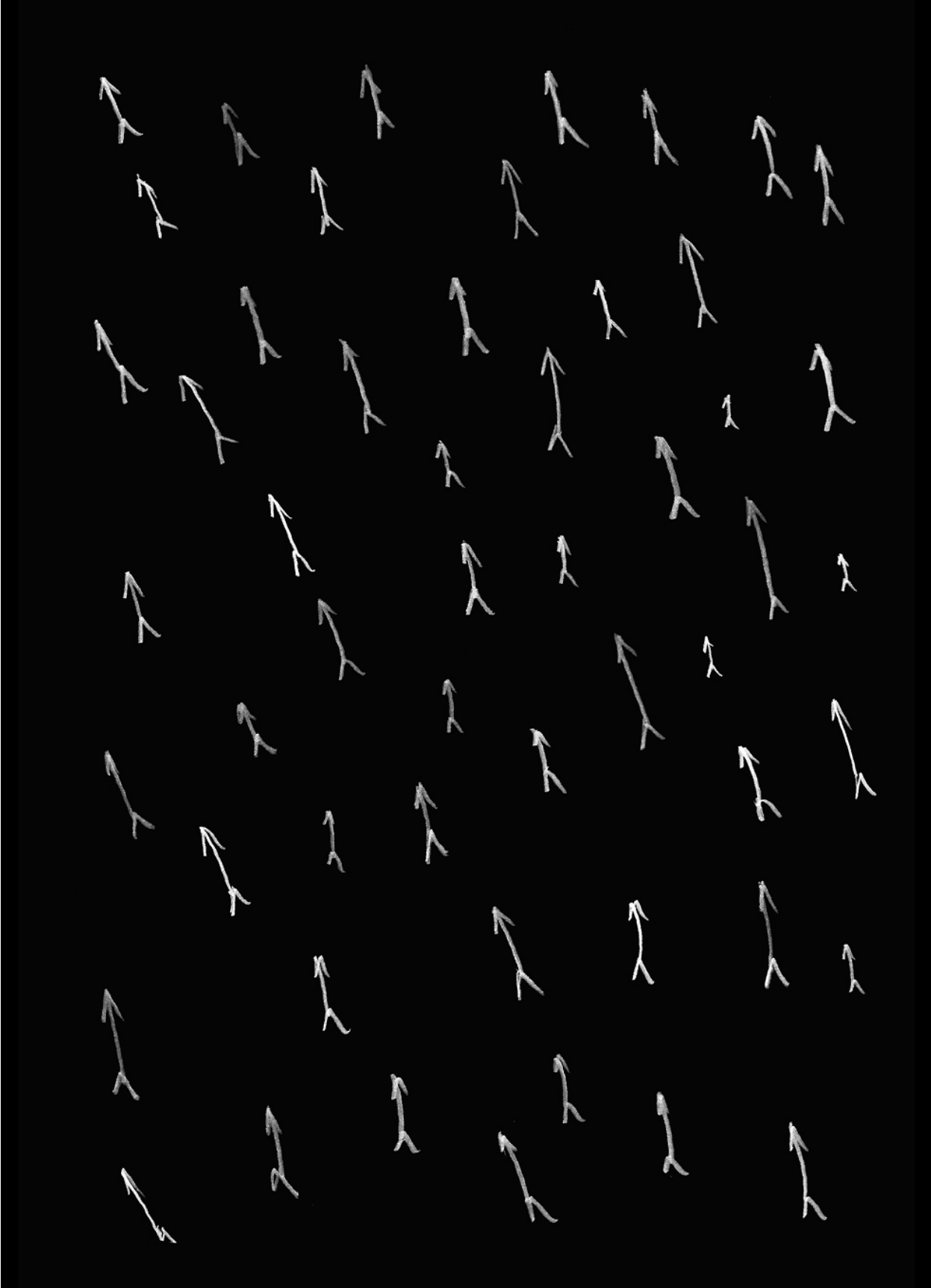
– Agora mesmo?

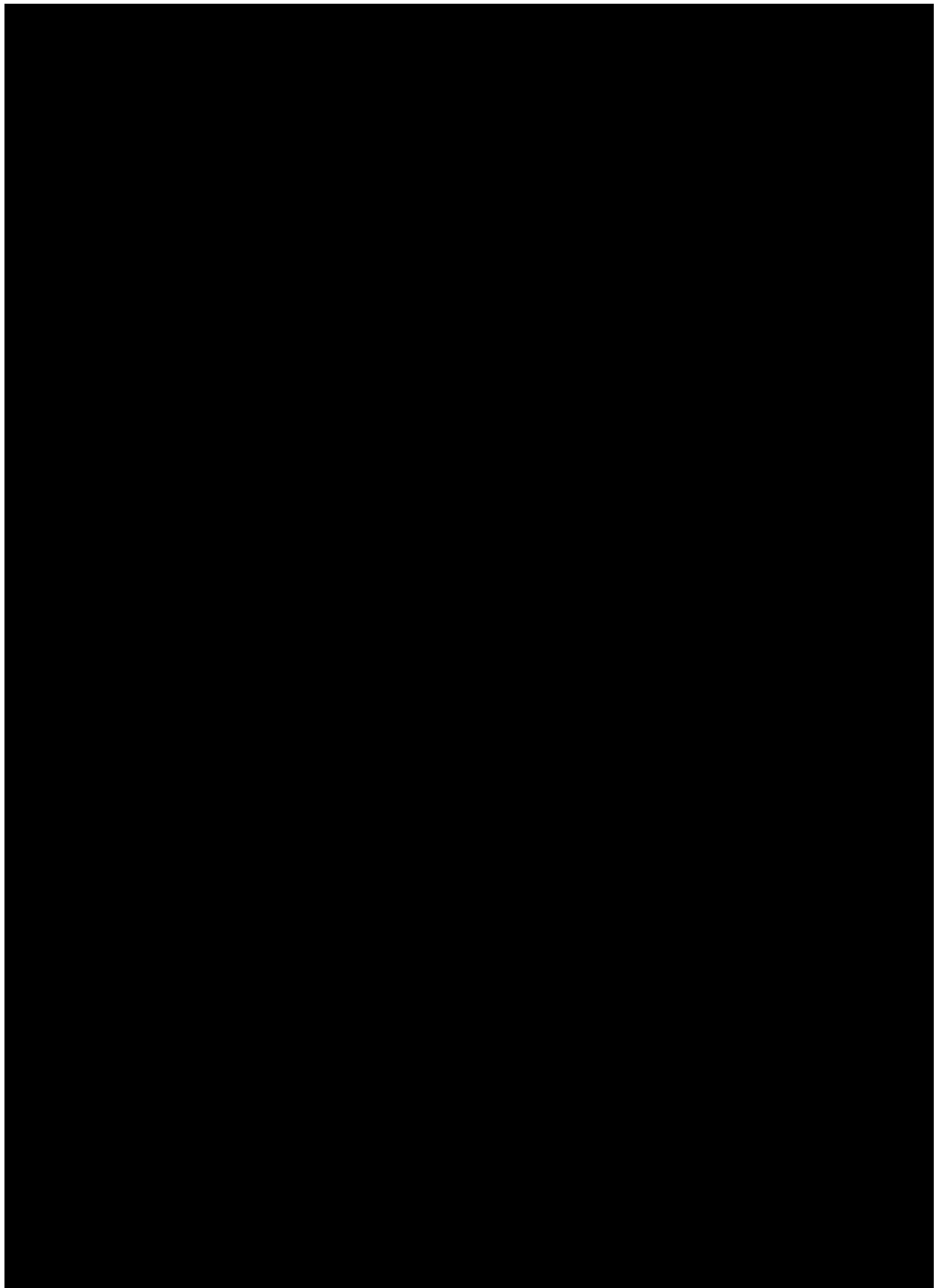
– Após seu descanso. Vá cuidar de suas coisas, e assim que estiver tudo arranjado aqui eu lhe aviso.

– Obrigado, Ventania! Realmente eu preciso descansar!

– Vá descansar!

Voltei para a minha casa e descansei durante aquela noite.





“O centro de umbanda é a porta aberta da caridade.”

Osmaiz Barbosa



O segundo Centro de Umbanda

Passado mais um dia, o caboclo Ventania me visita e me convida a visitar outro centro de umbanda.

– Vamos continuar, Osmar?

– Vamos em frente! – disse-lhe.

– Vamos agora visitar outro centro de umbanda?

– Vamos!

– Está pronto?

– Sim.

Ventania então me leva a um centro espírita enorme. O salão é muito grande, chego a me assustar.

– Nossa, Ventania, que lugar grande!

– Sim, este é um dos maiores centros espíritas de São Paulo. Venha conhecer por fora.

Saímos do centro espírita, havia muita gente espalhada pelo lugar. Era um espaço muito bonito. Havia árvores, um pequeno riacho, jardins, gramado extenso; parecia um sítio dentro da mata virgem. O templo era destacado da linda residência principal que mais parecia um hotel entranhado na mata. As mulheres vestiam roupas coloridas e finas; e os

homens também vestiam roupas coloridas, alguns até usavam sapatos. Estranhei tanto luxo e perguntei ao caboclo.

– O que vai acontecer aqui, um desfile de moda?

– Quase isso – disse ele.

Cinco ogãs passaram apressadamente por mim, cada um carregava um tambor nas mãos. Eles aqueciam o couro do tambor em uma pequena fogueira no lado esquerdo do enorme lugar.

Haviam várias barracas vendendo apetrechos religiosos, comidas típicas e doces.

“A sessão vai começar”, anunciam os alto-falantes.

Eu me assustei com tamanha ostentação.

– Venha, vamos entrar – disse o caboclo.

Entramos e nos sentamos ao lado do esplendoroso gongá. Havia mais de trinta imagens, algumas em tamanho natural. Tudo muito impressionante.

Logo, todos estavam sentados, havia umas duzentas pessoas sentadas na assistência.

Os tambores anunciam que vai começar a gira. Todos batem palmas e começam a louvar a fumaça.

Quatro jovens vestidas de baianas adentram o lugar, cada uma carregando um turíbulo (recipiente com brasas de carvão, onde se colocam as ervas para queimar) nas mãos. A fumaça toma conta de todo o lugar.

Todos cantam...

Defuma com as ervas da Jurema

Defuma com arruda e guiné

Alecrim, beijoim e alfazema

Vamos defumar, filhos de fé

Os tambores rufam.

Logo o dirigente, um homem de aproximadamente quarenta e cinco anos, cabelos grisalhos, alto, corpo atlético, muito bem vestido e paramentado, anuncia a gira de pretos velhos.

Todos aplaudem e começam a cantar. Alguns médiuns começam a se contorcer como se estivessem sentindo uma forte cólica. Outros se jogam ao chão e se arrastam em direção ao famoso dirigente que permanece de pé esperando pelos médiuns que se dirigem a ele fingindo uma incorporação. Assustado, olhei para o caboclo com os olhos arregalados, mas sem nada falar.

As mulheres pediam cachimbo para pitar; outras, sentadas em um banquinho, prendiam lenços coloridos na cabeça. Homens fumavam cachimbos, charutos e cigarros. Outros bebiam vinho e cachaça em taças coloridas ou copos. Quase todos os médiuns estavam supostamente incorporados, mas até aquele momento eu não havia visto nenhum espírito adentrar o lugar, nem mesmo os caboclos que estavam na porta do outro centro preservando a entrada estavam presentes naquele centro espírita luxuoso.

Eu não resisti e perguntei a Ventania o que era aquilo.

– O que é isso, Ventania?

– Isso?

– Sim!

– Isso é o que está destruindo a umbanda: falsos dirigentes, falsos babalorixás e ialorixás, pessoas totalmente despreparadas e sem missão religiosa. Pessoas sem caráter. Falsos profetas, hereges; enfim, tudo aquilo que a umbanda não precisa.

– Como assim?

– Primeiramente, para ter mediunidade você precisa de uma missão religiosa. Todos os espíritos encarnados são sensitivos, mas nem todos são médiuns. Entendeu?

– Mais ou menos.

– Pois bem, não basta sentir um calafrio para você se achar médium. É necessário que você tenha encarnado com o dom mediúnico e combinado uma missão mediúnica com alguns espíritos. Exemplo: nós combinamos que você encarnaria e desenvolveria a sua mediunidade; e juntos, eu e você e os demais mentores espirituais da Colônia Espiritual Amor e Caridade que lhe acompanham, exerceríamos a caridade.

– É assim que funciona?

– Sim, nenhum espírito pode evoluir sem o auxílio de outro espírito. Os espíritos povoaram o Universo para, juntos, evoluírem até chegarmos ao Nirvana. Você já sabe disso, pois o Daniel já lhe falou a respeito.

– Sim, já estudei muito sobre isso, e o Daniel também me explicou.

– Então, para que você nascesse, seu pai e sua mãe combinaram de serem seus pais nesta encarnação e permitiram que você nascesse, não foi?

– Sim, tudo é combinado, ajuda mútua.

– Assim também se dá com a mediunidade. Você decide encarnar, viver suas experiências evolutivas e ainda ser médium para nos auxiliar a evoluir e nos permitir ajudar àqueles que precisam de nossa ajuda. Assim todos se ajudam e evoluem juntos.

– Tudo combinado?

– Sim, tolos são os que acham que espiritismo é adivinhação ou previsão de alguma coisa. Estamos aqui para evoluir: eu, você e os assistidos das

casas espíritas.

– É por isso que não têm espíritos neste centro espírita? – perguntei.

– Aqui têm espíritos sim. Fique aqui ao meu lado, que vou lhe mostrar quem são esses pretos velhos que você não está vendo incorporados.

Ventania fez um gesto com as mãos e todos os espíritos que estavam próximos aos médiuns, homens e mulheres, olharam para ele, assustados.

Eu me assustei mais ainda. Eram espíritos sujos de sangue, vestidos com roupas pretas e alguns não tinham braços e pernas, por isso se arrastavam até o dirigente que os alimentava. Alguns estavam mutilados e sem membros do corpo.

– O que é isso, Ventania?

– Quando o dirigente é irresponsável ou não conhece a alquimia dos espíritos, ele passa a alimentar esse tipo de espírito. Esses escravos acabam trazendo para cá espíritas de mau caráter, pessoas vaidosas, vazias, invejosas, desonestas; pessoas que não se aprofundam em conhecer e estreitar a relação encarnados-desencarnados. Para que você saiba, esses são os espíritos que incorporam nos centros espíritas se dizendo caboclos, pretos velhos, baianos, crianças etc.; eles fingem sempre ser o que nunca foram e nunca serão.

– Mas o dirigente não percebe isso?

– Nós, espíritos do bem, estamos sempre alertando os dirigentes para terem cuidado com os kiumbas, que são esses que você está vendo aí. Com frequência esses espíritos invadem terreiros para incorporarem nos médiuns, mas são expulsos geralmente pelos exus e boiadeiros, nossos parceiros, que desempenham o papel de protetor, de soldados nos centros espíritas. Mas ainda assim existem terreiros e centros espíritas onde os médiuns despreparados são enganados pelos kiumbas e se deixam levar pelas suas manifestações sinistras. Quando um kiumba assume a frente da mediunidade

de um indivíduo, devido à sua má postura e opção pelo mal propriamente dito, a vida desta pessoa tende a envolver-se em doenças, vícios, deturpações sexuais, aversão social, afundando-se em trevas de seus próprios desejos e vaidades. Os kiumbas são entidades que caminham nas periferias do baixo-astral, na verdade esses pseudomédiuns estão sofrendo uma obsessão. Esses espíritos que você vê agora geralmente fazem o mal pelo simples prazer de fazê-lo. Tudo o que representa luz e o que é bom, eles tentam a todo custo, aniquilar ou corromper.

– Meu Deus! – disse-lhe, assustado. – E de onde vêm esses espíritos?

– Esses espíritos atuam e moram no Umbral. Muitos deles nem voltam para lá.

– Por que?

– Porque esses péssimos dirigentes os alimentam como cachorros largados à própria sorte que adoram quem os alimenta. São vampiros.

– Meu Deus, eu nunca pensei que fosse assim!

– Engraçado que ainda há pouco você achava que sabia como tudo acontecia.

– Perdoe-me, Ventania, eu não sei nada. Perdoe-me!

– Sem problemas, Osmar. Mas devo lhe alertar que isso acontece porque os dirigentes espirituais, presos à sua vaidade e seus egos, não ouvem os bons espíritos.

– Eu imagino que seja isso mesmo!

– Sim, cegos, eles esquecem a humildade no armário de casa; pobres e infelizes, esquecem que o amor, a humildade, a compreensão e a aceitação da palavra de Deus estão em primeiro lugar. O evangelho de Jesus deve estar em primeiro lugar em um centro espírita seja ele qual for. Onde não há

humildade, amor e disciplina, não há luz; e onde não há luz não há espíritos de luz. Simples assim!

– Obrigado por este ensinamento, Ventania!

– Vamos observar mais um pouco?

– Sim.

Após beberem bastante, os kiumbas começam a se afastar dos médiuns. O ambiente se torna escuro e denso. Eu, muito assustado, permanecia ao lado do caboclo. Bem pertinho dele, por sinal.

Tudo fica escuro. O dirigente espiritual está recebendo o seu preto velho.

A música não importa. Ninguém ouve mais os ogãs, tamanha é a conversação no ambiente escuro. O preto velho, dono do lugar, se aproxima do babalorixá, que retorce o rosto e as pernas. Logo, uma assistente se aproxima e lhe entrega uma bengala.

O mais engraçado disso tudo é que o espírito que estava ao lado do dirigente não era aleijado e muito menos um velho. Era um rapaz de chapéu branco e calça preta. Ele era o líder daquela falange de kiumbas. Todos os presentes o saudavam e reverenciavam aquele que trazia na mão um cigarro.

O maldito espírito então começa a dar ordens e fazer ameaças às pessoas presentes. Ele oferecia fortunas em troca de oferendas e dinheiro. Tudo aquilo era lamentável! Quase todas as pessoas presentes lhe davam presentes e cheques assinados. Ele ria e se comprazia com a fé daqueles pobres inocentes. Até que uma menina caminha em direção ao Kiumba, e num gesto muito rápido Ventania se afasta de mim e corre para colocar-se à frente dos dois.

O Kiumba se assusta e ameaça Ventania.

– O que é que você está fazendo aqui, caboclo?

- Eu vim assistir a esta bagunça.
- Pois fique à vontade. Quer beber alguma coisa?
- Não, obrigado!
- Então divirta-se aí com quem você quiser!
- Eu só vou afastar essa menina daqui.
- Pode levar, ela não fará falta ao meu rebanho.

(Risos)

Ventania se aproxima da jovem, que aparenta uns dezenove anos, e começa a falar alguma coisa em seus ouvidos. A menina então para subitamente e volta para trás sem cumprimentar o Kiumba, que pouco se importa.

Após afastar a menina do lugar, Ventania volta e fica ao meu lado.

- Porque você se meteu com a menina, Ventania?
- Ela é minha protegida.
- Como assim?

– Quando retornamos à pátria espiritual, relembramos de todas as nossas vidas, todas as experiências que vivemos quando estivemos encarnados. Eu tive algumas centenas de encarnações, assim conheci muitos espíritos e convivi com a maioria deles.

– Quando retornamos à pátria espiritual nós recordamos, então, de todos aqueles com quem partilhamos das experiências quando encarnados?

– Sim, nada se perde. Tudo fica guardado em seu subconsciente. Quando desencarnar, você vai se lembrar de tudo e de todos aqueles que em algum momento ou em alguma encarnação experimentaram com você.

- Essa menina é uma lembrança sua?

– Sim, convivi com ela no século dezoito. Desde então sempre que posso eu a protejo e a auxilio a fazer as melhores escolhas.

– Você pode interferir na vida dela?

– Interferir não é bem a palavra; posso aconselhar, proteger e orientar.

– E como é que você faz isso?

– Como acabei de fazer.

– Você fica falando em nosso ouvido?

– Sim, sabe aquela voz que você ouve toda hora? Não faça isso, não pegue isso, não come isso, não vá por ali etc.?

– Sim.

– Somos nós que fazemos isso.

– Então quer dizer que você pode me influenciar a fazer o mal também?

– Eu só conseguirei despertar o mal em você se ele já estiver lá dentro, ou se você estiver desprotegido. Tem que haver uma predisposição, entende?

– Entendo, mas você pode me explicar mais detalhadamente?

– Sim, preste atenção: nada do que você faz de bom ou de ruim foram os espíritos que lhe ensinaram a fazer, ou lhe induziram; tudo o que você é capaz de fazer já está dentro de você. Confesso que na maioria das vezes isso está adormecido. O que nós fazemos é reacender o que há dentro de você, seja bom ou ruim. Mesmo assim, você ainda tem o livre-arbítrio, você ainda pode optar por fazer ou não fazer. É assim que tudo funciona.

– Quer dizer que o bem e o mal já estão dentro de mim?

– Sim, adormecidos dentro de você. Porque ninguém que esteja encarnado está livre de ter praticado o mal em alguma de suas encarnações. Por isso, tudo está aí dentro adormecido. À medida que você evolui, o mal

fica esquecido dentro de você, mas lembre-se: esse mal lhe foi útil um dia, foi por meio da conscientização dele que você aprendeu a fazer o bem.

– Nossa, que legal, Ventania!

– Sim, cultive a boa semente e o resultado será uma linda flor!

– Oraí e vigiai?

– Sim, oraí, vigiai e estudai – disse o sábio caboclo.

(Risos)

– E este centro espírita?

– Tudo o que é de Deus prospera. Aquilo que não é de Deus está destinado ao fracasso. Um dia essas portas se fecharão e todos os que aqui se acham agora terão de prestar contas de seus atos.

– Castigo de Deus?

– Não, Osmar, Deus não castiga quem Ele ama. Justiça divina é a palavra certa. No futuro, todos esses espíritos irão tirar dessa experiência alguma coisa que será útil à evolução pessoal de cada um.

– Mas como assim? Eles estão enganando pessoas...

– Tudo tem um motivo, um propósito de aprendizado. Esses kiumbas se utilizam de pessoas fracas de cabeça para fazerem o que fazem. Na verdade, são falsos espíritas, pessoas que não estudam o espiritismo como deve ser estudado. A preguiça, a ignorância e a falta de caráter levam essas pessoas a participarem disso.

– Meu Deus!

– Tenha paciência e observe.

– Sim, Ventania.

Percebi que o Kiumba líder do centro espírita ordenava aos ogãs que cantassem hinos de louvor a outras entidades, mas ele é quem incorporava fingindo ser o que nunca foi. Ele fingia ser Ogum, Oxum e todos os orixás que foram chamados. Assim foi para Iemanjá, Xangô, caboclos e crianças. Todos eram os mesmos espíritos disfarçados de entidades de luz enganando a todos os presentes. Todos os kiumbas fingiam imitando seu líder.

Foi lamentável o que eu experimentei naquele dia!

Após a triste reunião, eu e Ventania voltamos para a Colônia Amor e Caridade; eu estava triste e arrasado com aquela experiência. Eu estava cansado como nunca.

Daniel estava sentado no mesmo jardim nos esperando. Com um sorriso e um abraço caloroso ele nos recebeu.

– Olá, Daniel! – disse Ventania.

– Como estão vocês?

– Eu estou aprendendo muito com o Ventania, Daniel. Hoje, particularmente, eu aprendi muito, mas estou muito triste com o que vi agora no último centro espírita em que estivemos, e além de tudo me sinto extremamente cansado.

– Que bom, Osmar! Espero que os ensinamentos que estamos lhe apresentando sejam de engrandecimento para todos que acompanham essa história. Não fique triste. Ainda temos muitas coisas a lhe mostrar. Fique ao meu lado e logo o cansaço vai passar.

– Obrigado, Daniel!

Daniel então se dirige ao caboclo Ventania, que parecia aguardar uma próxima instrução.

– Querido caboclo e amigo Ventania, agora você pode voltar aos seus afazeres; depois peço ao Marques para lhe avisar da próxima tarefa,

necessária para melhor compreensão deste ensinamento que estamos passando para o Osmar.

– Obrigado! – disse o caboclo.

– Obrigado, Ventania! – disse-lhe.

– Fiquem em paz – disse o caboclo se afastando.

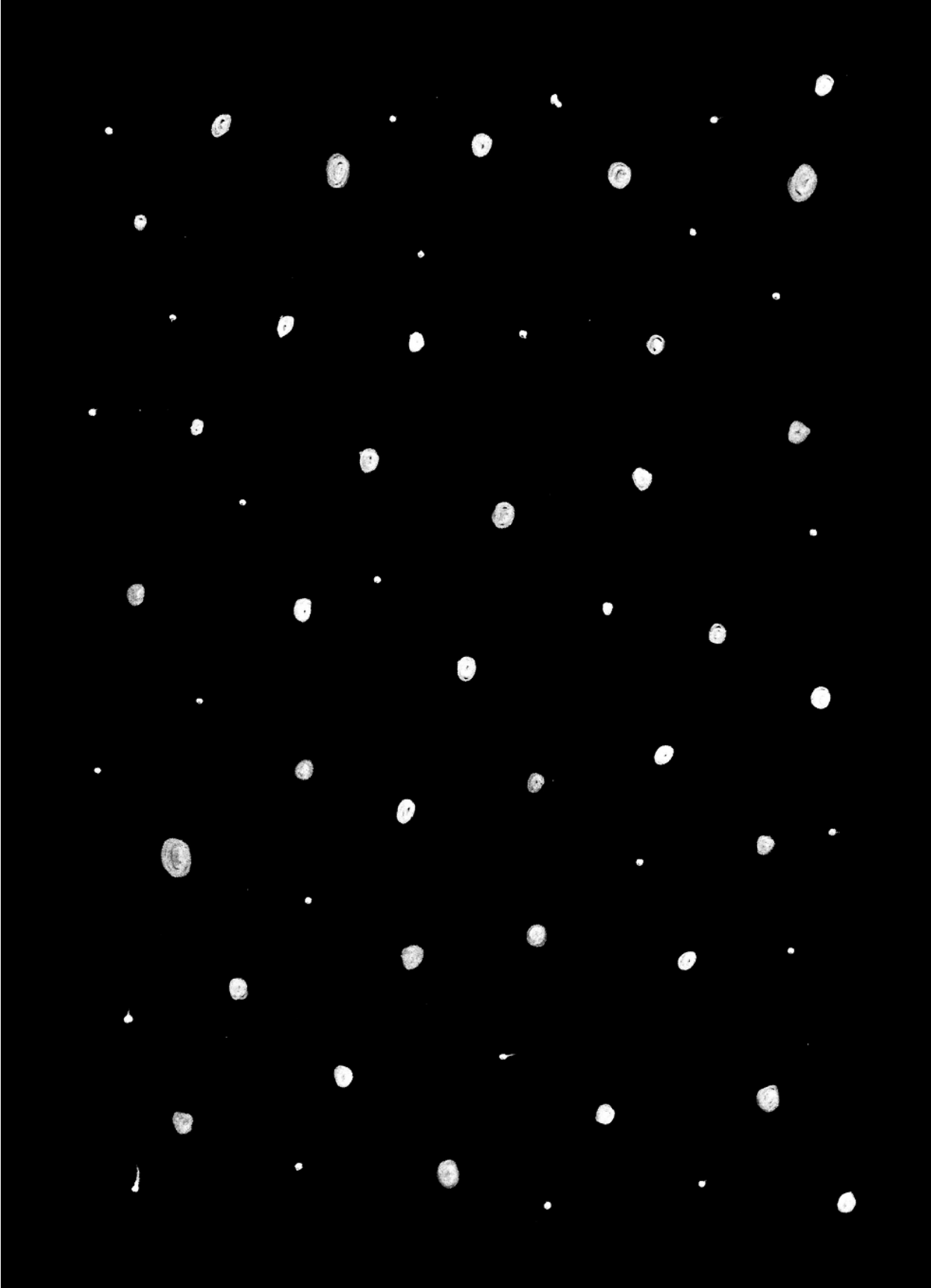
– Ventania, muitíssimo obrigado por tudo – disse-lhe.

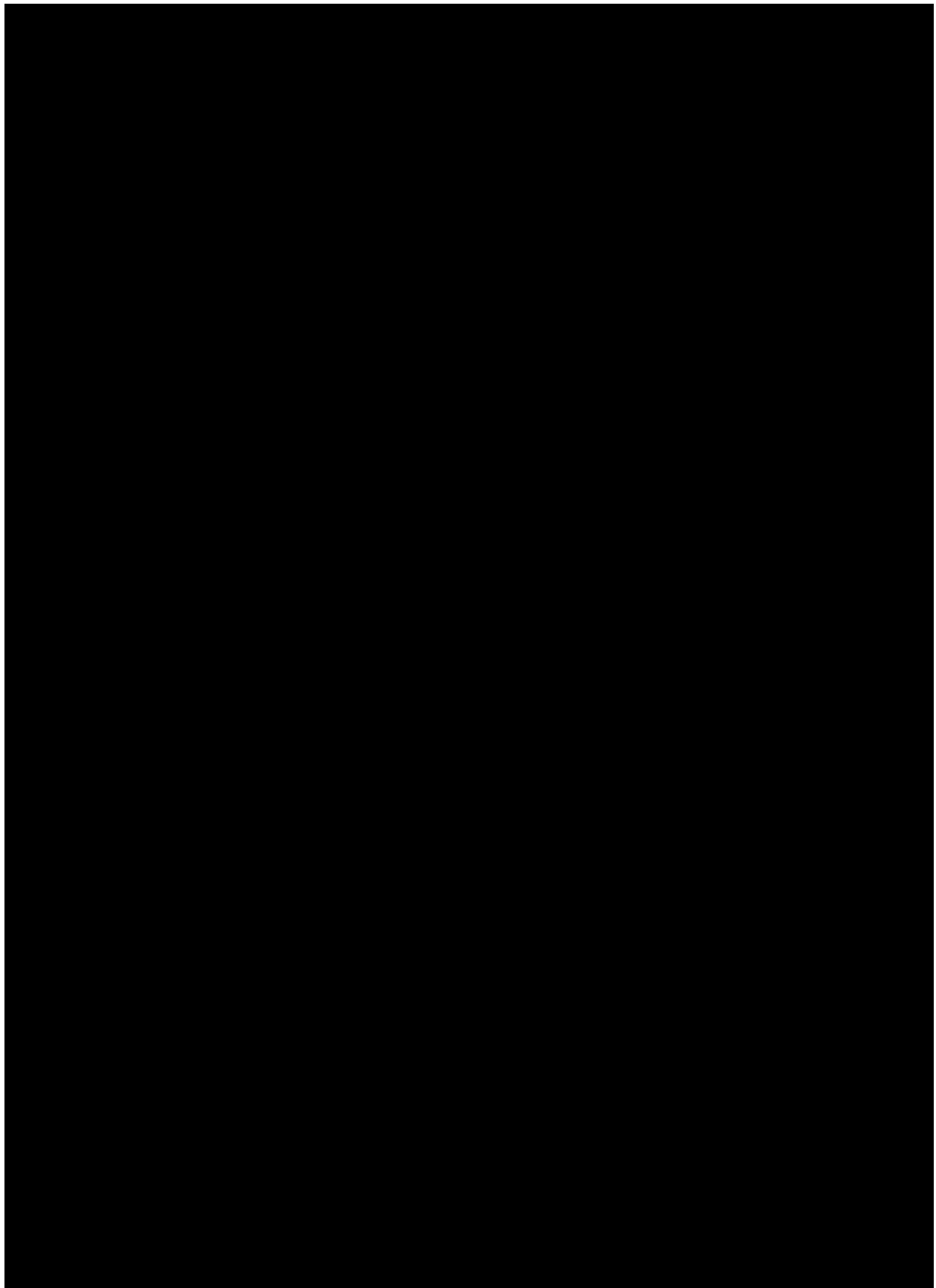
– Lembre-se, Osmar, não há acasos – disse Ventania se afastando.

Assim, sentei-me ao lado de Daniel e esperei pela próxima instrução enquanto, feliz, eu assistia ao caboclo Ventania ir embora. Que cena linda eu pude ver!

– Sente-se melhor agora, Osmar?

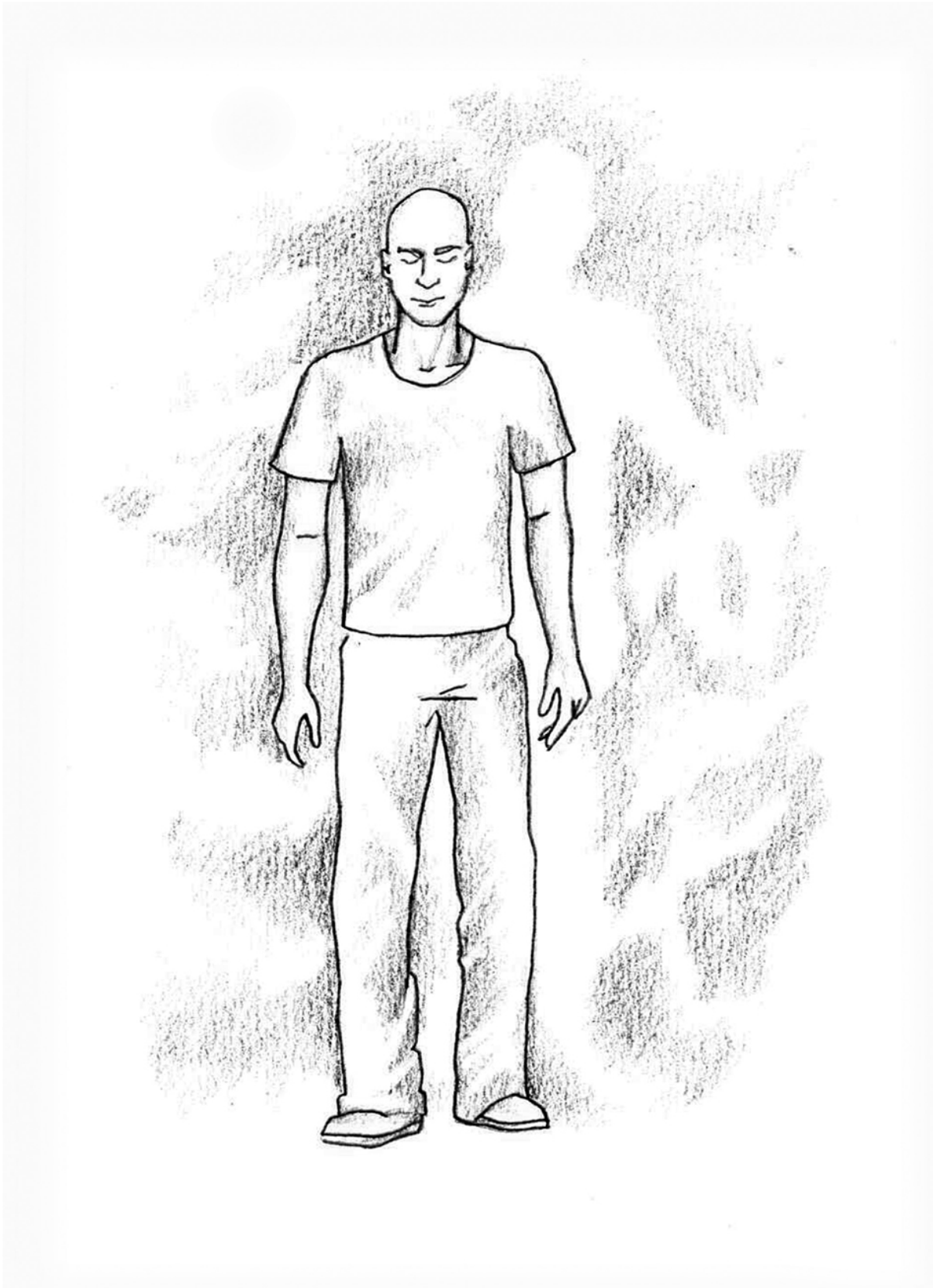
– Sim, estou recuperado.





“A melhor resposta para a incompreensão é o silêncio.”

Osmaiz Barbosa



A lição da alma

Fiquei ali sentado ao lado de Daniel e permaneci calado durante algum tempo. Ele olhava para os pássaros que novamente faziam questão de se aproximarem do iluminado espírito.

Ele tirou de uma pequena sacola presa à cintura um saco marrom de pano que continha sementes para serem ofertadas aos pássaros como alimento e então me ofereceu uma pequena porção.

– Tome, Osmar, alimente os pássaros! – disse-me estendendo a mão direita cheia de sementes.

Carinhosamente, ele depositou um punhado daquelas sementes em minha mão.

– Obrigado, Daniel!

– Alimente os pássaros! – sugeriu o mentor. – Faça assim – disse-me, colocando algumas sementes na palma da sua mão direita. Logo alguns pássaros voaram e pousaram em sua mão para comer. Os pássaros, alegres, agradeciam o alimento cantando alegremente.

Fiquei olhando aqueles pássaros coloridos e repeti o gesto de Daniel. Alguns, que estavam pousados na mão dele, voaram e pousaram na minha mão e começaram a comer. Outros pousavam sobre os nossos ombros e alguns na cabeça. Chegou a ser engraçado aquilo tudo.

Eram pássaros pequenos e coloridos; uns, azuis; outros, amarelos, verdes, marrons, vários de cor lilás e vermelhos. Cada um tinha uma cor nas penas e outra no bico. O vermelho era o mais bonito. Eles tinham as penas vermelhas e o bico amarelo, combinando com as duas patinhas também amarelas. O canto era de alegria e agradecimento pelo alimento que naquela hora eu e Daniel lhes ofertávamos.

– Daniel, me perdoe a pergunta, mas por que existem pássaros aqui?

– Porque Ele deseja que tudo seja muito parecido.

– Então esses pássaros são para nos lembrar da vida na Terra?

– Também – disse o mentor.

– Qual seria o outro objetivo?

– Olha, a vida, quando estamos encarnados, é muito semelhante à que levamos aqui no plano espiritual. A única diferença é que as coisas do mundo físico são materiais e as coisas que você vê aqui são fluídicas.

– Isso o Ventania me explicou.

– O objetivo de tudo aqui é ser igual àquilo que experimentamos quando estávamos encarnados, e também para aprendermos definitivamente a nos desligar das coisas materiais. Aqui, podemos adquirir tudo aquilo que experimentamos na vida material, mas sendo essas coisas fluídicas, dependeremos sempre da reforma interior para conquistarmos o que desejamos. Aqui não há outra forma de conquistar as coisas. Como aqui não há “jeitinho” e muito menos dinheiro, tudo o que você quiser você terá que conquistar verdadeiramente, pois nem a mentira tem vez por aqui.

– Como assim, Daniel?

– Se você desejar comprar uma casa na vida material, o que precisará fazer?

– Trabalhar, juntar dinheiro e comprar.

– Aqui é igual: você precisa trabalhar, juntar reformas íntimas e criar.

– Perdoe-me, mas não entendi!

– Tudo o que o espírito conquista lhe é acrescentado. Exemplo: se você aprende definitivamente a amar sem interesses, você é levado para planos onde o amor sem interesse se destaca; é dessas colônias que descem à Terra espíritos sublimes, responsáveis por semear o amor entre os encarnados. Dessas colônias é que partem para a encarnação mártires e abnegados irmãos que sofrem em nome do amor. Que são martirizados em nome de Cristo Jesus.

– Quer dizer que à medida que me modifico, ganho capacidade para criar coisas que parecem materiais, mas que são, na verdade, o cumprimento de meu desejo espiritual?

– Isso mesmo! Com a reforma de seu íntimo, você aprende a condensar fluidos, e aprendendo isso você pode criar aquilo que achar necessário para a sua evolução.

– Entendi, quer dizer, não entendi muito bem, mas entendi.

– Eu compreendo a confusão que você fez agora em seus pensamentos, Osmar.

– É, Daniel. Pensando bem, se eu evoluir, para que vou querer coisas que se pareçam com coisas materiais? Qual o objetivo disso?

– Para ensinar aqueles que precisam compreender o amor de Deus por Seus filhos. Nós somos cocriadores das coisas de Deus, Osmar.

– Como assim?

– Quando o espírito evolui, ele passa a adquirir alguns poderes, se é que podemos assim dizer. Quando alcançamos determinado grau evolutivo,

somos capazes de cocriar as coisas do Pai. A todo tempo estamos cocriando para o Universo.

– Exemplo? – perguntei.

– Vou citar um exemplo bem simples que todos vocês têm a oportunidade de experimentar quando encarnados: todos podem ser pais. Por exemplo: quando você gera um filho, você está cocriando, isto é, criando com Deus. Quando você possibilita a outro espírito encarnar ao seu lado para evoluir, você está cocriando, você está auxiliando Deus em Sua tarefa. Oportunizar a outro espírito evoluir é auxiliar a Deus. É estar cocriando com Deus.

– E qual é a tarefa de Deus?

– Oportunizar-nos para a evolução.

– Eu não tinha pensado assim.

– Sim, Deus nos criou simples e ignorantes. Os planetas, os planos espirituais, as dimensões espirituais, os multiuniversos e as múltiplas encarnações são alguns dos instrumentos evolutivos dados por Ele para todos os Seus filhos.

– Agora compreendo os pássaros – disse-lhe.

– Qual é a lição dos pássaros? – perguntou o sábio mestre.

– Somos livres para evoluir, livres para voar nos mais belos campos criados por Deus. E sempre haverá uma boa alma para nos alimentar, nos orientar e até mesmo nos guiar. Que seria de mim se eu não estivesse aqui agora recebendo esses ensinamentos? E melhor: poder colocar tudo isso em um livro onde milhares de pessoas poderão experimentar junto comigo essa linda lição e aprender que todos nós merecemos o amor do Pai?

– Muito bom, meu aprendiz! Parabéns!

– Obrigado, Daniel, pela oportunidade que você está me dando.

– Só faltou você me dizer uma coisa.

– O que foi que esqueci? Ah, meu Deus!

– Que Deus alimenta todos os Seus filhos. Portanto, não ajunteis aquilo que a traça come, que a ferrugem possa destruir e que os ladrões possam lhe roubar.

– Eu já ouvi isso em algum lugar, Daniel.

– O nosso querido amigo Jesus nos disse: “Não ajunteis para vós tesouros na terra; onde a traça e a ferrugem os consomem, e onde os ladrões minam e roubam, mas ajuntai para vós tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem os consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam. Porque onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração”.

– São esses pássaros e essa linda colônia os tesouros que vocês ajuntaram, não é isso, Daniel?

– Sim, tudo o que desejais lhe será dado. Tudo o que lhe provir lhe será garantido. Tudo o que semeares, colherá.

– Nossa, como é bom estar aqui!

Os pássaros então revoaram sobre nós como se estivessem nos agradecendo o alimento e foram embora. Eu fiquei olhando-os sumirem ao longe.

Lembrei-me dos espíritos kiumbas que possuíam aqueles médiuns naquele centro espírita e perguntei a Daniel novamente porque tudo aquilo estava acontecendo.

– Daniel, sei que não deveria insistir nesse assunto, mas eu fiquei muito impressionado e incomodado com tudo o que vi naquele centro espírita. Certamente as pessoas irão me perguntar o que fazer para evitar que isso aconteça com elas. Como podemos identificar esses espíritos e não permitir que sejam usados por eles para enganar as pessoas?

– Olha, primeiramente eu gostaria de lhe informar que esses espíritos se aproximam dessas pessoas por afinidades; eles são atraídos por essas pessoas que ainda não perceberam quanto mal estão fazendo para si próprias. São os sentimentos desses médiuns que atraem esse tipo de espírito para perto deles. Para que o médium evite a aproximação desses e de espíritos malfazejos dentre outros, é necessário muito estudo, dedicação, reforma íntima, bom caráter, honestidade e principalmente disciplina, como já dissemos anteriormente. Esses espíritos só se utilizam de médiuns que não possuem as qualidades que citei. Eles se comprazem com os pseudomédiuns.

– O que é um pseudomédium, Daniel?

– É o médium que se diz médium, mas que na verdade não tem nenhuma confirmação de sua mediunidade. Que não nasceu médium.

– Mas se o médium sofre alguma influência espiritual, como reconhecer entre um bom espírito e um mau espírito?

– Parece complicado, mas é simples, Osmar. Os bons espíritos são reconhecidos pela proposta que apresentam no centro espírita. Por exemplo: se um espírito chega ao centro espírita se contorcendo e fazendo cara feia, provavelmente não é um espírito perfeito. Se pede alguma bebida ou cigarro, charuto, vela ou algo assim, ele não é um espírito de luz. Ele precisa, na verdade, de ajuda. Agora, se ele chega ao centro espírita e lhe auxilia com palavras de sabedoria e amor, esse sim, é um bom espírito e merece seu respeito e atenção, pois provavelmente tentará conduzir os tarefeiros daquela seara espírita à evolução pessoal. Reconhecem-se os bons espíritos por suas palavras e atitudes além, é claro, de sua proposta para que todos procurem fazer a sua própria reforma íntima. Às vezes esses espíritos evoluídos vão lhe dar uma bronca, mas será sempre uma bronca construtiva.

– Vi isso no primeiro centro espírita que visitei, Daniel.

– Sim, você pôde espiar como se apresentam os bons amigos.

– Sim, vi preto velho trabalhando sem pedir nenhuma dessas coisas que você falou. Vi Ogum chegar trazendo luz para todos os que estavam presentes e não pedir nada a ninguém, e pude ver uma Oxum abençoando todos no lugar sem nada pedir. Sem cigarro, sem bebidas, sem nada.

– Quando um centro espírita é sério, os espíritos que trabalham nele seguem a mesma linha. Ou seja, se há seriedade, há evolução; e se há evolução é porque há estudo. E se há estudo, há disciplina, e se há disciplina há espíritos bons.

– O que pensar então do segundo centro que visitei?

– Não pense, ore por eles!

– Uma coisa eu achei super interessante, Daniel.

– O que?

– Em minha santa ignorância eu achava que a incorporação era bem diferente da que assisti nos dois centros espíritas que visitei.

– Como você imaginava que era uma incorporação?

– Eu já estudei bastante como esse fenômeno acontece, e tenho meus entendimentos formados sobre incorporação, mas a maioria das pessoas acha que o espírito entra no corpo do médium.

– Se o espírito entrar no corpo do médium, ele deixa de ser médium e passa a ser o espírito. Se isso acontecer o médium morre. Dois corpos não podem ocupar o mesmo espaço ao mesmo tempo. Isso a ciência já provou.

– É, eu sei disso, mas as pessoas infelizmente não pensam assim. Foi muito bom ver como tudo acontece, e melhor ainda é poder relatar isso neste livro.

– Sim, o que há é uma aproximação do médium, que expande seu perispírito, e permite a comunicação. Estudo é tudo!

– Por sinal, foi uma das coisas mais lindas que já vi, Daniel.

– Realmente, é muito bonito assistir como tudo acontece pelo olhar do espírito.

– Sim, realmente é muito lindo. Quando aquele soldado romano entrou no centro espírita dançando e o médium, repetindo toda a dança, sem fazer cara feia, sorrindo e bailando alegremente, eu fiquei feliz.

– Que bom, Osmar! Que bom!

– Cada vez aprendo mais sobre perispírito. Eu fiquei muito feliz com o que pude presenciar no primeiro centro que visitei. Eu já estudei muito isso, mas fazia uma ideia errada. Nada como ver como tudo acontece.

– Todos nós nos apresentamos com nosso perispírito que é, na verdade, o corpo fluídico que levamos para todos os lugares.

– Agora mesmo você se apresenta com seu perispírito não é, Daniel?

– Sim, esse é um dos muitos perispíritos que tive durante minhas encarnações.

–E quantas encarnações você já teve, Daniel?

– Algumas centenas.

– E porque você se apresenta com esse?

– Você não gostou desse, Osmar?

– Quem sou eu para gostar ou não do seu perispírito, Daniel? Perdoe-me!

– Utilizamos o perispírito pelo qual desejamos ser reconhecidos. Eu uso esse, porque foi com ele que mais sofri e não quero esquecer as lições e ensinamentos que vivi quando estava encarnado com essa forma. Eu já lhe falei sobre isso. Vivendo assim, com esse perispírito, eu não me perco. Pois toda vez que olho para mim mesmo, me lembro daquilo que não devo fazer nunca mais, daquilo que não devo ser.

– Grande lição, Daniel!

– Sim, o que nos marca na encarnação é o que nos evolui. Sendo assim, não deixemos no esquecimento tudo o que nos foi imposto para a evolução. As provas são difíceis, mas todas são evolutivas, e todas são benéficas.

– Você pode falar um pouco mais sobre perispírito, Daniel?

– O perispírito é a nossa forma fluídica. É o corpo fluídico que todos nós temos, e que levamos para a eternidade.

– Isso eu já compreendi. Se eu não trazer uma xerox do último corpo que usei, não serei reconhecido pelos meus familiares e amigos que estão na vida espiritual.

– Exatamente isso!

– Deixe-me lhe perguntar mais uma coisa:

– Pergunte.

– Como serei reconhecido, por exemplo, por familiares de outras encarnações que eu possa ter experimentado antes dessa, nas quais certamente me utilizava de outra forma física?

– Com o perispírito da encarnação passada.

– E onde ficam esses perispíritos que usei durante as encarnações passadas?

– Em um arquivo dentro de sua mente.

– Huum, interessante!

– Sim, em um arquivo que todos os espíritos têm guardado dentro de si.

– Uma espécie de arquivo morto?

– Um arquivo morto-vivo, podemos chamá-lo assim. Lembre-se, Osmar, somos deuses.

– Puxa, que legal!

– Vocês, na condição de encarnados, estão limitados. Assim, após o desencarne muitas coisas lhe serão reveladas, lembradas e acrescentadas.

– É morrer para ver, não é, Daniel?

– Não, Osmar, ninguém morre.

– Perdoe-me. É desencarnar para ver.

– Isso, lembre-se que Ele é maravilhoso, onisciente, protetor, gentil, inteligência suprema e muito mais, Osmar. Tudo o que Ele criou jamais deixará de existir.

– Obrigado, Daniel!

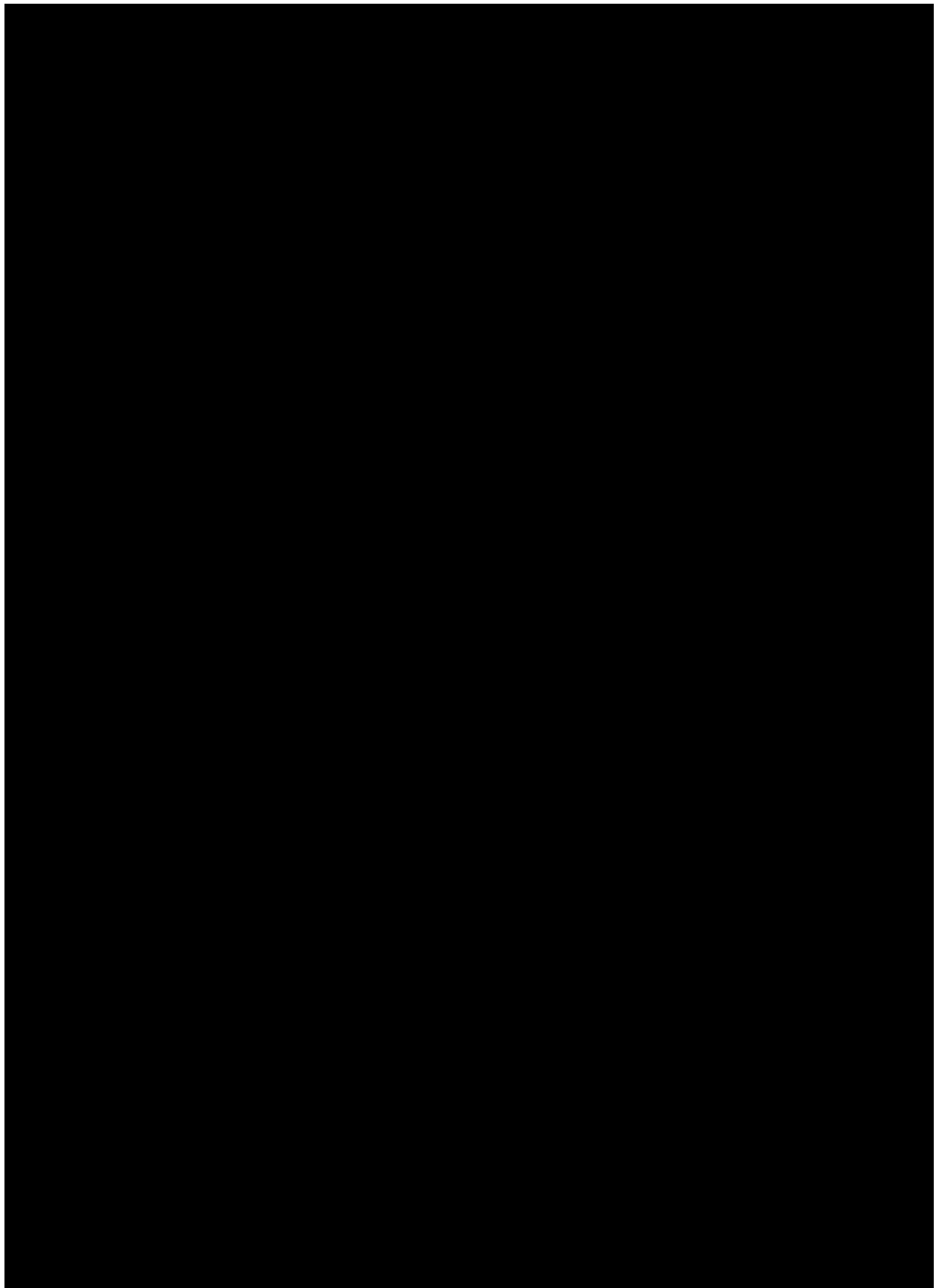
– Por nada meu querido irmão!

– Olha, Daniel, os pássaros estão voltando!

– Sim, é hora de alimentarmos nossos irmãozinhos novamente – disse Daniel retirando da sacola à cintura o saco marrom.

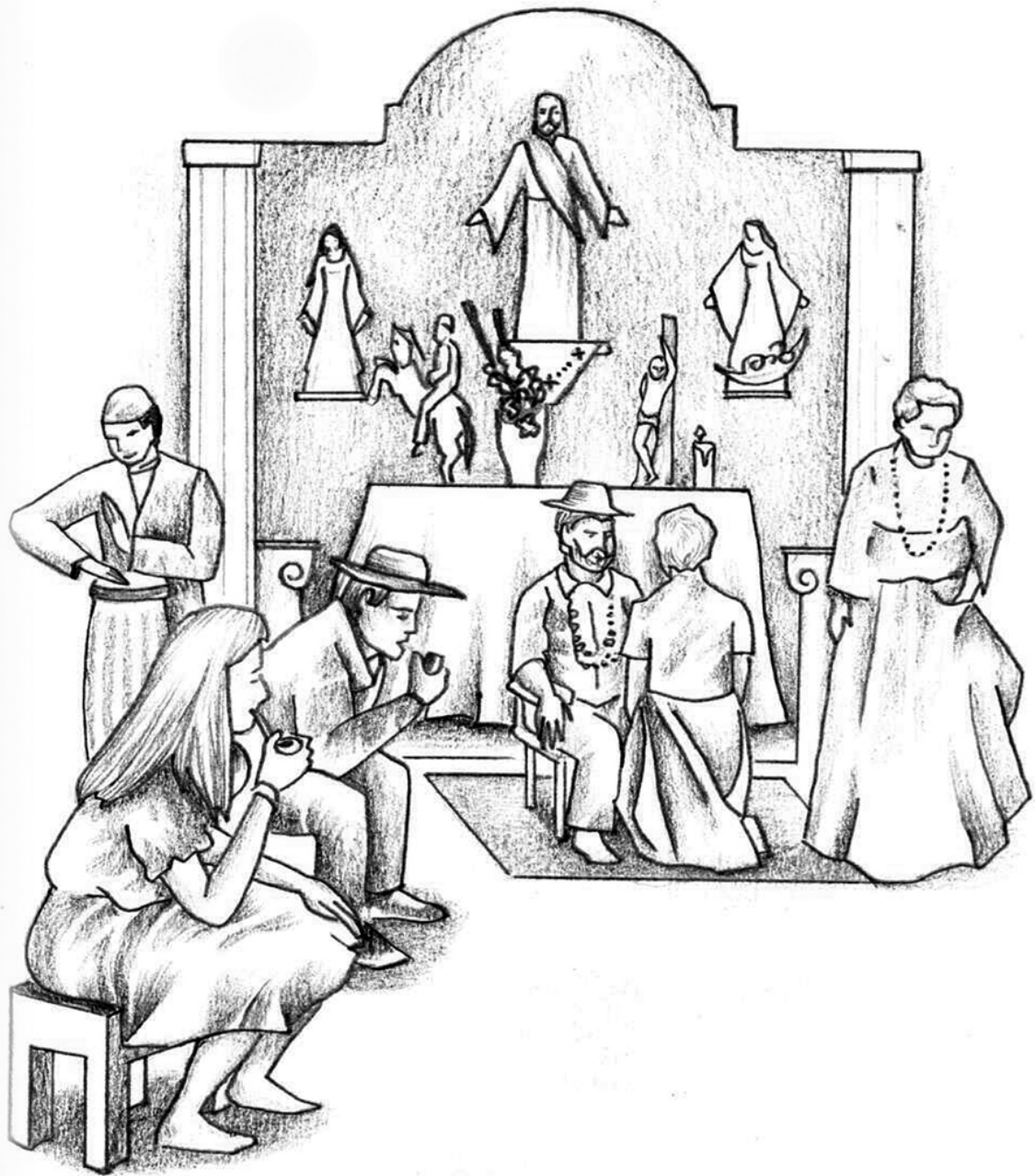
Eu olhei para ele e sorri.





*“Na vida espiritual somos reconhecidos por aquilo que desejamos no
fundo da nossa alma.”*

Osmar Barbosa



O terceiro Centro Espírita

Após dois dias, encontrei-me com Ventania*. Ele me disse que ainda faltava um centro de umbanda para visitarmos. E lá fomos nós. Entrei em desdobramento e segui o caboclo Ventania.

Após alguns minutos...

– Eu pensei que já havia visto tudo, Ventania!

– Tudo o que?

– Ah, sei lá, estou ainda assustado com tantas novidades.

– Ainda falta muita coisa para você aprender sobre os centros espíritas, Osmar.

– Então vamos!

– Sim, vamos! – disse-lhe, alegre por estar em sua companhia novamente.

Chegamos então a um pequeno e antigo centro espírita. As paredes se mexiam, e aquilo me deixou muito curioso e assustado. Ventania não me deixou sair de perto dele quando tentei me aproximar da parede para tocá-la.

– Não mexa nisso e não saia de perto de mim!

Assustado, perguntei:

– Mas o que tem este centro espírita? Eu só estou curioso com as paredes, que embora sejam bem velhas, ainda têm uma camada de tinta branca. Mas elas se mexem. Coisa estranha. Eu nunca vi nada igual, as paredes parecem estar se dissolvendo.

– Este é um centro espírita muito antigo – disse o caboclo.

– Quantos anos ele tem?

– Aproximadamente cinquenta anos.

– É por isso que está tudo caindo aos pedaços aqui?

– Na verdade, você está vendo o centro espírita pelo olhar dos espíritos. É assim que nós enxergamos este lugar.

– Você trabalha aqui, Ventania?

– Não, nenhum espírito trabalha aqui.

– Como assim, um centro espírita sem espíritos! É isso mesmo?

– Sim, existem milhares de centros espíritas que não têm espíritos.

Fiquei chocado.

– É, vi isso lá no segundo centro que visitamos; na verdade, havia espíritos, só que eram espíritos sem luz.

– Esse aqui nem isso tem.

– Como assim, Ventania?

– Sente-se aqui – disse ele me puxando para um canto do centro onde havia um pequeno banco de madeira.

– Vamos esperar começar a sessão, é isso?

– Sim, vamos esperar os médiuns chegarem. Por favor, fique em silêncio e observe.

Calei-me e fiquei esperando tudo acontecer. Não demorou cinco minutos, começaram a chegar as pessoas. O centro tinha apenas oito médiuns: três homens e cinco mulheres. Uma delas era a dirigente do lugar.

Vestidos a caráter, os médiuns se posicionaram para o começo da sessão. Apenas um ogã sentou-se ao nosso lado com um pequeno atabaque preso entre as pernas.

Logo o canto de abertura dos trabalhos foi iniciado pela dirigente espiritual. Após a defumação, duas jovens, vestidas de branco, entraram num pequeno cômodo que havia atrás do simples altar e começaram a trazer oferendas colocadas em gamelas de louça branca. Uma toalha forrava o chão onde cuidadosamente a oferenda era colocada.

Após a mesa arrumada e todos os orixás saudados, a babalorixá saúda os pretos velhos. A mesa era farta de comida para eles. Havia feijoada, farofa, vinho, charutos, velas, flores, arroz, laranja cortada em pequenos pedaços e outras comidas. A assistência olhava esfomeada para a farta mesa de comida.

Nenhum espírito apareceu.

Alguns pseudomédiuns já estavam pitando cachimbo e bebendo cachaça e vinho tinto servidos em cuias feitas de coco. Contorcidos, eles falavam num linguajar de difícil compreensão. Uma das pseudomédiuns fazia uma cara feia e se arrastava ao chão como se a falsa entidade que ela fingia incorporar não tivesse pernas.

Triste de ver! Permaneci calado esperando pelo ensinamento do caboclo.

Logo a comida foi servida e as falsas incorporações começaram a dar consultas às pessoas. Os falsos espíritos faziam previsões ameaçadoras para as pessoas e pediam oferendas em troca daquilo que certamente não iria acontecer, ilusões, mentiras, enganação; tudo eu pude ver naquele centro que

parecia estar derretendo. As paredes derretiam, e o lugar começava a ficar insuportável quando o pior eu pude ver.

Dezoito espíritos, eu pude contar, entraram no lugar. Na verdade, eram espíritos desencarnados que estavam vagando pelo lugar. Alguns estavam dilacerados e sem partes do corpo; como no centro espírita anterior, eu pensei tratar-se de kiumbas novamente. Logo que entraram eles se ajoelharam sobre a mesa de oferendas e começaram a comer com as mãos. Alguns pegavam as garrafas e bebiam diretamente no gargalo. Aquele que parecia ser o líder deles sentou-se na cadeira da dirigente após pegar um charuto e começou a ordenar que todos comessem à vontade.

Assustadíssimo, olhei para Ventania que me disse:

– Você está vendo o que está acontecendo com este centro espírita?

– Eu, na verdade, nem gostaria de estar aqui – respondi.

– Mas é necessário que você aprenda mais esta lição.

– Quem são esses espíritos?

– São de uma ordem de eguns.

– Que raios é isso? – perguntei, assustado.

– São espíritos que desencarnaram e não foram levados para o Umbral. Não foram levados para lugar nenhum. Vivem como se ainda estivessem vivos. Eles vivem vagando por aí. É muito comum encontrá-los na porta dos centros espíritas, por isso é necessário que a porta de um centro espírita esteja sempre segura para que esses não tenham permissão de entrar.

– Foi por isso então que eu vi aqueles caboclos e outros espíritos na porta daquele primeiro centro espírita que visitei?

– Sim, segurança é fundamental em um centro espírita sério.

– Mas Ventania, por quê, esses eguns estão aqui?

– Porque eram eles que realizavam as sessões espíritas deste lugar.

– O que?! Quer dizer que esses eram os médiuns deste centro espírita?!
Como assim?

– Sim! Aquele que se sentou na cadeira da dirigente foi o último pai de santo ou babalorixá, se preferir chamar assim, a comandar as sessões deste lugar.

– Mas por que tudo isso está acontecendo assim? É castigo? Eles procuram isso?

– Sim, e não, na verdade esses espíritos nunca foram embora e estão aqui colhendo o que semearam. Aqui neste centro espírita já houve um tempo em que tudo se fazia conforme os ensinamentos dos espíritos de luz. Acontece que a vaidade, a soberba e a falta de caráter desse último dirigente fizeram com que esse lugar se transformasse no que você está vendo agora. Naquela época eles começaram a realizar aqui trabalhos de quimbanda. O resultado é esse que você está vendo.

– Mas por que eles não foram socorridos e levados para as colônias, como vemos com a maioria dos espíritos?

– Eles só serão resgatados quando estas paredes que você está vendo derreterem por completo.

– Mas eles estão sofrendo aqui.

– Isto faz parte. Isso que você vê agora foi imposto a eles por terem deixado de lado a caridade. No lugar dela eles se utilizaram deste lugar para praticarem o mal. Eles é que estão sintonizados a este lugar. Por isso permanecem aqui.

– Mas o que estou vendo aqui hoje é o mesmo que eles fizeram no passado. Por que este centro espírita insiste no erro?

– Esses médiuns, na verdade pseudomédiuns, que você está vendo aqui realizando esse trabalho, são sensitivos que tiveram a oportunidade de evoluir utilizando-se do serviço aos bons espíritos. Mas, desconectados do serviço da caridade, foram envolvidos por esses espíritos desencarnados que utilizam da baixa fé desses, para intuí-los a trabalharem desta forma, pois só assim conseguem comida, bebida e fumo para saciarem seus vícios ainda impregnados no perispírito desses irmãos desencarnados. Esses sensitivos, de tanto errarem, acabaram virando pseudomédiuns. Eles estão abandonados, foram deixados à própria sorte.

– Meu Deus! E Deus permite isso?

– Isso nada mais é do que uma prova para todos os envolvidos.

– Mas, e as pessoas que vêm aqui para se consultarem? Elas também fazem parte disso?

– A alma que deseja fazer o mal a alguém não merece caridade dos espíritos de luz. Somos o reflexo daquilo que desejamos todos os dias. Essas pessoas que estão aqui trazendo oferendas o fazem porque querem alguma coisa ilícita. O que é lícito vem de Deus.

– Como assim, Ventania?

– Observe a natureza, tudo tem o fluido de Deus. Nós, caboclos e demais entidades que trabalhamos nas religiões que se utilizam da incorporação para ajudar, utilizamos esses elementos sempre, como já lhe falei. Usamos água da cachoeira, água do mar, cascas de árvores, folhas e muitas outras coisas para realizarmos as curas que são possíveis pela utilização correta dos elementos de Deus. Remédios, banhos, sais e tantos outros elementos que comprovadamente têm uma energia benéfica à alma encarnada, mas só à alma encarnada e não ao espírito, pois o que evolui o espírito é a reforma íntima e nada mais. Nós temos o conhecimento para usar esses elementos.

Veja, estou lhe falando de elementos que encontramos na natureza e não oferendas que o homem cozinha.

– Quer dizer que vocês se utilizam dos elementos da natureza para ajudarem a curar as almas, é isso?

– Sim, nós, caboclos, conhecemos profundamente os elementos da natureza. Foi nas múltiplas encarnações que tivemos como índios, que aprendemos a nos utilizar desses elementos. Sabemos a combinação de folhas para curar determinada enfermidade da alma. Sabemos do poder da natureza e nos utilizamos desses poderes para ajudar almas sofridas e doentes. Nunca para dar riqueza ou bens materiais. Os elementos dispostos na natureza são para fins medicinais e não para fins materiais ou comerciais. Nós trazemos para a vida espiritual tudo de bom que aprendemos durante as nossas encarnações. Se você viveu várias encarnações como índio a sua melhor parte é a parte do índio, e tudo aquilo que você aprendeu quando era índio. Assim, com esse conhecimento adquirido nós servimos ao Criador para auxiliar as criaturas. Tudo no Universo se combina para, juntos, fazer evoluir os espíritos.

– Eu sempre soube do poder da fumaça, por exemplo. Sempre me utilizei da defumação para afastar, por exemplo, maus espíritos.

– A fumaça nada mais é do que o resultado da queima de uma ou várias folhas. Voltamos à alquimia, cujo conhecimento só os espíritos mais esclarecidos têm. A mistura correta tem efeito rápido e benéfico. A mistura sem conhecimento de nada serve.

– Quer dizer que algumas coisas utilizadas nos centros espíritas realmente funcionam?

– Sim, claro que sim! Alquimia é a palavra. Para ser um bom dirigente ou babalorixá é necessário que o médium estude alquimia e tenha missão

mediúnica. Nós só nos utilizamos de médiuns que têm algum conhecimento de alquimia e que seja missionário. Estudo, Osmar, estudo!

– Como isso funciona?

– Isso o que?

– Como um médium pode conhecer tudo isso? Vocês não falam por meio do médium? Então o médium não precisa necessariamente conhecer de alquimia para passar uma receita.

– O espírito só se comunica por meio da lucidez mediúnica. Por isso o médium espírita não pode parar de estudar. Sócrates, Platão e tantos outros sábios jamais poderão se comunicar por meio de um médium que não tenha o mínimo de conhecimento sobre eles. É assim que funciona. Nós não entramos no corpo do médium para realizar a comunicação.

– É, o Daniel me mostrou como isso funciona. Isso eu já aprendi.

– O médium expande seu perispírito e nós nos aproximamos para realizar a comunicação. Sendo assim, o médium sempre estará por perto e pode interferir no diálogo.

– Sim, Ventania, mas como não atrapalhar a comunicação?

– Quando o médium expande seu perispírito ele tem as faculdades mentais perturbadas por nós. Basta ele se manter em perturbação.

– Entendi, Ventania.

– A incorporação é uma relação entre dois espíritos, sempre será assim. Ninguém adormece na incorporação. A perturbação é causada por nós para que o médium não interfira e muito menos tome ciência do que estamos falando.

– Sim, se todos os médiuns estudassem mais e se dedicassem a não interferir nas comunicações, acho que as coisas estariam bem melhores.

– Bons médiuns estudam. Bons médiuns aprendem. Bons médiuns se dedicam e trabalham pelo amor ao próximo. Nós só estamos aqui para divulgar a nova religião; o espiritismo é o futuro de todas as religiões, não tenha dúvida disso.

– Eu acredito nisso, Ventania. Mas e essa diferença entre médium e sensitivo, como isso funciona?

– Médium nasce médium, ser médium é ter um órgão a mais em seu organismo.

– Como assim? Eu tenho um órgão a mais em meu organismo?

– Você se lembra de quando lhe falamos que o médium nada mais é do que um espírito que assumiu um compromisso com outros espíritos para, juntos, ajudarem os necessitados?

– Sim, eu me lembro disso.

– Pois bem, se você é qualificado para esta missão, você precisa nascer com o corpo preparado para isso.

– Nossa! Deve ser uma experiência fantástica!

– Sim, médiuns nascem médiuns. Há uma predisposição física, psíquica, emocional, vibracional e sensitiva para isso.

– Você está me dizendo que o médium nasce com essas virtudes?

– Sim, para exercer sua mediunidade seu corpo físico já nasce com essa predisposição.

– E os sensitivos, quem são?

– Todo espírito encarnado está emanando energia sobre um corpo físico por meio do perispírito. Assim, todos os que estão encarnados são sensitivos.

– Isso eu já compreendi, porque aquela voz que fala dentro de nós são na verdade os espíritos amigos dando-nos conselhos; sendo assim, todos que têm intuição são, na verdade, sensitivos. Você mesmo já me falou sobre isso.

– Exatamente isso. Toda alma é sensitiva. Todos pressentem acontecimentos. Isso é sensibilidade. Mediunidade é outra coisa.

– Você pode diferenciar uma coisa da outra para mim?

– Sim, claro! Mediunidade é missão combinada entre espírito encarnante e espíritos de luz missionários.

– Beleza, e sensibilidade?

– Toda alma que sente e pressente alguma coisa é sensitiva.

– Precisamos aprender isso – disse-lhe.

– O que mais temos hoje dentro dos centros espíritas são sensitivos se achando médiuns, ou querendo a todo custo ser médium, Osmar.

– Como podemos identificá-los?

– Por meio de suas atitudes, palavras, conselhos e gestos. Pelo comportamento dentro e fora do centro espírita.

– Como assim?

– Médiuns não se predispõem ao ridículo, porque eles conhecem os seus mentores e têm com eles uma relação muito próxima. Quem é médium respeita e segue as orientações de seus mentores. Médium jamais toma uma atitude sem consultar primeiro o seu mentor espiritual. Médiuns têm missão espiritual e normalmente são julgados e condenados pela caridade que praticam. Médiuns são missionários.

– E sensitivos?

– São, em sua maioria, pessoas despreparadas que não conhecem o espiritismo. Que ao sentirem o primeiro calafrio já se acham médiuns.

– Dizem que é necessário o desenvolvimento mediúnico. O que dizer disso?

– O desenvolvimento mediúnico é a tentativa que o dirigente espiritual faz para despertar a mediunidade adormecida suposta por ele. Na verdade, como já lhe falei acima, o médium nasce médium, ninguém vira médium. Um bom dirigente percebe a mediunidade e a desenvolve para auxiliar o médium.

– Muito bom, Ventania. Quer dizer que não se faz médium?

– Isso, médium nasce médium, sensitivo nasce sensitivo. O que acontece com muita frequência é que alguns médiuns relutam em desenvolver sua mediunidade por medo ou até mesmo por não acreditarem que são médiuns. Ser médium é ser missionário, Osmar. Daí a necessidade de outro médium para despertar em seu colega a missão dele.

– Mas pode um sensitivo auxiliar os espíritos?

– Sim, como já falei, o sensitivo sente o espírito e pode nos ajudar muito.

– Como então o sensitivo pode ser útil?

– Sendo honesto.

– Basta isso?

– Sim, sendo honesto na casa espírita. Não ficar inventando que vê isso ou aquilo, que sente isso ou aquilo. Fingir ser o que não é. É só isso que o sensitivo tem que fazer.

– Ainda bem que você explicou.

– Todos vocês, que estão envolvidos com o espiritismo, devem ouvir primeiramente os espíritos e prestarem muita atenção no que estão fazendo. Façam o espiritismo com amor e tudo lhes será acrescentado. Muitos

sensitivos estão por aí se dizendo médiuns no primeiro calafrio. Esses são os que estão destruindo a umbanda e os centros espíritas sérios. Aprendam definitivamente que o espiritismo pertence aos espíritos, e evocar espíritos é uma coisa muito séria. Quem nos trata com seriedade merece nosso respeito. Mas aqueles sensitivos que fingem ser médiuns pagarão pelo erro cometido, porque tudo o que plantarem também terão de colher.

– Caramba, Ventania!

– Obrigado! – disse o caboclo.

– Mas tem mais uma coisinha que você precisa registrar nas páginas deste livro.

– O que será? Meu Deus!

– Muitos que lerem esta obra, infelizmente continuarão a insistir no erro. Esses sensitivos continuarão a achar que o que estão fazendo está certo. Poucos, muito pouco dos que lerem estas linhas irá reformular seus pensamentos e suas atitudes. Ninguém precisa abandonar o que está fazendo dentro do centro espírita; o que os sensitivos precisam é estudar mais, serem mais humildes de coração e aceitarem sua condição de sensitivos. Médiuns são médiuns.

– Espero que todos entendam estas palavras. O importante é informarmos a todos os nossos irmãos sobre mediunidade e sensitivos, é necessário que todos os que estão envolvidos reavaliem suas atitudes. O Umbral hoje é o lugar que mais tem espíritas, como já dissemos. Eles foram para lá porque não prestaram atenção e não deram importância aos ensinamentos dos sublimes amigos. Disciplina é a ordem.

– Tenho pena e me preocupo com essas almas.

– Vamos seguindo orientando por meio das obras que você psicografa. Estamos em uma missão que está somente no começo.

– Espero ser útil a vocês, Ventania.

– Você está no caminho certo.

– Obrigado!

– Quanto às paredes, você não quer saber o que está acontecendo com elas?

– Sim, desculpe-me, é que estou pasmado com tudo a que estou assistindo aqui. E também com suas palavras. Pobres almas!

– Não se lastime, as almas colhem os frutos de sua sementeira, e têm aquilo que merecem.

– Sim, e as paredes?

– Este centro espírita é muito antigo. Ele tem aproximadamente cinquenta anos, como lhe falei. Durante vinte e dois anos ele foi um centro de caridade. O primeiro dirigente e fundador, que não está aqui neste momento, realizou um grande trabalho na caridade. Muitos acham que abrir um centro espírita e oferecer comida aos pobres é o suficiente para atender aos anseios da caridade; na verdade, comida só serve para alimentar estômagos vazios. Pedro, que foi um dos primeiros dirigentes e trabalhador deste centro espírita, auxiliado por sua esposa, Ivonete, realizou um grande trabalho, principalmente de desobsessão. Aqui, muitos espíritos foram resgatados e levados para o Umbral e para as colônias de refazimento. Em cada cura ou caridade sincera, realizada dentro de um centro espírita sério, onde há bons espíritos, as paredes recebem um fluido protetor. Essa proteção é necessária para que os miasmas espirituais e as larvas astrais não se condensem no ambiente, atrapalhando assim o trabalho de médiuns e dirigentes sérios. Nós, quando estamos trabalhando em ambientes assim, fazemos questão de deixar o ambiente o mais limpo possível. As paredes deste antigo centro espírita foram revestidas por muitos anos, por fluidos magnéticos dos abnegados

espíritos de luz que, junto a Pedro e sua esposa, auxiliaram milhares de pessoas.

– Nossa, essa eu não sabia! Nem imaginava que isso existisse.

– Se você rezar todos os dias no mesmo lugar e sua oração for sincera, o lugar de oração ficará imantado com os fluidos da prece. É assim em todos os lugares. É assim que tudo funciona. Fluidos, Osmar, fluidos.

– Quer dizer que as paredes estão derretendo porque aqui já não se faz mais a caridade verdadeira?

– Exatamente isso! E assim que todo o fluido deixado aqui por anos dissolver-se completamente, esse lugar irá fechar e todos esses eguns que você vê aqui agora serão levados para outros lugares.

– Eles serão resgatados?

– Você se lembra que lhe falei do Pedro e da Ivonete?

– Sim, você acabou de falar deles.

– Quando você estiver em Amor e Caridade, peça ao Daniel informações sobre eles.

– Eles estão na colônia?

– Converse com Daniel. Peça-lhe para explicar melhor tudo isso.

– Obrigado, Ventania, eu vou perguntar então ao Daniel.

– Vamos voltar? – sugere o caboclo.

– Sim, vamos embora!

– Mas antes, vamos fazer uma prece por esses pobres espíritos.

– Sim, você pode fazer essa prece, Ventania?

– Sim, pode deixar. Vamos nos concentrar e desejar sinceramente que todos esses irmãos sejam auxiliados.

– Sim, vamos!

O caboclo Ventania profere uma linda prece:

Deus, meu Pai, tenha misericórdia desses irmãos que sofrem presos a este plano.

Jesus, tenha piedade daqueles que buscam essa casa espírita, iludidos pelos maus espíritas e maus espíritos.

Rogo a ti em nome dos espíritos superiores que a vossa paz e sabedoria induzam esses espíritos errantes a procurarem a luz libertadora e evolutiva, necessária a todos nós, espíritos em evolução.

Senhor, tende piedade desses irmãos que vivem perdidos na ilusão da materialidade. Dê-lhes luz e paz.

Pai de amor e misericórdia, estenda a Vossa bondade e caridade a este centro espírita. Permita-nos auxiliar a esses que sofrem sem perceber e insistem no erro comum de se acharem perfeitos diante de tanta crueldade e imperfeição.

Jesus, que Gabriel, o anjo protetor, visite este lugar e auxilie a esses irmãos.

Graças te dou, Senhor.

– Linda prece, Ventania!

– Obrigado, Osmar!

Assim, após o momento de amor e prece, eu e o caboclo Ventania voltamos para a Colônia Espiritual Amor e Caridade.

* A história do caboclo Ventania você encontra no livro “O Guardião da Luz”, psicografado por Osmar Barbosa.

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

+

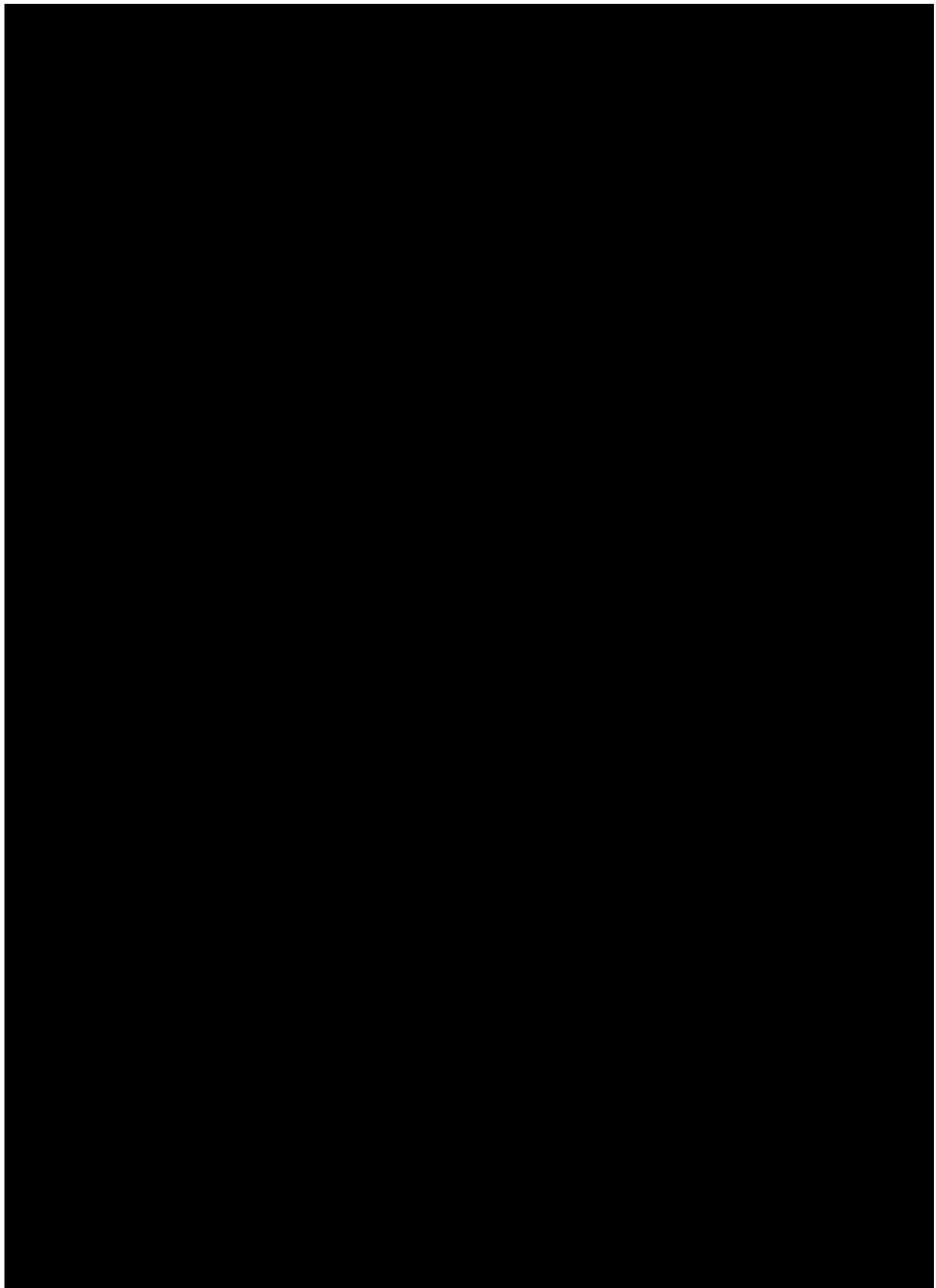
+

+

+

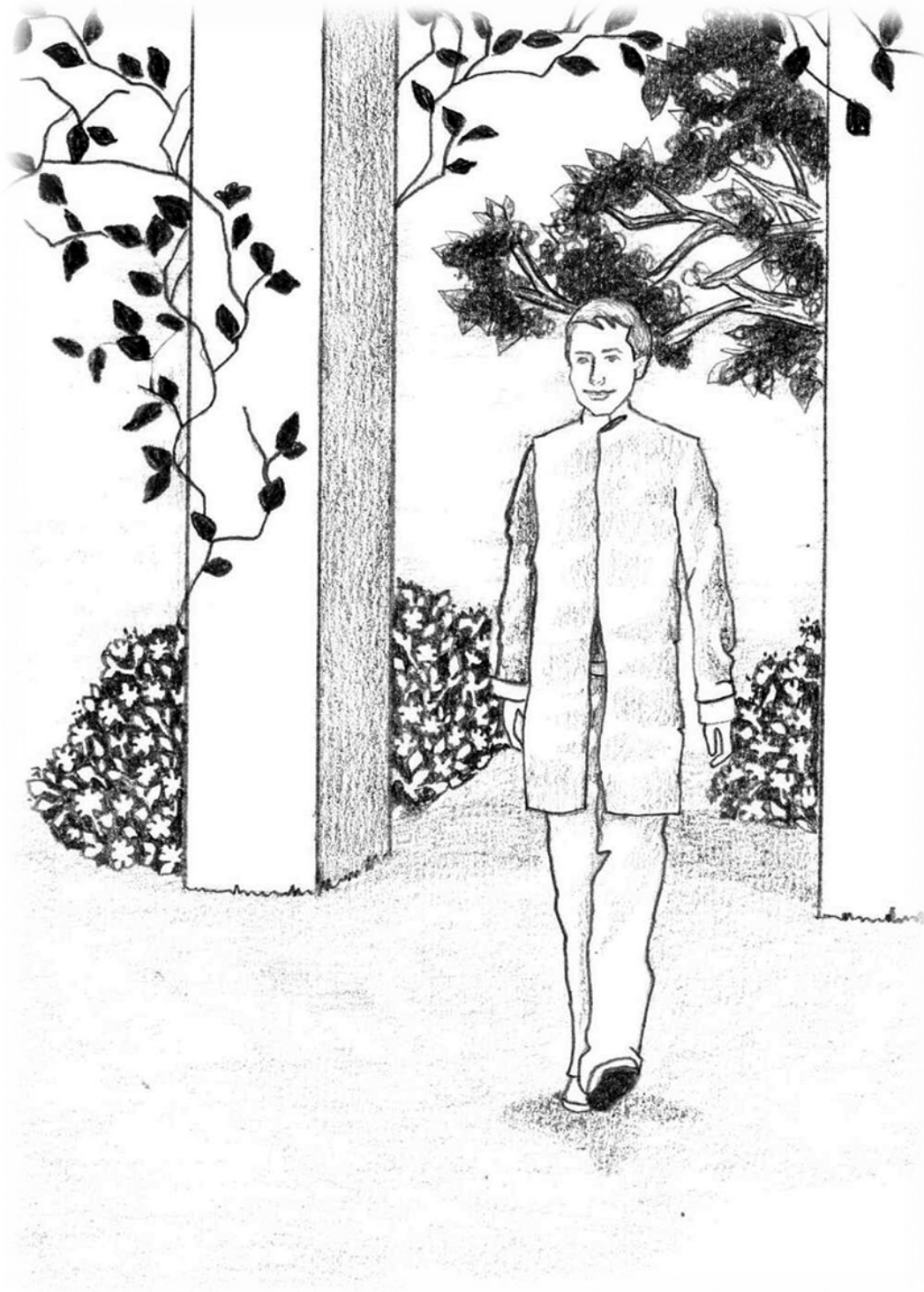
+

+



“A sabedoria está em ouvir os bons espíritos com humildade.”

Osmaiz Barbosa



De volta a Amor e Caridade

Logo fui levado de volta à Colônia Espiritual Amor e Caridade e recebido por Marques, um dos assessores do frei Daniel. Marques é um velho conhecido meu. Já tive a oportunidade de conhecê-lo em outros livros que psicografei anteriormente.

Chegando à Colônia, fui levado ao galpão da administração. O prédio é bem alto, têm aproximadamente uns trinta metros de altura por uns cinquenta de diâmetro. É redondo e todo envidraçado, muito parecido com o prédio que vi anteriormente, o prédio da regeneração. Na recepção pude observar diversos espíritos esperando para serem atendidos. Daniel é quem comanda tudo. Ele é auxiliado por alguns outros espíritos iluminados, assim como ele. Pelo que pude perceber, existem mais seis salas da diretoria. Não sei afirmar se são esses seis diretores ou administradores que auxiliam Daniel, mas todos eles tinham assessores que coordenavam todo o atendimento. O ambiente estava tomado de outros espíritos. Marques então se dirige para me cumprimentar.

- Bom dia, Osmar!
- Bom dia, Marques!
- Como você está?
- Estou bem, e você?
- Muito bem!

- Obrigado por me dar essa oportunidade.
- Qual?
- De estar aqui ao seu lado novamente.
- Ainda nos encontraremos muitas vezes, podes ter certeza, Osmar.
- Que bom, Marques! Sinto-me lisonjeado em poder partilhar de tantos ensinamentos ao seu lado.
- Falando nisso, como tens recebido as informações que Ventania e Daniel estão lhe passando?
- No começo fiquei meio assustado, Marques, pois eu tinha uma visão muito diferente da que eles têm me mostrado agora.
- Como dizia minha avó: nem tudo que reluz é ouro, querido Osmar!
- É verdade, às vezes pensamos que a coisa é de um jeito e nos deparamos com outras realidades.
- Sim, vocês, encarnados, estão ainda um pouco longe da compreensão das coisas dos espíritos.
- Quando será que compreenderemos tudo então, Marques?
- Breve, meu querido amigo, muito breve!
- Pois é, eu tenho estudado a religião espírita há muitos anos. Na verdade, estou no espiritismo há mais de trinta anos, e vejo agora que não aprendi nada ainda, que nada sei. Eu nunca poderia imaginar que as coisas fossem assim. Estou muito surpreso com tudo isso.
- Muitos de vocês, encarnados, que frequentam ou até mesmo trabalham dentro das casas espíritas não sabem o que estão fazendo. A relação encarnados-desencarnados é uma coisa ainda muito difícil de entender. Espíritos devem ser tratados como espíritos e almas, como almas. É assim que tudo deve ser. Não se pode achar que nós somos iguais a vocês; embora

sejamos todos espíritos, a condição em que nós aqui do plano espiritual nos encontramos é muito diferente da condição dos encarnados. Estamos em outro estado, em outro estágio da evolução, em outra dimensão... Você entende?

– Sim, entendo perfeitamente. As coisas aqui são muito diferentes das coisas de lá, embora se pareçam muito.

– Vamos andando, Osmar, Daniel lhe espera. Olha, Osmar, Deus quer que tudo seja muito parecido, para que vocês ao desencarnarem não tomem nenhum susto.

– Ele é amor, não é, Marques?

– Muito amor.

Enquanto conversávamos, caminhávamos em direção à sala de Daniel por um extenso corredor repleto de espíritos; alguns estavam sentados em bancos de madeira, encostados nas paredes, como se estivessem esperando para serem atendidos. Mulheres com seus filhos, jovens, meninas, rapazes, crianças e alguns senhores de cabelos brancos estavam ali. Todos sorriam e me cumprimentavam com um gesto de cabeça. As crianças brincavam saltitantes naquele lindo lugar.

Prosseguimos andando no corredor.

– Você me fala com tanta simplicidade sobre a vida após a vida, que até me emociono, Marques.

– Use sua emoção para transformar seus pensamentos. Use-a para tornar-se melhor. Pois nós somos realmente muito diferentes. Quando você voltar a sua condição de espírito você ficará diferente. Tudo aqui é diferente.

– Como assim, Marques? – perguntei.

– Espíritos não têm corpo e muito menos necessidades, o espírito só tem uma necessidade: evoluir, enquanto a alma está condicionada às suas

necessidades fisiológicas e muito mais. Almas precisam de orientação, acompanhamento, carinho, direção, iluminação, além das necessidades do dia a dia, enquanto os espíritos só precisam de oportunidades evolutivas. E elas são muitas por aqui.

– Você pode resumir isso para mim?

– É simples: espíritos precisam de oportunidades na Terra para ajudarem aqueles que precisam de ajuda espiritual, orientação espiritual e equilíbrio espiritual, enquanto almas precisam de oferendas, rituais, cânticos etc. Quando você se reúne para fazer oferendas, na verdade você só está preenchendo os seus egos. Você alimenta a alma do encarnado e não dos espíritos. Nós não precisamos disso. O espírito que lhe pedir algum tipo de oferenda, na verdade, está mais alma do que espírito.

– E pode isso?

– Sim, médiuns despreparados pedem alimentos para si e não para o espírito comunicante. Nós não temos necessidades. Quando precisamos de reforço fluídico, quando necessitamos nós mesmos plasmamos do Universo.

– Quer dizer que todas as oferendas feitas aos espíritos não são recebidas por eles?

– Em sua primeira visita aqui, você recebeu ensinamentos relativos às oferendas, não foi?

– Sim, Bará me mostrou e falou sobre isso, lá no candomblé.

– Pois bem, siga os ensinamentos de Bará.

– Mas porque então, ainda há centros espíritas que pedem oferendas?

– Por que eles ainda não conhecem os espíritos. Olha, meu amigo, na Antiguidade as oferendas eram comuns; hoje em dia, são poucos os médiuns que sabem combinar os fluidos das oferendas, porque há poucos médiuns encarnados trabalhando com essa alquimia. Osmar, o mundo está em

evolução. Todos estão em evolução. Quando um espírito precisa de alguma coisa, ele plasma do Universo. É simples assim!

Aproximamo-nos da sala de Daniel.

– Espero ter contribuído um pouco, Osmar! – disse Marques.

– Eu é que agradeço pelos seus ensinamentos, querido Marques!

Delicadamente, Marques bate três vezes à porta de Daniel que, ao ouvir, autoriza a nossa entrada.

A sala é ampla, Daniel está sentado a uma mesa branca muito grande. Há várias cadeiras, também brancas, posicionadas à sua frente. Atrás de Daniel pude observar uma tela branca, como aquelas de cinema, mas um pouco menor.

No canto da ampla sala há, ainda, um pequeno oratório.

Do outro lado há plantas e flores colocadas em jarros cristalinos que enfeitam e perfumam o lugar.

– Entre, Osmar! – disse Daniel apontando-me uma cadeira.

– Obrigado, Daniel!

– Sente-se!

– Obrigado!

Após apertar-lhe a mão, eu me sentei em uma das cadeiras posicionadas à frente dele. Eu estava meio envergonhado e muito impressionado com o lugar.

– Então, como tens encarado esta experiência?

– Assustadora, Daniel.

– Como assim, *assustadora*? Não é essa a nossa intenção.

– Eu tinha uma ideia muito diferente sobre os centros espíritas. Na verdade, estou muito chocado com tudo o que tenho visto e com tudo que tenho aprendido com vocês.

– Olha, Osmar, ainda não lhe mostramos tudo o que temos para lhe mostrar.

– O que será que vem pela frente, Daniel?

– Muitos ensinamentos, meu amigo, ensinamentos!

– Sinto-me lisonjeado com esta oportunidade. Sinto-me feliz em ter sido escolhido por vocês para tantas revelações.

– Alguém, um dia, teria que levar essa mensagem, você não acha?

– Sim, acho que os centros espíritas estão muito aquém de seus propósitos. O que mais observamos dentro dos centros espíritas é a desunião, as disputas impostas pelas vaidades, a falta de caráter de muitos dirigentes, o interesse financeiro acima da caridade, dirigentes se dizendo senhores da verdade julgando e colocando uns contra os outros e tudo mais. O que mais se vê são pessoas frequentando o espiritismo por modismo ou por outros motivos que não seja o evangelho de Jesus. A palavra sagrada foi colocada de lado. Os médiuns, em sua maioria, estão nas casas espíritas para se exibirem e se mostrarem. Frequentadores, tarefeiros, voluntários e tantos outros envolvidos nos centros espíritas estão ali porque querem alguma coisa para si mesmo, só estão ali por seus problemas pessoais e não para conhecerem o Jesus do espiritismo.

– Pois é, e é por isso que estamos lhe mostrando os bastidores do centro espírita. Como já lhe alertamos, há médiuns e médiuns. Há médiuns que estão encarnados em missão e outros nem tanto.

– Eu só espero ser compreendido.

– Nem Ele foi. Deixe de se achar importante. Já lhe falei isso.

– Eu não me acho importante, mesmo porque não sou importante.

– Você é importante, sim; você é importante para nós.

– Obrigado, Daniel, fico muito feliz com suas palavras, chego a me emocionar.

– Não fique e não se sinta melhor do que ninguém, pois você não é melhor do que nenhum filho de Deus, por isso todos os filhos d’Ele são importantes para nós.

– Obrigado, Daniel!

– Isso é muito comum em espíritos encarnados. – disse Daniel.

– Eu fico preocupado. É só isso!

– Pois então não fique, nós estamos ao seu lado. Hoje é um dia muito especial para dois amigos meus; eu quero lhe apresentar o Pedro e a Ivonete. Eles foram dirigentes espirituais durante muitos anos. Após o desencarne de ambos, eles permaneceram durante algum tempo no Umbral. Eles têm muita coisa para lhe contar.

– Que bom! Eu ia mesmo lhe perguntar por eles, o Ventania me sugeriu que perguntasse a você... Só uma pergunta, Daniel.

– Sim.

– Por que eles tiveram que ficar no Umbral?

Nesse exato momento pude ouvir algumas pancadas na porta.

– Entrem! – disse Daniel.

Marques imediatamente corre para abrir a porta.

Pedro entra à frente seguido por Ivonete, que vem logo atrás. Pedro mede aproximadamente um metro e oitenta, é negro, usa cabelos curtos, veste uma bata branca que lhe cobre quase todo o corpo e tem a barba grisalha por

fazer. Sorridente e alegre, ele cumprimenta a mim e a Daniel apertando nossas mãos. Atrás dele entra Ivonete, uma mulher bem baixinha, negra de cabelos grisalhos. Ela também veste uma bata branca que lhe cobre todo o corpo. O que mais me impressionou nos dois foi o sorriso branco e alegre que eles apresentavam. Ivonete traz no pescoço um lindo brajá de Oxalá, misturado com pedras azuis que pensei serem de Oxum. Estranhei o fato de ela trazer aquele adereço no pescoço, mas preferi ficar calado na esperança de receber algum ensinamento relacionado ao brajá que ela usava.

Ivonete fez questão de me abraçar enquanto Pedro observava tudo sorrindo.

– Sente-se, Pedro – disse Daniel.

– Obrigado, frei – disse Pedro se sentando.

– Venha, Ivonete, sente-se ao lado de seu marido – disse Marques segurando o braço direito de Ivonete e conduzindo-a a sentar-se na confortável cadeira branca ao meu lado.

Eu me sentei, enquanto Marques se despedia de todos.

– Meus amigos, eu gostaria muito de participar deste momento especial, mas tenho ainda algumas coisas a fazer – disse Marques, esfregando as mãos.

– Vá, Marques, e cuide de tudo – disse Daniel.

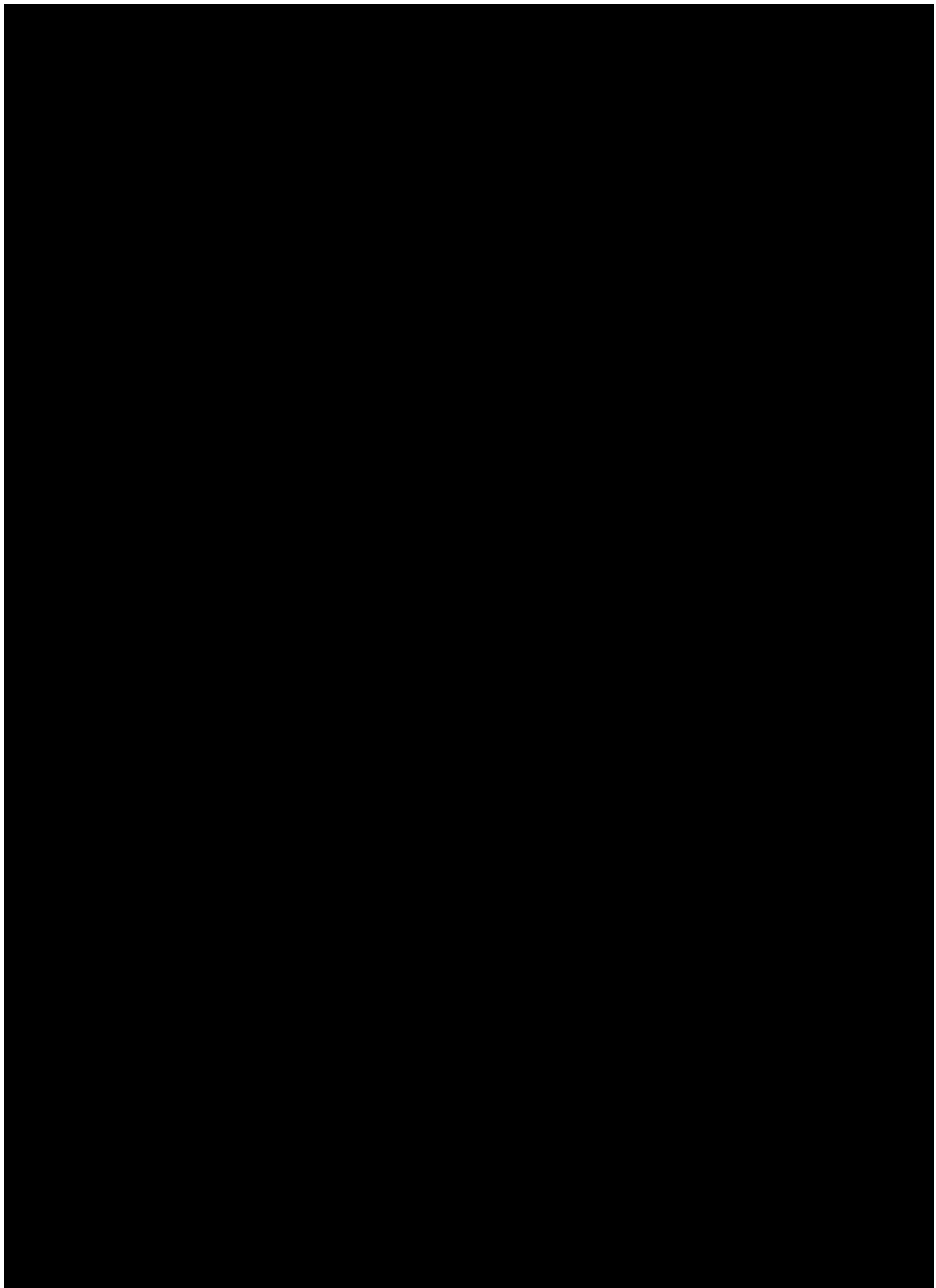
– Que pena, Marques, que você não poderá ficar aqui conosco! – disse Ivonete.

– Ele tem muitos afazeres, Ivonete – disse Pedro, justificando a ausência de Marques.

– Marques, não se esqueça de agendar a visita do irmão Osmar a mais algumas casas espíritas! – disse Daniel.

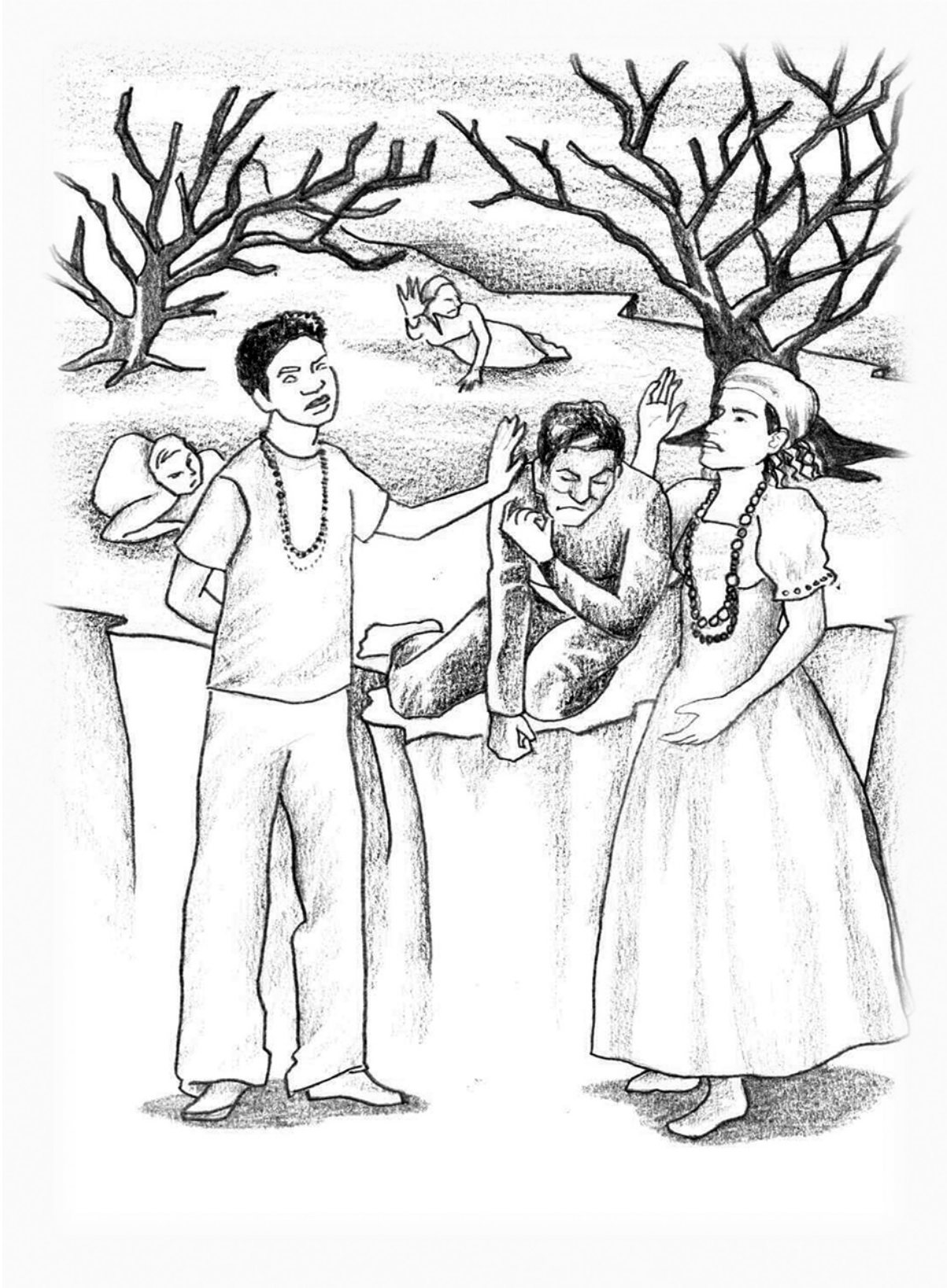
– Pode deixar, Daniel! Já estou providenciando tudo.





*O Espiritismo não é a religião do futuro.
O Espiritismo é o futuro de todas as religiões.*

Frei Daniel



Nos Bastidores

Marques deixa a sala após cumprimentar a todos com um belo sorriso.

– Apresentações feitas, vamos ao que interessa – disse Daniel em tom sério.

– Sim! – disse Pedro.

– Faça agora a sua pergunta, Osmar!

– Qual pergunta mesmo? – disse-lhe.

– Você queria saber por que Pedro e Ivonete passaram algum tempo no Umbral – disse o mentor.

– Perdoem-me Pedro e Ivonete, mas eu e Daniel estávamos conversando e lhe perguntei por que vocês ficaram no Umbral.

– Osmar, o Umbral, como todos sabem, é uma estação de tratamento para alguns. Nós passamos pelo Umbral por nossa ignorância – disse Pedro.

– Como assim?

– Eu e Pedro fomos criados dentro do espiritismo desde crianças – disse Ivonete, entrando na conversa.

– A mãe da Ivonete era vizinha de minha mãe, e elas trabalhavam no mesmo centro espírita dirigido na época pela minha avó Antonia. Kiumbas e eguns, espíritos inferiores, estão sempre rondando as casas espíritas, meu

rapaz. Sempre que o dirigente dá bobeira eles entram e fazem a festa. Isso infelizmente aconteceu conosco. Minha avó sempre cuidou de nos orientar sobre esses ataques. Fomos criados dentro da umbanda aprendendo sempre a nos defender. Minha avó morreu logo que fomos iniciados no centro espírita que foi fundado por ela. Com o passar dos anos e logo após o desencarne de minha mãe, eu e Ivonete assumimos a direção do centro espírita.

– Minha mãe não tinha muito jeito para a coisa – continuou Pedro. – A vovó sempre me dizia que deveríamos fazer a umbanda como ela tem que ser feita, ou seja, com respeito, fundamentos, disciplina e preceitos indispensáveis ao bom andamento do trabalho espírita. Foi durante a administração da minha mãe que as coisas começaram a desandar. Como já disse, minha mãe não tinha muito jeito para a coisa. Eles são silenciosos – alertou Pedro, colocando o dedo indicador sobre os lábios como se estivesse fazendo sinal de silêncio.

Ele me disse isso com relação aos kiumbas. E eu permaneci atento às palavras dele.

– Durante muitos anos eu e Ivonete pensávamos que estávamos fazendo a coisa certa. Deixamos de lado alguns preceitos e fundamentos espirituais por acharmos que estavam ultrapassados e nos esquecemos de assegurar que o cadeado da porta de entrada do nosso centro espírita estava realmente fechado.

– Foi quando eles tomaram conta do lugar – disse Pedro.

Ivonete foi quem prosseguiu e me contou o resto da história:

– Sem que percebêssemos, os kiumbas foram tomando o lugar de nossas entidades e começaram a dominar o nosso centro espírita. Eles se passavam por entidades de luz, eram verdadeiros anjos. E assim, sem perceber, nós começamos a alimentar essas entidades e satisfazer a todos os seus caprichos. Lembro-me de uma suposta preta-velha que todos adoravam, ela

falava docemente com todos, ela era muito carinhosa e mãezona de todo mundo. Até que...

– Não conte essa parte, Ivonete, por favor! – disse Pedro, olhando para ela.

– Pedro, deixe-a contar tudo, isso é importante para o Osmar – pediu Daniel.

– Posso contar? – perguntou Ivonete, olhando para Pedro e Daniel.

Pedro olhou para mim com um ar de tristeza e vergonha. Logo olhou também para Daniel, que lhe sorriu e pediu que tudo fosse revelado. Envergonhado, Pedro abaixou a cabeça e começou a olhar para o chão. Aquele lindo sorriso desapareceu.

– Deixe-a contar, Pedro – insistiu o instrutor.

– Está bem, você pode contar, Ivonete! – autorizou Pedro.

Ivonete prosseguiu.

– Até que Pedro se envolveu intimamente com uma das médiuns de nosso centro. Foi um caos, pois eles foram pegos em relação íntima dentro do vestiário masculino do centro espírita. Naquele momento percebi que havia alguma coisa errada no nosso centro espírita. Saí para a rua revoltada e com muito ódio em meu coração. Eu perguntava às minhas entidades: cadê vocês, que não viram uma coisa dessas? Como vocês puderam deixar isso acontecer comigo? Passei três dias na casa de amigos, muito envergonhada e triste com tudo aquilo, afinal eles foram pegos dentro do centro espírita fazendo sexo. A vergonha era tamanha até que uma amiga que estava me hospedando começou a se sentir estranha. Todos na casa estavam muito preocupados com Vera Lúcia, a minha amiga. Ela sentia fortes dores no peito e se contorcia deitada no sofá da sala de sua casa. Ela estava passando muito mal, todos achavam que ela ia morrer. Foi um desespero total, já estávamos nos preparando para irmos para o hospital quando percebi que Ogum, o meu

pai de cabeça, desejava incorporar para ajudar Vera Lúcia. Fiquei muito confusa naquela hora. Foi então que comentei com Roberto, marido de Vera Lúcia, que Ogum estava ali e queria se comunicar. Ele então me pediu para deixar Ogum chegar. Ele confiava muito no meu guia. Eles eram umbandistas, trabalhamos juntos por alguns anos no meu centro espírita. Eles foram embora da minha casa de santo por motivos que até hoje não me revelaram, mas a nossa amizade estava acima de tudo. Eu me preparei, estava muito confusa e angustiada com aquela situação. Todos nós já havíamos percebido que era realmente algo espiritual. Fui para o quarto e troquei de roupa rapidamente, fiz uma prece e me dirigi à sala onde todos estavam, foi quando o meu pai Ogum chegou dançando e rodopiando como se fosse uma forte ventania. Assustado, Roberto, o marido de Vera, perguntou o que Ogum queria naquele momento. Ele pediu ao meu orixá para olhar por Vera Lúcia, pois ela estava passando muito mal. Foi quando Ogum levantou o braço e ordenou que Vera Lúcia se restabelecesse, o que ocorreu de pronto. Vera parecia acordar de um pesadelo e disse estar se sentindo muito bem. Disse que não sentia mais nada. A dor havia passado. Todos ficaram impressionados com o que Ogum havia feito. Ele então partiu e eu recebi a minha cabocla Jurema, que pediu que me dessem um recado. Todos se acalmaram e passaram a ouvir Jurema. Ela então nos mandou a seguinte mensagem:

“Filhos meus, trabalhadores do bem. Vim aqui hoje para lhes pedir que avisem a minha menina, este aparelho mediúnico de que me utilizo neste momento para me comunicar, que volte para a sua casa e marque uma sessão comigo, pois preciso falar com todos os membros do centro espírita que ela e o marido administram. É muito importante que essa reunião aconteça. Diga-lhe para confiar em mim. E que seja prudente com o dom que Deus lhe deu”.

– Após deixar esse recado, Jurema foi embora me deixando sem forças até mesmo para andar – disse Ivonete.

– O recado me foi passado. Mas a vergonha de aparecer na frente das pessoas estava falando mais alto em meu coração quando a filha menor do casal amigo me disse:

“Tia, não sei muito bem o que lhe dizer, mas o moço, o soldado que estava ao lado da senhora, me pediu para lhe lembrar do amor. Só isso que ele disse – lembre-se do amor.”

– Aquilo – disse Ivonete –caiu como uma bomba dentro de mim, eu comecei a chorar e me lembrei de que havia muito tempo eu não amava as minhas entidades. Me lembrei de que estávamos todos disputando as roupas que iríamos usar nas sessões do centro espírita. Lembrei-me da disputa que havia entre nós, disputávamos tudo. Quem tinha o melhor carro, quem tinha a melhor casa, quem tinha os filhos nas escolas mais caras, quem tinha o melhor emprego e por aí vai. Esquecemo-nos que o espiritismo, que a umbanda, é amor. Lembrei-me do carinho com que minha avó limpava o gongá onde ficavam as imagens do centro espírita. Lembrei-me que eu e Pedro já não limpávamos mais as imagens, não varriamos mais o nosso centro espírita. Do alto posto em que nos encontrávamos, esquecemos que a humildade é tudo o que precisamos para atrair bons espíritos. Lembrei-me das oferendas desnecessárias que pedíamos aos consulentes. Do dinheiro da casa espírita que gastávamos no *shopping* sempre argumentando que não era justo tanto trabalho sem nada recebermos. Sem perceber, deixamos de lado os espíritos.

– E o que vocês fizeram? – perguntei.

– Voltei no dia seguinte ao centro espírita, e sem nada comentar, marquei a tal reunião pedida por Jurema e entreguei a ela o meu destino. No dia da reunião todos estavam preparados para um banquete. O banquete até foi feito, e havia muitas oferendas para os caboclos e caboclas: bebidas, comidas, flores, velas e tudo mais. Todos, na verdade, queriam ver a minha cara, a cara da mãe de santo traída pelo próprio marido dentro do centro

espírita. O centro estava lotado. Sem dizer uma palavra a Pedro, fui para o roncó (lugar onde os filhos de santo são preparados) sozinha, me tranquei e conversei com Ogum e com Jurema; eu confiei a eles a minha mediunidade. Tomei meu banho de descarrego, me vesti com saia branca, anágua branca e uma simples bata branca. Descalça, eu coloquei o meu brajá de Oxalá, esse que eu estou usando agora, e fiquei ali sentada esperando que a sessão fosse aberta por Pedro e que começassem os cânticos para Ogum. Assim que o ponto de Ogum começou a ser cantado, adentrei ao terreiro de cabeça erguida e dançando para o meu Pai Ogum. Logo, meu orixá tomou meu corpo e meus pensamentos e pediu silêncio a todos. Era possível até ouvir as respirações ofegantes dos demais médiuns que já estavam incorporados. Ogum então deu passagem para a minha amada cabocla Jurema que ordenou que todos os guias que estavam incorporados fossem embora. Jurema então se ajoelhou no centro do terreiro, longe das oferendas, e começou a proferir ali uma linda prece.

– Você se lembra da prece, Pedro? – perguntou Ivonete.

– Sim, meu amor!

– Vamos relembra-la?

– Sim, querida!

Pedro então começa a proferir a linda prece:

Hó Senhor, dos senhores.

Deus de amor e caridade.

Neste dia eu me coloco diante de Ti para pedir-Lhe misericórdia.

Eu Lhe peço, ó bondoso Pai, que perdoe essa Sua filha que falhou na missão que me foi confiada.

Pai, eu falhei. Mas hoje, humildemente, me ponho de joelhos à Sua frente implorando o Seu amor.

Peço-Te, meu Deus, que permita a Jesus, meu nobre irmão, que me restabeleça nesta que é a terra sagrada; nesta humilde casa espírita que me concedeste para minha evolução.

Perdoe-me, Deus, por minha falha.

Perdoe-me, Jesus, por minha falha e conceda-me novamente a luz de que preciso para restabelecer a ordem neste lugar.

Afasta de todos os presentes os espíritos malignos que, infiltrados aqui, promoveram a desordem, o desamor e a desunião entre almas que precisam evoluir para a luz.

Do alto posto em que me encontro, do alto cargo a que me confiaste eu Lhe peço, dai-me luz suficiente para erguer de novo aqui a bandeira do amor e da luz que ascenderá almas ao encontro da divindade que todos nós, espíritos em evolução, precisamos.

Espíritos de Deus, derramai sobre nós a Vossa luz...

Virgem Mãe Santíssima, perdoai...

Jesus Cristo, perdoai...

Conceda-nos luz!

*Salve Deus, Salve Jesus, Salve a Virgem Maria,
mãe de Jesus.*

Todos nós que estávamos ali nos emocionamos. Pedro deixara escorrer pelo rosto algumas lágrimas enquanto proferia a prece. Eu, Daniel e Ivonete olhávamos para Pedro, impressionados com a emoção e a luz que aquelas palavras traziam ao ambiente.

Ivonete, então segurando a mão direita de Pedro, prosseguiu:

– Jurema, então, após proferir a prece, chutou todas aquelas oferendas e ordenou que os exus e os boiadeiros chegassem à sessão. Todos os exus e os

amigos de boiada que havia muito tempo estavam sumidos reapareceram expulsando os kiumbas que ainda rondavam o lugar. A partir daquele dia eu e Pedro administramos o centro espírita com punhos de aço, proibimos tudo o que remetia os médiuns às vaidades e disputas. Todos tinham que tomar seus banhos e realizar as rezas antes do começo das sessões. Readquirimos velhos hábitos. Voltamos a fazer os antigos preceitos e nunca mais kiumbas ou eguns apareceram em nosso centro espírita. Agora, infelizmente, o que estamos vendo acontecer é a repetição do que eu e Pedro passamos quando estávamos encarnados. Agora tudo está acontecendo como aconteceu conosco. Do mesmo jeito, com os mesmos kiumbas e eguns.

– Foi isso que levou vocês ao Umbral?

– O que nos levou ao Umbral foi, na verdade, a invigilância da responsabilidade que assumimos com os espíritos. Quando negligenciamos a casa espírita, cometemos um pecado que tivemos que reparar indo para o Umbral.

– Perdoe-me, mas como assim? – perguntei.

– Durante o período de nossa invigilância interna, quando as vaidades e as disputas aconteciam, quando permitimos que a fofoca e as intrigas tomassem conta do lugar, os kiumbas e eguns chegaram e fizeram a festa. Durante esse período foram pedidas muitas oferendas, foram feitas adivinhações, trabalhos, pedidos de dinheiro e sacrifício de animais; isso gerou, para todos nós, um enorme débito que tivemos que reparar no Umbral, e só pudemos sair de lá após o último acerto de contas. Praticamos sem perceber, induzidos pelos kiumbas e eguns, a quimbanda, que é muito prejudicial ao médium.

– E quanto tempo vocês tiveram que ficar por lá?

– Treze anos!

– Caramba! A quimbanda os levou a isso?

– Sim, nós ficamos lá desmanchando os trabalhos que fizemos, além de ter que desfazer todos os trabalhos e oferendas que demos aos kiumbas e eguns. Ficamos lá desfazendo as feitiçarias e bruxarias, socorrendo os filhos de santo que tiveram também que passar por lá por nossa culpa. Aqueles mesmos que estavam ao nosso lado no centro espírita. Aqueles que disputaram conosco o tempo todo. Alguns que tínhamos mandado embora do nosso centro espírita. Outros que enganamos em nome da nossa vaidade. E outros que deixamos de ajudar quando nos solicitaram ajuda.

– Como se desfaz um trabalho no Umbral?

– Toda quimbanda gera um campo energético, um fluido, maléfico. São essas as energias que dão força aos kiumbas e eguns. Assim como toda oferenda gera o mesmo campo, só que benéfico.

– Entendi, quer dizer que vocês ficaram desfazendo essas forças, se assim posso chamar.

– Sim, só pode desfazer essas energias quem as criou. No kardecismo se diz que tudo o que você planta você mesmo vai colher. Se você concentra suas forças em determinada energia, só você pode desfazer essa energia criada, entendeu? Quando desejamos algo com muita vontade somos criadores. Quando você aprende a combinar elementos da natureza você cria um campo energético. Assim, tudo o que você criar lhe pertence; sendo bom ou ruim é de sua inteira responsabilidade. Você é o responsável por tudo aquilo que deseja e constrói.

– Nós desperdiçamos a nossa mediunidade, Osmar. Em vez de utilizarmos os conhecimentos adquiridos durante milhares de encarnações para fazer o bem, usamos do conhecimento da alquimia para fazer o mal. Assim tivemos que permanecer em sofrimento até que a última energia fosse desfeita – disse Ivonete, emocionada.

– O caboclo Ventania já havia me falado sobre isso.

– E o que ele lhe ensinou?

– Ele me falou sobre alquimia. Disse que somos alquimistas.

– Isso mesmo! – disse Pedro.

– Quando você descobre como juntar um ou mais elementos e deles gerar uma energia, só você é capaz de desfazer – disse Ivonete.– A receita criada por você é sua e ninguém pode desfazer. Aquilo que semeias, também colherás.

– Então, na verdade, vocês ficaram desmanchando o que haviam feito?

– Pior, nós tivemos que tirar isso dos eguns e dos kiumbas.

– E eles permitiram?

– Quando se descobre como atacá-los, eles não têm forças para lutar conosco – disse Pedro.– Quando eu falo ataque não é briga, é sabedoria.

– Interessante essa nossa conversa, porque agora começo a compreender as oferendas – disse-lhes.

– E o que você entende como oferendas? – perguntou-me Pedro.

– Agora compreendo que verdadeiros médiuns são, na verdade, excelentes alquimistas que estão encarnados; e que além de utilizarem de sua mediunidade, eles ainda têm o conhecimento e a capacidade de combinar as energias geradas por determinados elementos e que por meio deste conhecimento auxiliam almas em aflição.

– Isso sim, funciona – disse Daniel.

– Só tem um detalhe, Osmar.

– Qual, Ivonete?

– Nunca use seus conhecimentos para fazer o mal, pois todo mal praticado em qualquer parte lhe será cobrado em todo lugar.

– Foi por isso que ficamos no Umbral – disse Pedro.

– Agora entendi perfeitamente.

– Que bom Osmar! Então saiba que oferendas funcionam sim. Mas só na mão de quem sabe fazer.

– Sim. Ainda bem que não faço nada disso – disse-lhes.

– Escreva livros, Osmar, é bem melhor – disse Ivonete, acariciando minha mão direita. Todos riram.

– Mas Ivonete e Pedro, eu tive a oportunidade de estar no centro em que vocês foram os administradores, e o que vi lá foi exatamente isso: os kumbas e eguns, tomaram novamente conta do lugar e, pior, o Ventania me disse que o futuro daquele centro espírita é fechar.

Daniel então entra na conversa.

– Hoje, a função de Pedro e Ivonete é nos auxiliar a manter a ordem nos centros espíritas em que temos algum tipo de relação. Nós, benfeitores, estamos ligados a algumas casas espíritas estabelecidas na Terra por vínculos anteriores à nossa condição atual. O centro espírita que Pedro e Ivonete dirigiram por muitos anos é hoje um lugar que dificilmente se recuperará. Primeiro, porque a nossa missão naquela casa espírita terminou; segundo, que por diversas vezes estivemos lá orientando os trabalhadores daquele lugar, que insistem em não acreditar no que estamos lhes passando. Tudo, Osmar, tem um limite, até para nós.

– Como assim, Daniel?

– Se eu lhe disser que o Sol é amarelo e você insistir que é azul, o que posso fazer? Centenas de vezes estivemos com aquele grupo orientando-o em relação ao caminho a seguir, mas eles insistem em conviver com kumbas e eguns; eles não querem nos ouvir, o que fazer? A vaidade, o orgulho e as

disputas que existem em todo lugar voltaram à tona naquele Centro Espírita. O que podemos fazer?

– Pedir ajuda a Jesus – disse-lhe.

– Todos têm o livre-arbítrio, Osmar. Cabe aos bons espíritos indicar o caminho a seguir e não forçar a seguir aquele que desejamos. Você é dono de seu destino. Nós nada podemos fazer a não ser orientar e orar para que um dia você ouça a verdade. Espíritos não podem ficar dando informações que desconhecem. Nós não vamos às casas espíritas para dizer o que você foi no passado ou o que você vai ser no futuro. Isso quem decidiu foi você antes de ir para a encarnação em que você se encontra. E mesmo se isso fosse de alguma utilidade para a sua evolução quando encarnado, você mesmo se lembraria das existências anteriores. Nós não temos o direito de nos metermos nisso. Quem somos nós para lhe orientar naquilo que não é de proveito para a sua evolução? Nós, espíritos evoluídos, não estamos aqui para perder tempo com coisas que não auxiliam.

– Perdoe-me, Daniel, minha estupidez.

– Não é estupidez, é incompreensão das coisas dos espíritos, lembra-se das palavras do Marques?

– Sim, eu me lembro!

– Todos só poderão aprender após experimentarem. Somos espíritos em evolução. Portanto, está aberta a temporada do acertar e errar – disse Ivonete.

Pedro, então, olhou para mim e disse:

– Irmão, vai longe o tempo em que todos os espíritos compreenderam as virtudes de Deus. Somos aprendizes eternos, perdidos na imensidão do Universo. Então o mais Sábio dos sábios nos disse: Amai-vos.

– Obrigado pelo lindo ensinamento, Ivonete! Obrigado, Pedro – agradecei.

– De nada, meu irmão! Espero que todos os umbandistas leiam este livro e escutem com a voz do coração. E transformem os ensinamentos aqui apresentados em atitudes que os engrandecerão perante Oxalá. Espero sinceramente que todos os umbandistas revejam as suas atitudes, que busquem conhecimento da doutrina e não se percam pelas vaidades umbandistas.

– Eu também! – lhe respondi.

– Agora temos muito o que fazer – disse Pedro levantando-se.

Todos se levantam. Daniel abraça Pedro e Ivonete que, sorridentes, me abraçam com ternura.

Daniel pede que fiquemos sentados, dizendo que vai nos passar outro ensinamento. Fiquei curioso e me sentei rapidamente. Pedro e Ivonete repetiram meu gesto e ficamos atentos à mensagem final do sábio Daniel.

– Vou lhe passar mais um ensinamento, Osmar, e espero que preste muita atenção em minhas palavras.

– Prossiga, Daniel – eu lhe disse.

– Reconhece-se um verdadeiro espírita por suas atitudes diante das dificuldades que a mediunidade e a religião lhe apresentam. Um bom dirigente espírita, um bom médium espírita, recebe as bênçãos pelos trabalhos e pela caridade realizada. Você jamais verá um bom médium ou um bom espírita em dificuldades financeiras e pessoais. Exemplo: um bom médium ou dirigente sempre será assistido por espíritos de luz, e sendo assim nunca lhe faltará um bom emprego, uma boa casa, uma boa família; ele nunca enfrentará problemas pessoais e muito menos financeiros, enquanto aqueles que alimentam kiumbas ou eguns estarão sempre na miséria pessoal, sem emprego, sem salário digno e sem paz para viver. Essa é uma condição

em que os kiumbas colocam aqueles que os alimentam. Quem alimenta eguns e kiumbas estará sempre em dificuldade, pois é por meio das dificuldades criadas por eles que os mesmos conseguem se alimentar, fumar, beber etc.... Observe isso, seja crítico e observador e logo a vida vai lhe afastar dos falsos espíritas e principalmente dos falsos umbandistas. Dignidade é fruto de seu trabalho. Assim, aquele que pratica o espiritismo, o candomblé ou a umbanda corretamente será sempre abençoado, seja por mentores de luz ou pelos orixás.

– Obrigado, Daniel – disse-lhe, emocionado.

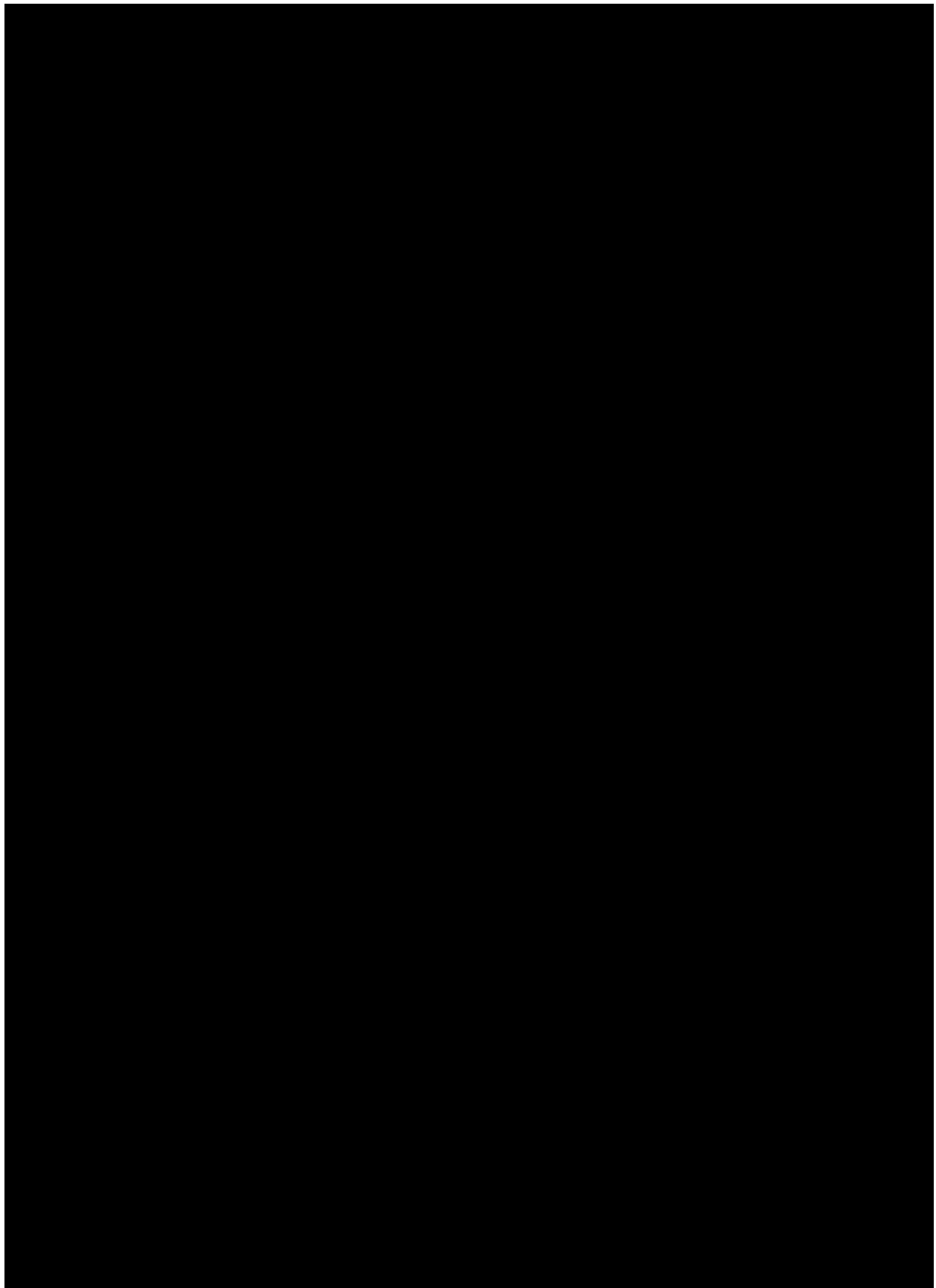
– Preste muita atenção nisso – disse Ivonete enquanto Pedro se colocava de pé novamente e estendia a mão direita para me cumprimentar.

Assim terminamos aquele encontro. Eu estava extasiado com tantos ensinamentos.

– Fiquei e fico muito lisonjeado e honrado em conhecer vocês, Pedro e Ivonete. Obrigado pelos ensinamentos. Muito obrigado!

Após as despedidas, Pedro e Ivonete foram embora. Eu voltei à minha humilde condição de encarnado. Sorrindo, Daniel me olhava.





“Kardec não criou o kardecismo, ele apenas codificou o espiritismo.”

Osmaiz Barbosa



O primeiro centro de mesa

Após alguns dias nos encontramos novamente na Colônia Espiritual Amor e Caridade.

Daniel me convida para uma nova visita. Fomos visitar um centro espírita de mesa branca.

Era tarde da noite quando chegamos ao centro espírita de mesa branca. (Assim estava escrito na placa luminosa no lindo portão de entrada.) Haviam nove pessoas sentadas a uma mesa enorme, forrada por uma toalha branca que a cobria até os pés. As luxuosas cadeiras eram forradas com feltro e tinham descanso para os braços. Sobre a mesa havia um grande livro que eu pude ver tratar-se do *Evangelho Segundo o Espiritismo*. O livro era enfeitado com fitas coloridas. Um grande vaso de rosas brancas estava colocado ao centro da mesa. Dos nove confrades, cinco eram mulheres e quatro, homens. Ao centro estava uma mulher de cabelos loiros, bem maquiada, com brincos de ouro e um colar combinando com os brincos. As unhas pareciam ter sido feitas para a ocasião. Seu jaleco quase nos ofuscava a vista de tão branco que estava. Todas as mulheres sentadas à mesa disputavam nitidamente as joias que usavam naquela noite. Cada uma mais bonita que a outra. Os homens pareciam médicos, vestidos de calça branca, camisa branca, meias brancas e sapatos brancos. A música era suave, as luzes misturadas, brancas e violetas. O centro espírita era muito limpo, bonito, bem arrumado e chique. Logo que cheguei eu pude observar os

carros que se encontravam no estacionamento. Eram carros de luxo, alguns mantinham motoristas sentados em seu interior aguardando seus patrões, outros estavam do lado de fora dos carros conversando e fumando. A conversa era animada e muitos riam alto.

– O que é isso, Daniel?

– São não espíritas.

– O que eles fazem aqui?

– Estão trabalhando.

– Por que eles não aproveitam esta oportunidade para entrarem no centro espírita e assistirem à palestra?

– São espíritos endurecidos. Ainda vão demorar a entender e querer conhecer a palavra de Deus.

– Nossa, por que perdem uma oportunidade como esta?

– Na verdade, eles não estão perdendo muita coisa não.

– Como assim, Daniel?

– A casa espírita é um lugar de conforto espiritual. Se ela não lhe atrai, não entre.

– Por que?

– Porque pode ser que, embora estejam pregando a palavra de Deus, Deus não esteja ali.

– Existe isso?

– Sim, vamos entrar e você vai poder ver com seus próprios olhos o que acontece em milhares de casas espíritas como esta.

– Deus me proteja! – eu disse.

– Não tenha medo, vamos!

– Sim, vamos!

Daniel então me leva para dentro do centro espírita. Havia aproximadamente cento e cinquenta pessoas no lugar. O lugar era chique e muito bonito.

Um rapaz de aproximadamente vinte e cinco anos fazia a palestra. Todos estavam concentrados, prestando atenção na palestra do convidado que se esforçava para pregar o evangelho de Lucas, esse era o tema da palestra.

Sentamos e ficamos assistindo ao finalzinho da mensagem de amor trazida pelo palestrante.

Até aquele momento, eu pude observar que não havia nenhum espírito presente. Nem no portão para dar segurança ao lugar e muito menos dentro do centro espírita.

Logo que o palestrante terminou sua apresentação a dirigente do lugar anunciou um intervalo para o começo dos passes. Todos são convidados a conhecer as dependências do lugar. Diz a dirigente:

– Visitem nossa cantina e nosso bazar. Não se esqueçam de comprar um livrinho em nossa livraria.

Daniel me leva para ver o que as pessoas estão falando nos salões vizinhos onde ficam a cantina, o bazar e a livraria.

– Venha, eu quero lhe mostrar uma coisa.

– Sim, vamos, Daniel.

Chegamos à cantina e vimos três mulheres vestidas com uniforme de voluntárias da casa espírita. Duas delas comiam um lanche enquanto conversavam sobre a presidenta do lugar.

– Você viu, Maria, as jóias que ela está usando hoje?

– Menina, eu vi! Deve ter custado o olho da cara!

– É, eu soube que o marido dela agora virou assessor do prefeito, querida!

– É, meu marido me falou que agora é que ele vai roubar mesmo – diz a outra.

– Como é que essa gente não toma vergonha na cara! E ainda quer presidir o nosso centro espírita.

– É, mas deixa estar, mês que vem tem eleição e a gente vai botar essa corja para fora daqui – diz a outra mulher.

– Daniel, o que é isso?

– Isso que você está vendo e ouvindo aqui é muito comum nos centros espíritas. As pessoas não vêm aqui para buscar Jesus; elas vêm aqui por *status*, por poder e vaidade. Elas querem é destaque. A disputa aqui é mais importante que tudo.

– Meu Deus! E elas se dizem espíritas?

– Sim, elas se dizem espíritas!

– Mas essas disputas... Como é que vocês, espíritos, veem isso?

– Onde não há o amor, não há espíritos, Osmar!

– Como assim?

– Vamos entrar, e você vai compreender melhor o que estou lhe falando.

Acompanhei Daniel, horrorizado com os comentários que pude ouvir naquele curto tempo em que passei pelos anexos externos. Ví mulheres marcando encontros escondidos com seus amantes, homens passando cantada em mulheres casadas, médiuns de caso com assistidas e vice-versa. Mas o que mais me chocou foi ver um médium casado agarrando uma médium casada dentro do depósito da cantina em meio às garrafas de refrigerante.

Daniel, com muita pena de mim, leva-me para sentar ao seu lado na primeira fileira do centro espírita. Eu estava muito abalado com tudo aquilo.

A dirigente anuncia que vai começar a sessão de passes.

Todos voltam ao salão e retomam seus lugares.

Atrás da mesa principal havia uma sala com várias cadeiras onde os outros médiuns se sentavam. Todos se mantinham de olhos fechados. Alguns faziam cara feia como se estivessem sentindo alguma coisa. Outros fingiam sentir alguma influência espiritual.

A prece inicial é feita sem nenhuma emoção e sem sentimentos. Uma prece automática foi o que presenciei. Na verdade, era uma prece escrita em um livro onde se viam mais propaganda de lojas e restaurantes do que mensagens espíritas.

Logo o passe começa, e nenhum espírito se faz presente. Eram médiuns fingindo estar com alguma entidade, e assistidos sendo enganados por aquele bando de irresponsáveis e inconsequentes.

Incomodado, questionei o que estava acontecendo a Daniel.

– Daniel, o que é isso?

– Um centro espírita sem espíritos, eu já lhe falei.

– Peraí, isso eu já entendi, mas Ele permite isso? Vocês permitem isso?

– Já lhe falaram que você é livre?

– Sim.

– Então, se você é livre, é livre para fazer o que quiser, inclusive fingir aquilo que você não é.

– Mas vocês permitem isso?

– Quem somos nós para interferir, Osmar? Não temos nenhuma ligação com essa casa espírita; aliás, essa é uma casa espírita que não tem espíritos. Nunca teve e nunca terá.

– Mas como assim, Daniel? O mundo espiritual deixa isso acontecer sem nenhuma interferência?

– Olha, se você deseja abrir um negócio e não consulta os especialistas sobre o negócio que quer abrir, se não faz um estudo para saber se há potencial no seu negócio, se não ouve a voz que vem de dentro de você, que nesse caso é a orientação espiritual de que você deve ou não abrir aquele negócio e insiste em errar, quem é que vai lhe proibir de fazer? Se você tem as condições e não ouve ninguém, o que podemos fazer?

– Nada! – disse-lhe.

– Então é isso que acontece aqui. São pessoas ricas que decidiram abrir um centro espírita para preencher seus egos; só se esqueceram de convidar os espíritos.

– Meu Deus! – disse-lhe, assustado.

– Isso é muito comum nos dias de hoje. Uma ou mais pessoas que se dizem conhecedoras do espiritismo decidem se juntar a outras, igualmente leigas como elas, e abrem casas espíritas para preencherem seus egos. É só para isso que servem. A vaidade dessas pessoas está acima de tudo, inclusive da humildade que exige a religião. Acham-se acima do Espiritismo.

– Isso é lamentável, Daniel!

– Sim, essa é a melhor definição... Lamentável!

– Olha Daniel, parece que vêm chegando alguns espíritos.

– Sim, são os companheiros dessa gente.

- Quem são?
- Maus espíritos.
- São kiumbas? – perguntei.
- Não, olhe bem para as vestimentas deles!

Os espíritos que estavam chegando vestiam roupas comuns como as nossas, dos dias de hoje.

- Daniel, são eguns? – insisti.
- Não.
- Você pode me explicar então quem são?
- São espíritos que acabaram de desencarnar e não foram resgatados ainda. Estão desorientados.
- Você pode me explicar então como defini-los?
- Esses que você está vendo agora, são espíritos que desencarnaram recentemente e não foram resgatados ainda, eles estão em estado de perturbação, estão desorientados. Kiumbas são espíritos malfazejos que conhecem sua situação, sabem sua condição, mas não querem evoluir e se alimentam daqueles que não os conhecem, pedindo a eles oferendas, que na verdade é o que os alimenta para continuarem sem evoluir.

Como esses espíritos que estão aqui, não conseguem se expressar nas igrejas, correm para os centros espíritas para tentarem compreender a sua real condição. Eles logo pensam que é por meio de um médium que vão conseguir se comunicar. Esses espíritos em algum tempo de sua existência terrena ouviram falar de centro espírita ou de mediunidade. Todos nós sabemos que é nas casas espíritas que os espíritos se comunicam e se manifestam. Eles vêm para cá na esperança de compreenderem o que está

acontecendo com eles e tentarem mandar um recado para os seus familiares, já que eles não os ouvem. Eles acham que ainda estão vivos.

– E quem é que vai ajudá-los?

– Nós, espíritos de luz.

– Mas por que vocês não os recolhem logo?

– Há um tempo para alguns entre a vida física e a vida espiritual; repare que eles estão perturbados, ou seja, ainda não se desligaram totalmente da carne, por isso ainda não podem ser resgatados. Eles ainda estão presos a materialidade, através de laços fluídicos.

– Por que isso acontece?

– São espíritos que estão muito presos às coisas materiais e às suas coisas pessoais, são almas que ainda se acham donas das contas bancárias, dos apartamentos, das casas, dos carros e etc. Esses espíritos demoram a se desligarem do corpo físico. Eles ficam esperando para ver o que vai acontecer. Pagam para ver.

– É um estado de perturbação?

– Sim.

– E quanto tempo dura isso?

– O tempo da compreensão. Varia muito de um para outro. Eles precisam acreditar que morreram para a vida física. Eles precisam se aceitar. Precisam reconhecer-se como espíritos.

– Como assim, Daniel?

– Alguns espíritos desencarnados ainda estão presos a velhos ensinamentos. Muitos acham que têm que se manter ao lado de seu corpo no cemitério, porque lhes foi ensinado que Jesus viria para ressuscitá-los;

sendo assim, ficam de vigília ao lado do corpo no cemitério esperando pelo Messias prometido. E isso gera muito sofrimento a eles.

– Mas os corpos apodrecem...

– Sim, mesmo assim eles se mantêm esperançosos de que isso vai acontecer.

– Isso é uma punição?

– Não, ignorância mesmo. São espíritos presos às coisas materiais, como já disse. Esses espíritos normalmente já ouviram falar da vida eterna; apesar de se sentirem eternos, eles insistem em não acreditar. Daí todo esse sofrimento e perturbação.

– E eles serão ajudados?

– Sim, todos os filhos de Deus são assistidos por Ele. O que acontece é que às vezes nem mesmo Deus consegue ser ouvido por eles.

– É muita ignorância mesmo, não é?

– Sim, ignorância não é o mais correto a dizer; é falta de conhecimento e aprendizado das coisas de Deus. Falta de humildade. Basta você observar essa casa espírita onde estamos agora. Quanto dinheiro foi gasto na construção deste templo! Quanto tempo perdido! Será que as pessoas que se propuseram a construir essa casa espírita, nunca perceberam que lhes faltavam humildade e conhecimento doutrinário? Será que em nenhum momento perceberam que necessitavam de alguém que conhecesse os espíritos? Que tivesse o dom da comunicação com os espíritos? Alguém preparado para isso? Como eu já lhe disse, existem muitos dirigentes que se tornaram dirigentes simplesmente porque leram alguns livros. São almas que só aumentam seu sofrimento e infelizmente carregam consigo uma legião de pessoas que não buscam conhecer a verdade. Pessoas preguiçosas que não querem se instruir. Não se dirige um centro espírita simplesmente porque você leu toda a codificação espírita. Para ser um dirigente espírita é

necessário todo um preparo, é necessário que você tenha encarnado com esse propósito, com essa missão. É necessário que você seja uma alma missionária. É necessário que haja pelo menos um médium. São pessoas de baixo conhecimento espírita. Elas se acham donas da verdade, quando na verdade, só estão aumentando os seus débitos. São, em sua maioria, sensitivos e não médiuns. Médium nasce com esse propósito. Não se fabricam médiuns. Já lhe falamos sobre isso!

– Excelente explicação, Daniel!

– Osmar, nada, nadinha mesmo, acontece sem a permissão de Deus.

– Então, por que não há Deus nessa casa espírita?

– Há Deus, sim, e eu vou lhe mostrar. Mas é um Deus que só os espíritos conseguem ver.

Meu coração acelerou naquele momento. Daniel se levantou e me levantou junto com ele, me puxando pelo braço esquerdo.

– Feche os olhos! – disse o mentor.

– Sim, Daniel – disse-lhe com o coração acelerado.

– Por alguns segundos mantenha os olhos fechados – orientou-me Daniel.

– Daniel, meu coração está acelerado – disse-lhe.

– Mantenha a calma! Eu estou aqui ao seu lado.

– Sim, Daniel.

Passados alguns segundos, ele ordena que eu abra os meus olhos.

– Abra os olhos agora!

Abri os meus olhos e vi uma cena muito linda. Havia vários mentores espirituais com seus aprendizes ao lado. Eles, assim como Daniel, usavam aquele centro espírita para passar ensinamentos para espíritos como eu. Os

mestres mostravam e aproximavam os alunos dos espíritos que estavam rodeando os pseudomédiuns sentados à mesa e lhes falavam ensinando a todos o que acontece em uma casa espírita onde a vaidade, o orgulho e os egos, estão acima da caridade.

Logo, outros espíritos chegavam trazendo macas; os mentores se aproximavam dos espíritos que vagavam perturbados e colocavam a mão direita sobre a testa deles, que desmaiavam e eram colocados nas macas de resgate. Os maqueiros, após deitarem aqueles pobres espíritos, os levavam para dentro de uma névoa branca no canto direito do centro espírita. Mulheres e homens eram levados desmaiados para dentro daquele túnel de luz. Mas alguns, infelizmente, eles não assistiram.

Curioso, eu não me contive e perguntei a Daniel:

– O que virou isso aqui agora, Daniel?

– Nada mudou. Este centro espírita continuará a ser o que é enquanto essas pessoas estiverem aqui para se exibirem e não para fazer a caridade.

– Mas isso aqui está parecendo um pronto-socorro espiritual.

– Nós nos aproveitamos dessas situações para passar ensinamentos a vocês, que precisam compreender o amor divino. Aqui, hoje, vamos levar quase todos os espíritos que se encontram em agonia. Graças à permissão que tivemos e à intercessão de Jesus. O amor mais uma vez superou todos os limites da razão.

– Quer dizer que as coisas podem mudar de uma hora para outra?

– Sim, só Ele pode mudar as coisas. As regras estão aí, elas foram criadas para ordenar o mundo dos espíritos. Uma vez ou outra as regras são quebradas, mas sempre serão quebradas pelo amor de Deus.

– Você já tinha visto isso acontecer aqui, Daniel?

– Sim, duas outras vezes.

– Quem sabe este centro, mesmo sem nenhuma direção espiritual, possa estar sendo utilizado como centro de apoio e resgate desses espíritos!

– É, pode ser, quem sabe?! – disse Daniel.

– Olha, Daniel, parece que aquela mulher não quer ser levada. Ela está relutando em ir.

– Sim, ela vai tentar ficar, mas como eu já lhe disse, quase todos serão levados no dia de hoje.

– Ela não poderia ser deixada para trás?

– Sim, se ela desejar muito.

– Como assim?

– Livre-arbítrio, Osmar, livre-arbítrio!

– Eu tinha me esquecido disso.

– Sem problemas – disse Daniel.

– Daniel, e esse passe que está sendo dado aqui agora nessas pessoas? Tem alguma finalidade? Funciona?

– Você não pode dar aquilo que não tem. Você está vendo as mãos dos pseudomédiuns?

– Sim.

– Você vê sair algum fluido delas?

– Não, não sai nada.

– É isso, você não pode dar aquilo que não tem.

– Mas sei de pessoas que fazem cursos disso ou daquilo para aplicarem passe nos outros, isso não funciona?

– Vou repetir: você não pode dar aquilo que você não tem.

– Estou sendo chato, não é?

– Não, de maneira alguma, Osmar. Eu é que preciso ser mais claro, e vou ser, preste atenção! Como pode um pecador curar alguém do pecado? Pode um assassino deixar de ser um assassino? Pode um ladrão ensinar a alguém a honestidade? Pode uma mulher adúltera ensinar alguém a não trair? Você só pode dar aquilo que tem de melhor dentro de si; se você é um operário da casa espírita e não vigia e transforma seus pensamentos ruins em sentimentos bons, o que você tem para dar? Embora o arrependimento possa mudar seu estado espiritual, o crime cometido tem que ser reparado. Sendo assim quem traiu, matou, roubou ou enganou terá primeiro que reparar seu erro diante do Criador para depois achar-se apto a dar alguma coisa a alguém.

– E como eu reparo um erro diante do Criador?– perguntei.

– Sendo perdoado.

– E como eu consigo o perdão de Deus?

– Transformando-se intimamente e usando de toda sinceridade, reforma íntima, Osmar!

– Que prova difícil, Daniel!

– Por que?

– O que mais vemos hoje dentro das casas espíritas são pessoas mentirosas, falsas, enganadoras, desonestas. Aliás, em todo lugar.

– Por isso a necessidade da transformação. Não basta arrepende-se. Tem que haver uma mudança radical. Sem uma reforma íntima nenhum médium, sensitivo ou espírita serve para os bons espíritos. Se você não se transformar, sinceramente nada podemos fazer. Todos dão aquilo que têm de melhor.

– Mas há casas espíritas sérias, não é, Daniel?

– Milhares! Milhares de pessoas sinceras e honestas que estão ao nosso lado. Esse é o verdadeiro exército de Deus. São os trabalhadores da última hora, Osmar.

– Que bom! Eu já ouvi falar sobre eles – disse-lhe.

– E ainda tem mais. Olhe, Osmar!

Daniel me pede que observe os médiuns.

Fiquei muito impressionado com o que vi naquele momento. Dentro do peito de alguns médiuns pude ver claramente uma mancha escura bem no centro do corpo deles. Parecia uma mancha preta no peito de alguns médiuns.

– O que é isso, Daniel?

– Esses espíritos estão marcados para não voltarem mais a reencarnar na Terra.

– Como assim?

– Todos nós temos uma luz própria, visto que não temos forma. A sexualidade dos corpos nos quais encarnamos só nos serve por experimento. Sendo assim, nós, espíritos criados por Deus, não temos um sexo definido.

– Isso eu já sei.

– Pois esses espíritos estão marcados para o exílio que começou a acontecer no planeta Terra.

– E para onde irão esses espíritos?

– Para planetas que estão na mesma vibração que eles.

– Justo! – eu disse.

– Sim, justiça divina. Já não podem mais conviver espíritos em evolução, com espíritos que não aceitaram evoluir.

– Eu já li alguma coisa sobre isso, só não achava que as marcas eram tão fortes assim. Aliás, lembrei-me agora, no livro *A Batalha dos Iluminados**, que psicografei. Eu pude ver essas marcas nos espíritos que estão sendo preparados para serem levados para outros planetas. Tive uma experiência ímpar quando da psicografia desse livro.

– Essas marcas se acentuam à medida que está se aproximando o exílio.

– Quer dizer que quanto mais próximo o exílio, mais espíritos veremos com essa marca?

– Isso mesmo. Essa é a marca que separa o joio do trigo, como prometido. E tem mais.

– O que, meu Deus?!

– À medida que o tempo encurta, mais densa fica a condição espiritual terrena. Mais violência, mais injustiças, mais tudo. O ambiente terreno fica pior para depois do exílio ficar bem melhor.

– Muito bom, Daniel!

– Justiça divina!

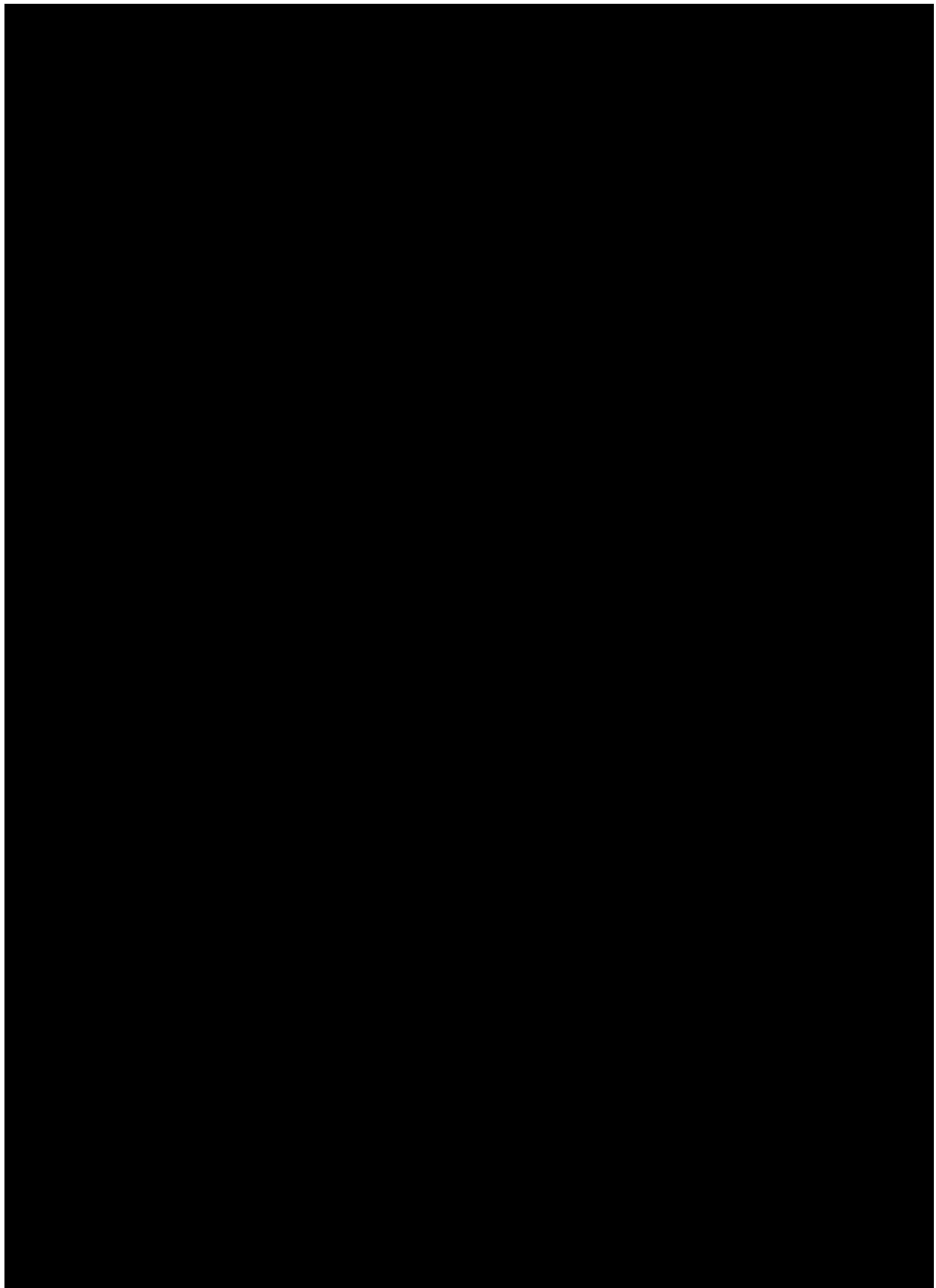
– Sim, justiça divina. Voltemos à Colônia Amor e Caridade.

– Sim, vamos, Daniel!

Voltemos à Colônia, e logo depois voltei para a minha humilde casa.

* O livro *A Batalha dos Iluminados*, do mesmo autor, relata como está sendo feito esse exílio.





*“A caridade é um dos instrumentos que direcionam o espírito à
perfeição.”*

Osmar Barbosa



Cartas consoladoras

Passados mais alguns dias, eu me encontrei novamente com o caboclo Ventania nos jardins da Colônia Amor e Caridade, era um lindo dia de sol. Eu estava sentado em um dos bancos espalhados pelo lugar, observando uma linda batalha entre o sol e a sombra. Os raios de sol teimavam em passar entre as folhas de um lindo ipê-roxo sob o qual nos encontramos. Pássaros cantavam alegremente naquele dia. Após algum tempo sentado ali sozinho, ele se aproximou de mim a passos lentos.

– Olá, Ventania! – disse-lhe, afobado.

– Olá, Osmar!

– Como estão as coisas?

– Muito trabalho! – disse o caboclo.

– Vocês não se cansam de trabalhar?

– Nós temos nosso tempo de descanso. Posso me sentar a seu lado?

– Sim, claro!

Ele então sentou-se bem próximo de mim.

– E o que vocês fazem nessa hora de descanso? – perguntei.

– Visitamos familiares que estão encarnados, passeamos por países que não tivemos a oportunidade de conhecer quando estávamos vivendo na Terra. Visitamos nossas vidas anteriores, visitamos outras colônias, nos

reunimos para estudar, nos reunimos para matar a saudade das coisas que experimentamos juntos nas encarnações passadas, cuidamos das coisas da natureza, passeamos com nossos amores, aconselhamos a nossos assistidos, protegemos a quem amamos e muito mais. Aqui temos muita coisa para fazer.

– Nossa! Pensei que quando desencarnasse ficaria aqui descansando.

– Descansando... Descansando de que?

– Ah, sei lá, a vida é tão difícil! E é assim que todos pensam na Terra.

– As dificuldades que se apresentam na sua vida atual, na vida de encarnado, só servem para lhe engrandecer o espírito. Receba tudo como oportunidade, e tudo lhe será mais fácil compreender.

– Pensando bem, imagine conhecer lugares que nunca visitei. Visitar quem eu amo, ajudar quem é importante para mim, reviver minhas experiências anteriores... Isso tudo deve ser fantástico!

– E é. Não pense você que vai chegar aqui e ficar sentado em uma praça olhando as modas. Você pode até fazer isso, mas depois de dois meses sentado na praça sem fazer nada logo, logo vai pedir uma vassoura para varrer a praça toda. Daqui a pouco vamos ver você varrendo toda a colônia.

(Risos)

– Imagine viver sem um corpo físico, sem cansaço, sem doença, sem necessidades fisiológicas, sem mentiras, sem enganações, sem limites para a felicidade!

– Nossa, quanta notícia boa, meu amigo!

– Pois é, isso tudo é o que lhe espera quando você deixar o corpo físico. Claro, se você merecer!

– Será que é por isso que os espíritos desencarnados demoram a se comunicar?

– É também por isso. As coisas aqui são muito dinâmicas. Como o espírito desencarnado tem a certeza de que breve poderá ver seus familiares, ele relaxa, tira da cabeça essa preocupação e logo começa a se integrar às coisas do mundo espiritual. Quando o espírito está aqui, Osmar, ele fica ansioso em aprender tudo, para ter novidades para contar à pessoa que ele ama quando ela chegar.

– Logo que chegam eles começam a fazer tudo isso?

– Sim, dependendo, é claro, do estado em que chegam aqui. Quando eles chegam esclarecidos tudo fica mais fácil. Tudo é merecimento, lembre-se sempre disso... merecimento!

– Ainda bem!

– Ainda bem o que?

– Ainda bem que estamos tendo essa oportunidade!

– A oportunidade de esclarecer-se?

– Sim, os livros são muito esclarecedores. Se soubermos aproveitar essas informações, tudo ficará mais fácil quando desencarnarmos.

– E isso é só um pouco do que podemos lhe contar.

– Existem ainda coisas que vocês não podem revelar? – perguntei.

– Existem milhares de coisas que ainda não podemos revelar a vocês.

– Por que?

– Assim como Jesus falou por parábolas, porque ainda não se tinha a capacidade de compreender Seus ensinamentos, assim é agora. Nós temos muitas coisas ainda para revelar, mas vocês ainda são incapazes de compreender.

– Puxa vida!

– Lamento!

– Eu não fico chateado, eu fico triste!

– Não fique, vou lhe dar uma dica: se você quiser acreditar, muito bem; se não quiser, não tem problema, eu não vou ficar chateado.

– Que isso? Como não acreditar em você? Conte-me!

– Logo que o espírito chega ao mundo espiritual, ele se reconhece como espírito eterno; e quando ele compreende isso uma chama de felicidade se acende dentro do peito de cada espírito que aqui chega. O medo da morte o faz viver em depressão, sofrimento e tristeza. O espírito, quando encarnado, está em uma correria para conquistar logo tudo aquilo que sonha, pois ele tem a certeza de que vai morrer. Pois bem, quando você chega aqui e é conscientizado da eternidade, a pressa deixa de existir em sua vida, seus objetivos passam a ser outros. Imagine viver na certeza de que você não vai morrer! Imagine poder andar pelo universo de luz sem nenhuma coisa que lhe prenda a algo! Imagine visitar o lugar que sempre sonhou e ficar por lá o tempo que quiser! Imagine encontrar-se com amigos que você perdeu pela vida! Parentes, familiares, colegas de escola, pessoas que foram importantes em sua vida, ou melhor, em suas vidas.

– Eu nem consigo me imaginar vivendo isso tudo.

– É por isso que evitamos falar das coisas que lhe serão possíveis na vida eterna.

– É difícil, mesmo para nós, acreditar em tudo isso!

– E isso é só o começo, Osmar!

– Eu fico muito feliz em saber de tudo isso, meu amigo. Pode acreditar!

– Mas tem uma coisa que está revolucionando tudo isso.

– O que?

– O espiritismo – disse Ventania.

– É mesmo. O que seria de nós se não tivéssemos recebendo o espiritismo?

– Existe uma coisa que todos vocês precisam saber.

– O que?

– O espiritismo ainda é um pequeno princípio de tudo aquilo que está reservado para a humanidade.

– Como assim, Ventania?

– Vocês ainda estão em um estado primitivo, ainda são incapazes de receber tudo o que nós, espíritos, temos para lhes dar. Ainda faltam muitas informações, muitos ensinamentos.

– Será?!

– Sim, tudo está na medida certa. Logo vocês vão receber mais um missionário de luz, que deixará definitivamente uma porta aberta para a humanidade elevar-se ainda mais.

– Que legal! É bom saber disso.

– Allan Kardec foi só o início. Ele começou a revelar o espiritismo.

– Ufa! Que notícia boa!

– Sim, aguarde e verá.

– Obrigado, meu amigo, por mais esta oportunidade. Nossa, eu não tenho palavras para agradecer a todos vocês tudo o que eu tenho recebido aqui.

Por alguns segundos ficamos em silêncio, e ele então muda de assunto.

– Que bom! Agora precisamos visitar outro centro espírita, outro tipo de energia e de trabalho que envolve a espiritualidade suprema.

– O que é isso?

– Venha, vamos visitar um centro onde se realiza o espiritismo em sua grandeza.

Caminhei com ele, até que tudo se escureceu à minha frente e me vi entrando em um centro onde dezenas de mães aflitas esperavam por uma cartinha consoladora. Logo eu me emocionei ao enxergar corações aflitos. Coração de mãe é diferente dos demais corações, principalmente das mãezinhas que perderam seus filhos.

Ansioso, me sentei bem próximo aos dois médiuns que se preparavam para psicografar as mensagens. No portão do centro espírita pude ver uns quinze caboclos e caboclas que vigiavam o lugar. Pude ver também, um pouco mais distante, mais precisamente na esquina da rua do centro espírita, cinco exus que guardavam o lugar. Tudo muito bem protegido.

Ventania ficou de pé ao meu lado.

– Você não vai se sentar? – perguntei.

– Não, nós não nos cansamos – disse ele.

– Desculpe, havia me esquecido disso.

– Na verdade, estou ajudando na segurança do lugar.

– Mas é necessária toda essa segurança?

– Não, não é necessária toda essa segurança. Acontece que essa casa espírita aqui é muito querida por nós, e quando tem alguma sessão aqui, todos nós gostamos de vir para cá e auxiliar esses trabalhadores de luz.

– Puxa, quer dizer que vocês se afinam com determinadas casas espíritas?

– Quem é que não quer estar perto do que é abençoado?

– É assim que funciona?

– É sempre assim que funciona. Você não gosta de assistir ao seu artista preferido? Você não gosta de ouvir sua música predileta?

– Sim.

– Então, boas casas espíritas são para nós templos sagrados onde podemos ouvir bons corações e boas preces.

– Nossa, que lindo!

– Você ainda tem muito que aprender conosco, Osmar!

– Estou à sua disposição. Quero aprender tudo isso!

– As psicografias vão começar. Fique em silêncio!

– Sim. Pode deixar.

Uma nuvem violeta invadiu o lugar. Dois médiuns estavam sentados à pequena mesa com maços de folhas de papel em branco, e a sua frente um punhado de lápis com pontas afinadas dentro de um pote aguardavam o início da sessão.

Uma linda prece foi proferida pelo médium responsável pelo trabalho e todos ficaram em silêncio.

Eu vi quando uma jovem, aparentando uns quinze anos de idade, chega à porta principal do centro espírita; ela está acompanhada por outra jovem que veste uma túnica azul-clara que vai até os pés; no cabelo longo e loiro ela traz algumas flores coloridas presas como se fosse uma coroa de flores. A jovem sorri e deixa que a menina caminhe em direção aos médiuns. A jovem é morena e está muito emocionada. Antes de se aproximar do médium psicógrafo, ela vai até uma senhora que está sentada na terceira fileira, ajoelha-se a seus pés e coloca a cabeça no colo daquela que pude perceber ser a sua mãe. Foi um momento de muita emoção para mim e para o médium que assistia a tudo calado em oração. A jovem, de nome Adriele, colocou seu rosto entre as mãos da mãe, que muito emocionada chorava soluçando

percebendo a presença da filha querida que fora assassinada pelo antigo namorado. Foram momentos difíceis para as duas.

Após alguns minutos, Adriele despede-se da mãe, beijando-lhe a face e secando com os polegares, as lágrimas sofridas daquela mãe. Ela então se dirige à mesa e se coloca ao lado do médium que começa a psicografar uma linda cartinha. Nesse momento pude ver uma fila que se formava na porta principal do centro espírita onde a menina de azul organizava a entrada e saída dos espíritos que vieram para se comunicar.

Adriele então escreve:

Querida mãezinha, a saudade é grande por aqui.

Perdoe-me por minhas escolhas, ele é um homem muito mau. Não havia necessidade de ele fazer o que fez comigo. Naquela tarde eu até pressenti que algo de muito ruim iria acontecer, eu saí da escola com essa sensação, mas eu preferi acreditar no amor que eu sentia por ele.

Mãezinha, que saudades de você e do papai, mande um beijo muito especial para o meu irmãozinho. Não se culpem pelo que aconteceu. A culpa foi minha, que confiei o meu coração a quem não mereceu. Além disso estava escrito em meu destino esse fim.

A vida nos é dada para engrandecer o nosso espírito.

Agora eu estou bem, mamãe. Eu passei alguns dias no hospital que existe aqui, eu fui muito bem cuidada. As enfermeiras são muito carinhosas. Logo que saí do hospital fui levada a me encontrar com a vovó Eufrásia e com meu vô Antonio que agora cuidam de mim. Eles mandam beijos para todos aí. Aqui eu fiz amizade com muitas meninas iguais a mim. Uma é muito especial, foi ela quem me trouxe aqui hoje para escrever essa pequena cartinha.

Mãe, cuida da minha cachorra Mel.

Mãe, siga em frente.

Eu te amo.

Pai, eu te amo. Eu estarei sempre ao lado de vocês, podem ter certeza. Vocês não são culpados de nada.

Fiquem com Deus, Adriele.

Todos choraram com a leitura da carta da jovem menina. Permaneci calado e impressionado ao ver como tudo é organizado. Vi espíritos jovens cuidando de outros jovens. Tudo muito bem organizado e feito com muito amor.

Meus olhos se encheram de lágrimas, pois me lembrei de meus pais e meus avós, como eu gostaria de revê-los.

Ventania, que tinha se ausentado, volta e fica de pé ao meu lado novamente.

– Gostou do que viu?

– Estou gostando do que estou vendo. Que coisa linda! Que momento especial para todos!

– A menina que acabou de psicografar foi assassinada pelo namorado, causando muita dor aos seus pais. Essa cartinha que a mãe acaba de receber faz toda a diferença para ela. Adriele está agora pronta para seguir evoluindo na colônia em que se encontra. A mãe, agora aliviada com a notícia, poderá seguir em frente. O pai, que tanto sofre desiludido com a vida, após a leitura desta carta irá procurar a doutrina espírita e se tornará um grande operário da caridade.

– Quanta coisa uma só cartinha pode fazer, não é, Ventania?

– Sim, tudo tem um propósito. Essa carta é um marco nessa família; a tragédia que muito feriu a todos foi como um terremoto que quase destruiu

essa linda família. Após a assistência que tivemos a oportunidade de lhes dar, eles recebem agora um pequeno pedaço de papel contendo algumas palavras que mudarão para sempre o destino de todos.

– Que missão linda a desse médium!

– Médiuns psicográficos são especiais para nós.

– Como assim?

– Médiuns psicográficos são mensageiros de Deus. São poucos sobre a Terra, mas são importantes para nós. Carteiros do amor.

– Existe algum tratamento diferenciado para eles?

– Para os sérios, sim; para os falsos, não.

– Alguém tem coragem de fazer disso uma mentira?

– Infelizmente é o que mais se vê por aí.

– Meu Deus!

– Porque você está com os olhos marejados?

– Você reparou?

– Sim, esteve chorando? – ele me perguntou.

– Quase.

– O que houve?

– Saudades da minha mãe e do meu pai, e também dos meus avós.

– Porque você não pede para vê-los?

– Não sei se sou merecedor.

– Peça ao Daniel.

– Você sabe alguma coisa sobre os meus pais?

– Só Daniel pode lhe responder isso.

– Por que? Você não vive por aí?

– Eu vivo por aí cuidando das minhas coisas e não das suas.

– Perdoe-me a pergunta.

– Não é um fora, desculpe-me. Mas é a verdade. Aqui cuidamos da nossa evolução. Evolução, Osmar, é pessoal, todos que chegam aqui correm logo para buscar evoluir rapidamente para poder ascender a planos superiores. É assim!

– Eu compreendo, Ventania. Não se preocupe.

– Obrigado por sua compreensão.

O ambiente se torna frenético, vários espíritos se comunicam por meio das cartinhas com seus familiares que lotam o lugar. Mas algo me preocupava e então voltei ao assunto com o caboclo.

– Ventania, me perdoe, mas você me disse que há médiuns que fazem esse tipo de reunião, mas que na verdade é tudo mentira. Como pode isso? Por que Deus permite que isso aconteça? Afinal, são mães que estão sofrendo, e eu acho isso, na verdade, uma crueldade.

– Deus tudo permite. Há falsos médiuns fazendo coisas piores que isso. Há falsos médiuns em todos os lugares. Na verdade, são as pessoas que buscam esses falsos médiuns que os mantêm ativos.

– Como assim?

– As pessoas lotam os centros espíritas atrás de informações e previsões sobre suas vidas. Isso é o que alimenta esse mercado do espiritismo; sim, por isso virou um negócio para muitos pseudoespíritas, pseudomédiuns. Nós, espíritos, não estamos aqui para fazer previsões para quem quer que seja, esta não é uma atribuição dos bons espíritos. Só espíritos enganadores,

kiumbas e eguns é que vivem para isso. O que nós fazemos normalmente é alertar aos consulentes sobre suas atitudes. Orientamos, auxiliamos e exemplificamos as coisas de Deus. Se todas as pessoas que buscam um centro espírita questionassem ao espírito incorporado sua origem, seu verdadeiro nome, de onde vem, com quem trabalha, a que colônia pertence, por que ainda está trabalhando desta forma, quais os objetivos do trabalho dele, quantas encarnações ele já teve, porque serve àquele centro espírita, qual a ligação dele com a casa espírita...Se todos deixassem de lado a cara feia e as ameaças que o espírito incorporado faz e o questionassem seriamente, provavelmente esses centros espíritas deixariam de existir. Mas o que vemos não é isso. O que vemos são pseudomédiuns, pseudoespíritas fazendo cara feia na incorporação para amedrontarem os consulentes, pedindo bebidas fortes, charutos caros, cigarros, tudo isso para demonstrar que ele, o espírito, é poderoso... Coitados!

– Isso eu já aprendi com vocês!

– Então Ele permite tudo, basta você questionar.

– Tomara que após a leitura deste livro as pessoas passem a questionar essas entidades, ou pseudoentidades se assim posso chamar.

– Este é um dos objetivos desta nossa conversa.

– Obrigado por esta oportunidade, Ventania!

– De nada. Agora vamos para outro centro espírita?

– Não podemos ficar mais um pouco? Eu gostaria de ver chegar outra mensagem.

– Sim, claro que sim, perdoe-me pela pressa.

– Que isso, Ventania!

– Olhe, vem chegando um rapaz, ele vai se comunicar. Fique atento.

– Obrigado, Ventania.

– Olhe, apenas olhe.

Um rapaz aparentando uns dezenove anos entra no lugar trazido pela menina de azul. Ele está muito emocionado, seus pais estão sentados na primeira fila de cadeiras do centro espírita.

Amparado, ele se joga aos pés dos seus pais, que nada percebem.

– Ventania, na psicografia da menina eu pude perceber que a mãe dela sentiu sua presença quando ela deitou-se em seu colo. Agora este rapaz está abraçando os seus pais, e eles nem sequer se emocionam. O que está acontecendo?

– Eles não são espíritas. Na verdade, eles são de outra religião e não acreditam em cartas consoladoras. Eles não acreditam neste tipo de comunicação.

– Ora, mas se não acreditam, o que estão fazendo aqui?

– Nós os trouxemos para receber a carta.

– Vocês?!

– Sim, nós.

– Vocês podem fazer isso?

– Sim, já lhe dissemos que estamos mais presentes em seus pensamentos do que possa imaginar.

– Sim, vocês vivem nos dando bons conselhos.

– E isso, não é um bom conselho?

– Sim, claro que sim. Mas por que vocês fizeram isso?

– O menino de nome George está sendo tratado na Colônia Amor e Caridade. Daniel nos pediu para trazer os pais dele para receberem a

mensagem que ele precisa muito passar. George suicidou-se, e agora, arrependido, precisa do perdão de seus pais para seguir adiante.

– Nossa! Eu nem imaginava isso. Ele é um suicida?

– Sim. Depois de passar dois anos no Vale dos Suicidas, nós conseguimos resgatá-lo e estamos auxiliando-o.

– Puxa, que legal, Ventania!

– Eles então não vão perceber a presença do filho?

– Espere a carta ser escrita e lida. Vamos aguardar.

George é levantado pela jovem vestida de azul, e levado à mesa onde os médiuns estão psicografando, para escrever sua mensagem.

Muito nervoso, ele é consolado por outros dois rapazes que chegaram com ele ao lugar.

George então começa a escrever sua carta.

Querida mãezinha Helena e querido paizinho José Carlos, primeiramente quero pedir perdão pelo meu suicídio. Eu estou muito arrependido por ter causado tanta dor a vocês, aos meus avós e a meus irmãos.

Eu não conseguia mais viver sem as drogas, e foram elas que me obrigaram a fazer o que fiz. Não sofram e muito menos se culpem pelo que eu fiz.

Saudades da Marcela, do Marcelo e da Magali. Eu amo vocês.

Mamãe, eu sei que lhe causei um sofrimento difícil de superar, mas estou sendo assistido por espíritos amigos e até já me encontrei com o vô José. Ele lhe manda abraços.

Vovó Janira, eu te amo muito e lhe peço perdão.

Vovô Alberto e vovó Mariza, não se sintam culpados, vocês foram e são os melhores avós do mundo.

Mãezinha, cuida bem dos meus irmãos, eu amo muito eles.

Pai, segue em frente com a cabeça erguida, você não é culpado em nada. Você não errou.

Tenho que ir, saudades e abraços nos amigos da faculdade. Beijos especiais em Luciana que sempre amarei.

Perdoem-me.

George

Eu pude ver e sentir a emoção tomar conta daquela família. E todos choraram com a carta de George. Inclusive eu.

– Que linda mensagem, Ventania!

– Sim, ele precisava mandar essa mensagem para seus pais.

– Quer dizer que essa carta que ele acaba de escrever vai ajudá-lo em sua trajetória espiritual?

– Sim, agora ele recebe o perdão da família. Seu coração ficará em paz. George só precisava mesmo desta carta para se acalmar e seguir evoluindo.

– Sabe o que mais me deixa feliz, Ventania?

– Não – disse o caboclo, mentindo para mim.

– É ver que este médium está utilizando sua mediunidade para aliviar não só corações encarnados, mas principalmente para auxiliar espíritos desencarnados.

– Viu como é importante que a mediunidade seja levada a sério? Como é importante o médium ser honesto?

– Sim, agora eu posso compreender como Deus é amoroso com os Seus filhos. Imagine se não existissem médiuns como este rapaz! O que seria dos espíritos, como o de George, por exemplo, que precisava desta cartinha para seguir em frente?

– Por isso, Osmar, é importante que este livro que estamos escrevendo chegue às mãos de médiuns bem-intencionados que estão sendo estragados, iludidos e desviados por dirigentes inescrupulosos e de mau caráter. Os médiuns precisam aprender a observar as atitudes dos dirigentes das casas espíritas, e não saírem por aí se entregando a qualquer um. Quem eles são? De onde vieram? Como utilizam a sua mediunidade? Quem eles ajudam? São eles ou elas honestos? Sinceros? Verdadeiros? São eles ou elas justos? Onde está a sua moral? E etc. Estas são algumas perguntas que aquele que procura um dirigente espírita sério deve se fazer.

– Se todos os envolvidos nessa relação com os espíritos levassem isso a sério, provavelmente esses maus dirigentes nem existiriam – disse-lhe.

– Eles se dizem espíritas. Dizem que recebem entidades famosas, mas na hora de saírem de uma casa espírita falando mal de seus colegas e dos dirigentes, não consultam seus famosos guias.

– Eu não tinha pensado nisso, Ventania.

– Olha, se você é médium de um centro espírita e lá o seu guia, mentor, protetor como quiser chamar, bebe, fuma, dá consulta e tal, está feliz da vida e na hora de você sair do centro espírita você não o consulta, quem é que estava bebendo e fumando? Você ou o espírito?

– O médium, com certeza.

– Isso mesmo, Osmar, o pseudomédium.

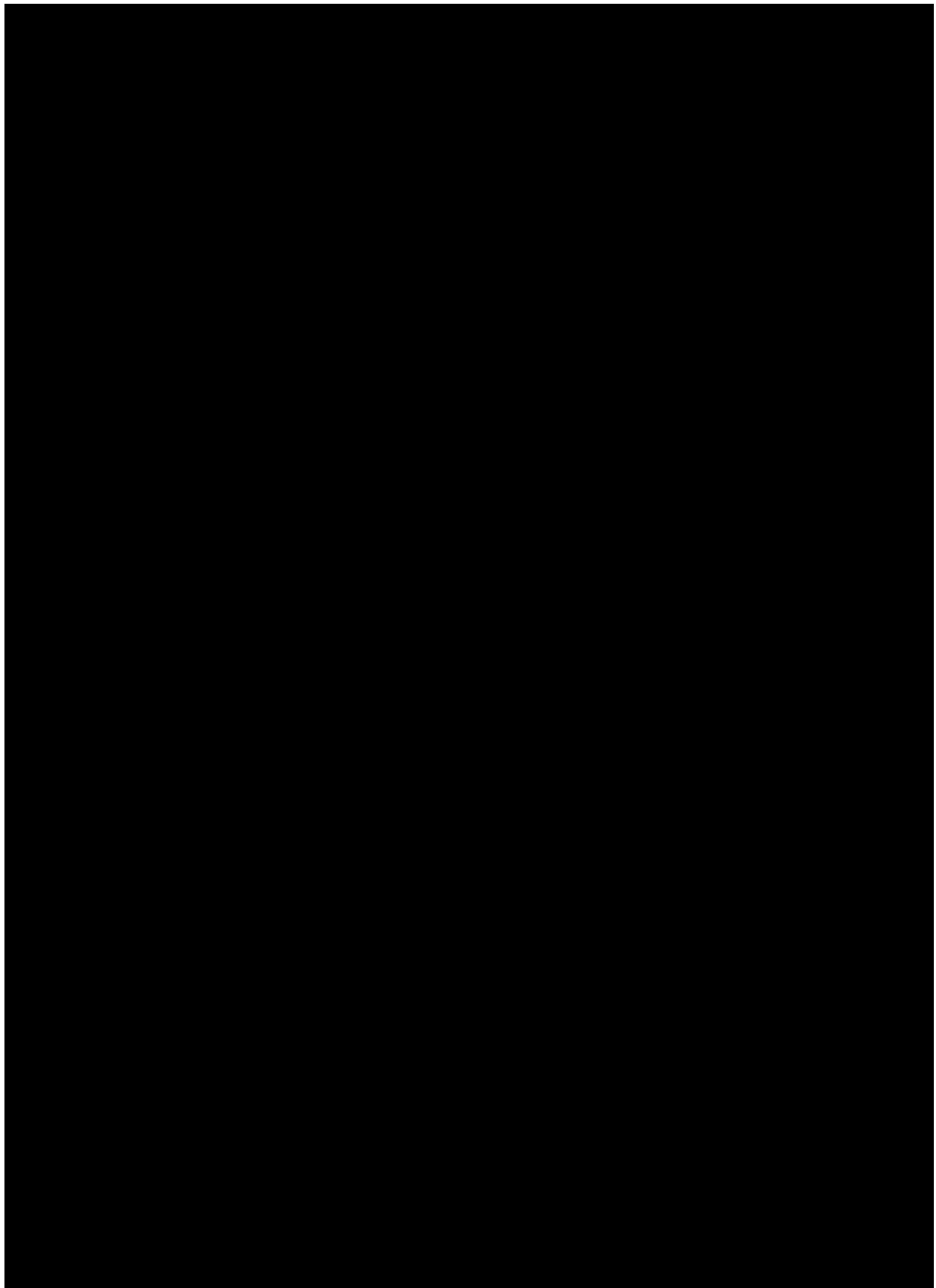
– Se você quiser ir agora, podemos ir – disse-lhe.

– Vamos.

– Sim, vamos.

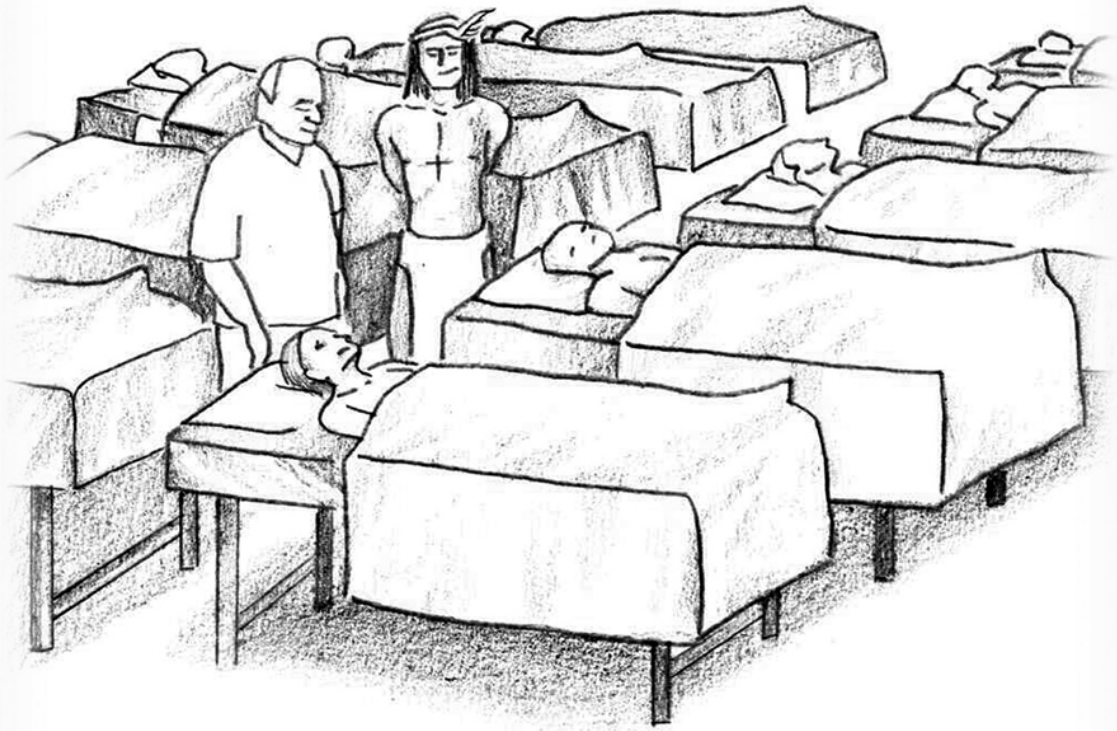
Ele então me levou de volta ao mesmo banco. Já era fim de tarde e fiquei ali sozinho por algum tempo refletindo sobre tudo o que havia experimentado naquele dia. Fiquei juntando coragem para perguntar a Daniel sobre meus pais.





“A cura da alma começa por dentro.”

Osmaix Barbosa



A cura espírita

No dia seguinte Daniel aparece em minha casa e me convida para ir com ele conhecer outro centro espírita.

– Vamos conhecer outro centro espírita Osmar?

– Imediatamente – disse-lhe.

Rapidamente chegamos a outro centro espírita. Era um lugar muito bonito. Havia uma ampla sala com várias macas, todas estavam cobertas com lençóis brancos e travesseiros iguais, parecia uma enfermaria de hospital. Aproximadamente vinte pessoas estavam deitadas, cobertas até o pescoço por lençóis brancos; todas as pessoas deitadas estavam com os olhos cobertos por uma máscara, daquelas descartáveis que vemos nos hospitais. O silêncio só não era total porque podíamos ouvir uma linda música instrumental tocando bem baixinho ao fundo, mas entre os trabalhadores daquele lugar o silêncio, esse sim, era total; podia-se até ouvir a respiração de alguns. Aproximadamente vinte médiuns estavam sentados, todos vestidos de branco com as mesmas máscaras, só que cobrindo-lhes a boca. Eles usavam toucas hospitalares. Alguns usavam luvas descartáveis. Alguns tarefeiros eram os responsáveis por tirar os pacientes das macas e colocá-los de volta.

Aproximamo-nos e nos sentamos no lado oposto ao dos médiuns. As luzes eram fracas e de cor azul. O ambiente estava cheio de fluidos que pude ver flutuando no lugar.

– Daniel, que lugar é esse?

– Um hospital espiritual – disse ele.

– Quanta energia tem esse hospital espiritual, né?

– Sim, um hospital espiritual é um lugar ao qual somente os bons espíritos têm acesso. Esse tipo de centro espírita está chegando agora ao plano físico em maior número.

– Por que?

– Pela misericórdia divina!

– Foi Deus quem ordenou?

– Sim. Por intermédio de Jesus, é claro!

– Por que por intermédio de Jesus?

– Porque não se vai ao Pai se não pelo filho. Lembra-se disso?

– Sim, eu me lembro. Quer dizer que Jesus permitiu que esse tipo de ajuda chegasse à Terra para ajudar Seus irmãos?

– Exatamente isso!

– Qual o propósito?

– Curar enfermos.

– Quem faz isso?

– Em todas as colônias espirituais espalhadas sobre o orbe terreno há enfermarias e centros de tratamentos para o refazimento perispiritual que todos necessitam quando chegam à vida eterna.

– Você já me falou um pouco sobre isso.

– Pois é, esses mesmos médicos estão vindo à Terra primeiramente para redimir seus erros. E depois para auxiliar aos irmãos mais necessitados.

– Médicos...pecados... Como assim?

– Hoje em dia nem tanto, mas a maioria dos médicos que estão vindo do plano espiritual para auxiliar os enfermos deste lugar, são médicos que se utilizaram dos conhecimentos anatômicos ou biológicos para fazerem experiências com seres ainda vivos. E também porque nunca acreditaram que dentro de um corpo físico havia um espírito em prova e expiação. Quando esses médicos chegaram à vida espiritual eles haviam adquirido muito conhecimento sobre o corpo humano. Então lhes foi oferecida a oportunidade de redimirem-se fazendo o que mais eles sabem fazer.

– Curar doentes?

– Sim, curar doentes!

– Mas eles curam o corpo físico, não é isso?

– Sim, o corpo físico nada mais é do que uma condensação fluídica aliada a uma composição biológica. O que eles fazem é harmonizar essas duas energias; assim eles conseguem, por exemplo, extirpar ou até mesmo fazer sumir tumores.

– Eu tenho visto muita cura nos centros espíritas mesmo. Há alguns médiuns que são especialistas nisso.

– Exatamente. Alguns médiuns encarnaram com a missão de auxiliar esses médicos. Assim, juntos, eles conseguem realizar um bom trabalho.

– Bem, preciso perguntar se há enganadores nesse meio também, não é?

– Enganadores há em todos os lugares, em todas as raças, em todas as etnias, em todas as profissões, em todas as crenças, em todas as religiões etc. Enganadores sempre existiram desde que o mundo é mundo. O que tens a fazer é olhar sempre o caráter do médium, sua conduta, sua moral, seu comportamento diante das dificuldades em realizar seu trabalho, como já lhe dissemos. Observe sempre como ele reage diante da ingratidão. Bons

médiuns não desistem facilmente da caridade e do amor ao próximo. Bons médiuns são sensíveis às dores alheias, bons médiuns são humildes, e na maioria das vezes, pessoas simples. Bons médiuns são honestos, sinceros, verdadeiros e amigos.

– Por que eles são assim?

– Porque encarnaram como missionários e não para expiarem. São espíritos que receberam a ordem e a estão obedecendo, apesar das dificuldades e das incompreensões. São espíritos mais evoluídos.

– Certamente eles serão muito bem recompensados.

– Não tenha dúvida disso, mas vale a pena sofrer antes de desencarnar do que após. A vida na Terra é curta, mas nos planos espirituais é eterna. Tudo o que sofres agora lhes será acrescentado com louvor na erraticidade. Não julgues que encarnastes para sofrer sempre, um dia todas as suas recompensas terrenas lhes serão entregues antes de voltar para a vida eterna.

– Quer dizer que vale a pena o sofrimento da mediunidade?

– A mediunidade não é para ser desperdiçada, e não é para qualquer um. Ser médium é ter assumido conosco uma missão espiritual, como já lhe falamos. Quem escolheu encarnar e ser médium foi você. Nós, espíritos de luz, estamos ao seu dispor para nos elevarmos aos olhos do Criador. Juntos, sempre juntos. Quando um médium desiste ou se desvirtua de seu propósito só nos resta lamentar tal decisão, mas isso não impede o nosso engrandecimento e muito menos nos impedirá de seguir em nossa jornada evolutiva.

– É difícil para o médium cumprir os compromissos assumidos com a sua mediunidade?

– As provas são para os médiuns e para aqueles que não são médiuns. Todos os espíritos encarnados estão em provas e expiação. Todos são e serão tentados sempre a desvirtuar-se do caminho correto, faz parte da

evolução. Com Deus e com a evolução não há negociatas, não dá para fingir que não sabia, não se enganam os espíritos, nós ficamos penalizados com aqueles que erram; porém, não nos é permitido sofrer por alguém que não merece o nosso sofrimento. O maior problema do médium é a vaidade e a inveja. O médium nunca está satisfeito com o guia ou mentor que tem. Ele está sempre preocupado com quem é o espírito que está incorporando no médium ao seu lado. Será que o guia ou o espírito incorporado ao lado é melhor do que o mentor dele? Logo que um médium percebe que outro médium está se destacando dentro de uma casa espírita ele começa a tentar denegrir a imagem de seu companheiro de trabalho. Em vez de se ocupar do estudo doutrinário para auxiliar seu mentor espiritual ou guia de trabalho, ele só se preocupa em tentar ser melhor do que o outro. Logo o guia de trabalho ou mentor se afasta, porque fica impedido pela vibração negativa do médium, e assim ele não consegue realizar seu trabalho.

– Nossa! Como vocês são sábios!

– E tem mais. O médium tem que entender que ele, o médium, nada mais é do que um espírito altamente endividado. O médium que acha que mediunidade é um privilégio, está muito enganado. Ser médium é tentar pagar os débitos por meio de duras provas, pois a mediunidade quando mal exercida deixa de quitar as dívidas adquiridas anteriormente e só piora a situação do espírito. Mediunidade é dívida. Médium é um espírito que precisa lutar sempre para permanecer ativo exercendo a oportunidade ofertada de trabalho ao próximo. O médium que se preocupa em exercer a mediunidade honestamente deve se agarrar a essa oportunidade, pois pode ser que ele não tenha outra.

– Vejo muita gente que se acha melhor do que a outra, principalmente dentro do espiritismo.

– O que mais se vê dentro de um centro espírita é o médium que só recebe entidades renomadas. Médiuns que escolhem os espíritos com quem

vão trabalhar. Médiuns que se intitulam os donos da verdade. Verdade essa que, infelizmente está muito longe de suas vidas. Isso é o que mais tem: centro espírita disso, centro espírita daquilo, e assim vai. Infelizmente, o que vemos é dirigente espírita apontando o dedo para outro dirigente espírita dizendo que o espiritismo que ele faz é que é o certo, que fulano está errado, que beltrano não pega nada. O que vemos é uma disputa desnecessária ao espiritismo, Osmar.

– É isso o que nos afasta das casas espíritas. Hoje, quase não há mais espíritos trabalhando nos centros espíritas. A maioria está dominada por kumbas e eguns, e infelizmente nada podemos fazer – disse Daniel, entristecido.

Uma luz invade todo o lugar. Vários médicos do mundo espiritual chegam ao hospital espírita. Fiquei maravilhado com a cena que passo a descrever:

Uma luz intensa que variava de cores iluminou todo o lugar. Ora era luz violeta, ora azul-celeste, ora esverdeada. Seis médicos chegaram: quatro médicos e duas médicas. Dois dos médicos traziam nas mãos aparelhos que eu nunca havia visto. O médico introduzia o aparelho no peito dos pacientes e fazia uma transfusão fluídica, ali na frente de todos nós. Eles não falavam nada, apenas trabalhavam. Olhavam-se por vezes, mas o trabalho era rápido. Os pacientes eram trocados a todo o momento. Uma enfermeira que chegou junto com eles orientava uma médium para a troca dos pacientes nas macas. Emocionado, comecei a chorar. Percebi que o meu choro estava atrapalhando o trabalho daqueles seres de luz e me levantei para deixar o lugar. Foi quando um dos médicos se aproximou rapidamente de mim e impôs sua mão direita sobre o meu peito. Eu peguei a mão dele e segurei junto a mim. Emocionado, eu o agradei pelo carinho e ajuda. Não pude ver seu rosto totalmente, pois ele estava com uma máscara cirúrgica que lhe cobria boa parte do rosto. Mas seu olhar me marcou para sempre. Eu vi os

olhos azuis daquele jovem rapaz mirar meus olhos e acalmar o meu coração. Minhas lágrimas viraram lágrimas de alegria por estar tocando em um ser de tanta luz.

Sentei-me novamente e, admirado, fiquei olhando as diversas cirurgias espirituais que se realizavam à minha frente.

Índios, pretos velhos, caboclas, ciganos, ciganas, vários espíritos rodeavam o lugar garantindo segurança ao trabalho daquela equipe de luz. Uma linda falange de espíritos tomou conta do lugar. Todos eram assistidos; alguns tomavam um passe simples, mas cheio de luz; outros eram operados com cirurgias que estamos acostumados a ver. Médicos espirituais abriam o corpo da pessoa, faziam a cirurgia e depois outra equipe vinha e dava pontos com uma linha fluídica juntando as carnes cortadas pelos bisturis magnéticos.

Eu, impressionado e feliz, secava minhas lágrimas de alegria que insistiam em sair de meus olhos.

Após diversas cirurgias todos deixaram o lugar, mas aquele jovem médico, antes de ir, virou-se para o lugar em que eu estava e olhou fixamente para mim. Ele parecia sorrir. Nunca mais vou esquecer aquele olhar.

Após todos saírem, Daniel se aproxima de mim e me convida a voltar para a Colônia Amor e Caridade.

– Vamos voltar para a Colônia, Osmar?

– Antes de irmos embora, Daniel, quero lhe confessar uma coisa: não encontro palavras para lhe agradecer por tudo o que vi aqui hoje. Obrigado por essa oportunidade! Sinceramente, com toda a humildade posso lhe assegurar que agora começo a entender um pouquinho do amor de Deus e lhe prometo que vou seguir fielmente as suas orientações e as desses abnegados espíritos trabalhadores da última hora. Obrigado por esta oportunidade, meu amigo! – disse-lhe, ainda emocionado.

– Que bom Osmar! – disse-me Daniel.

– Obrigado, Daniel! Eu nunca poderia imaginar que são assim as cirurgias espirituais.

– Você ainda não viu nada. Lembra que você foi informado de que existem ainda muitas coisas que não podemos lhe revelar?

– Sim, eu me lembro.

– Pois bem, isso que você viu aqui hoje foi só uma amostra do que espera a todos vocês quando chegarem aqui após essa encarnação.

– Como Deus é magnífico!

– Magnífico, grandioso, amoroso, Criador de todas as coisas e muito mais.

– Sim. Nossa, estou estupefato!

– Não fique, acredite e confie.

– Sim, agora eu só tenho é que agradecer.

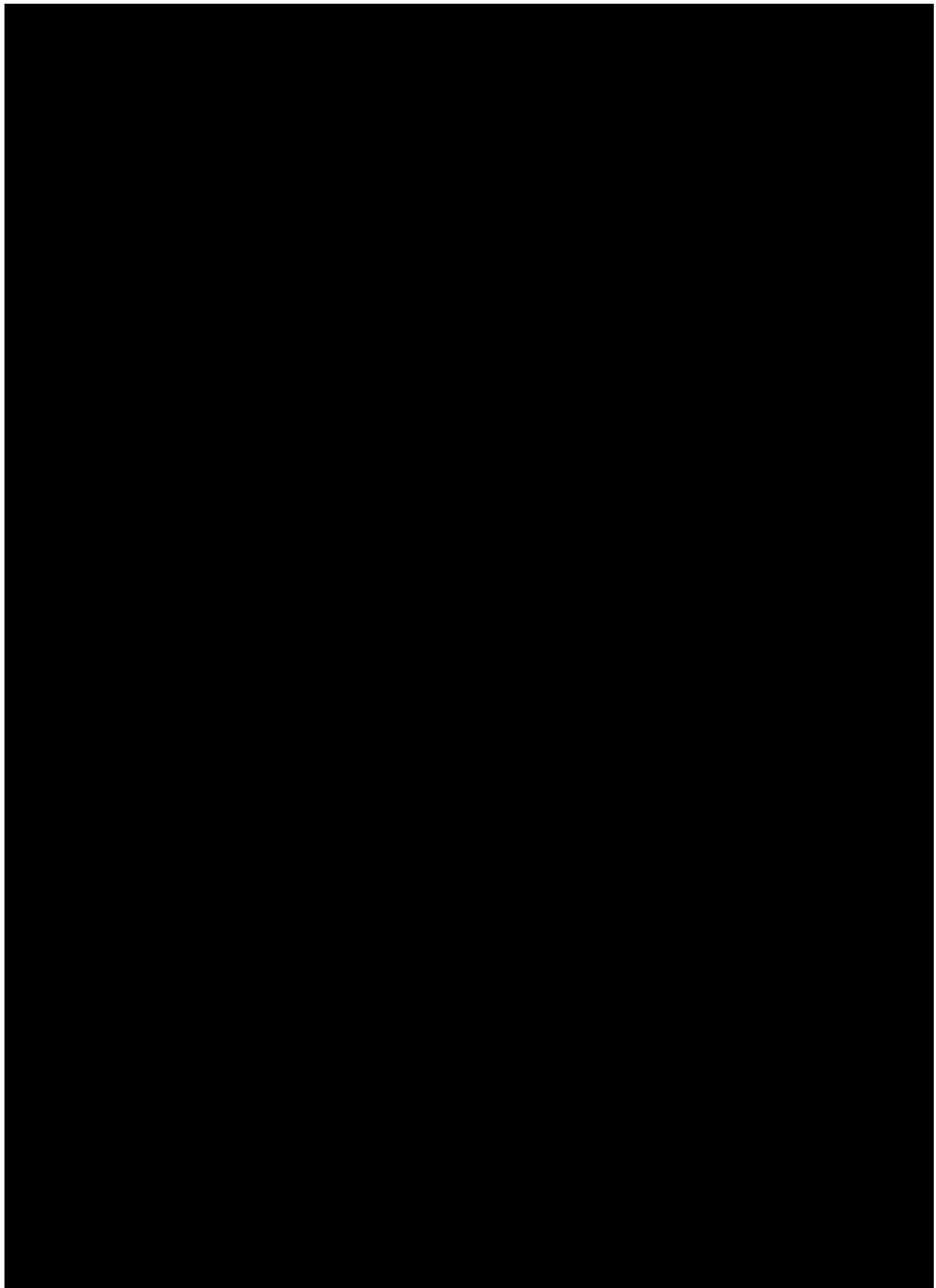
– Vamos para a Colônia?

– Sim, podemos ir.

– Venha, vamos embora!

Emocionados, saímos daquele encontro de luz. Pude ver naquele centro espírita que o espiritismo é realmente a melhor ferramenta de Deus para auxiliar Seus filhos. Pude ver o amor em sua essência. Vi espíritos de luz socorrendo almas sofridas sem nada pedir em troca. Vi ali, naquele dia, o verdadeiro propósito dos espíritos. Agradei a Deus por esse dia, o dia que marcou essa minha encarnação para sempre.

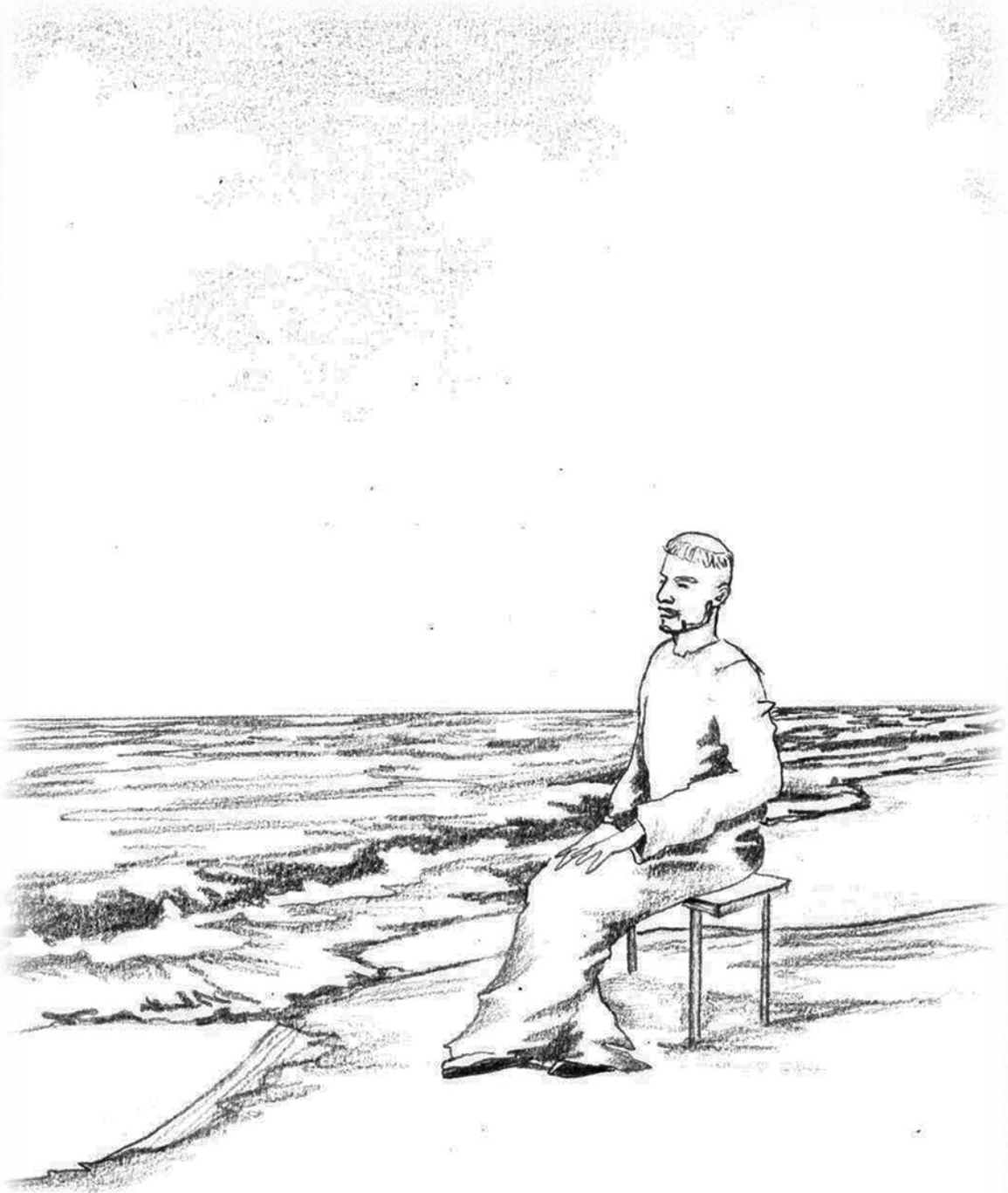




“Deus está nas pequenas coisas: no canto dos pássaros, na ingenuidade de uma criança, no desabrochar de uma flor e dentro dos corações simples e sinceros.”

Osmaiz Barbosa

Entrevista com Espíritos



O Infinito sou eu

Após aquela experiência, fiquei ansioso pelo novo encontro, o que demorou poucos dias. Na verdade, fiquei algumas noites sem dormir, impressionado com tudo o que estava acontecendo na psicografia deste livro. E após alguns dias senti a presença dos espíritos amigos, e logo Daniel novamente se aproximou de mim.

– Olá, Osmar!

– Oi, Daniel, que surpresa agradável!

– Como você está?

– Eu estava muito ansioso por este encontro. Afinal, há vários dias que vocês não me procuram.

– Eu estava um pouco ocupado por esses dias, Osmar.

– É, eu imaginei. Eu disse para mim mesmo: “na hora certa eles vão me procurar”.

– Vamos conversar um pouco sobre tudo o que você pôde experimentar?

– Sim, claro, vamos!

– Se você não se importa, eu gostaria de lhe convidar para irmos juntos a um lugar diferente.

– Com você vou para qualquer lugar, meu amigo! Tenha certeza disso.

– Que bom! Obrigado! Então venha! Feche os olhos!

Prontamente obedeci às instruções do mentor.

Chegamos a uma praia muito bonita e deserta. Parecia uma ilha. Estávamos sozinhos, eu e Daniel.

– Vamos nos sentar? – convidou o amigo.

– Sim – obedeci sentando-me ao lado dele em um banco de areia que nos privilegiava a mais bela vista das ondas que quebravam silenciosamente na beira da praia.

A água era cristalina e azul.

– Que lugar lindo esse, Daniel!

– Estamos em uma ilha!

– É, eu percebi que é uma ilha.

– Você gostou?

– Muito! Essa ilha é espiritual ou existe no mundo material?

– Estamos em uma ilha na América do Norte.

– Nunca estive neste lugar.

– Já estive sim, é que você não se lembra.

– Eu já estive aqui?

– Sim, em sua penúltima encarnação.

– Que legal!

– E foi por isso que eu lhe trouxe até aqui.

– Ai meu Deus! – comecei a me assustar.

– Fique calmo. Eu trouxe você até aqui, porque quero lhe passar mais alguns ensinamentos.

- Estes ensinamentos se referem à minha encarnação passada?
- Não. Mas estando você aqui, no lugar de que mais gostava, facilita-me lhe acalmar e auxilia a compreender os ensinamentos que vou lhe passar.
- Que bom, Daniel! Eu estava ficando meio assustado! Antes de você começar, você me permite fazer-lhe uma pergunta?
- Sim, claro!
- Eu gostaria de saber notícias de meus pais.
- Eu já esperava por isso.
- É que quando estive naquele centro, onde se entregavam as cartinhas, me bateu uma saudade enorme dos meus pais e dos meus avós.
- Sua mãe está em uma colônia chamada Amor ao Próximo; ela é auxiliar na enfermaria desta colônia.
- Seu pai seguiu junto com os pais dele para a colônia Nosso Lar onde você já esteve algumas vezes.
- E por que ele não apareceu para mim?
- Na hora certa você os encontrará.
- Eles estão bem?
- Sim, todos estão aqui, evoluindo.
- Não posso vê-los?
- Só quando você desencarnar.
- Por que?
- Porque mesmo você nos auxiliando, sendo o transmissor desses ensinamentos, isso não lhe qualifica para furar a fila que existe aqui.
- *Uma fila*, como assim?

– Tudo tem o tempo certo. Tudo aqui é muito organizado. Quando você deixar a vida terrena, eu lhe prometo levá-lo pessoalmente para encontrar-se com seus avós, e com os seus pais, e de quebra com todos os seus últimos familiares desta encarnação.

– Perdoe-me as perguntas, Daniel.

– Não tens que ficar pedindo perdão, nós compreendemos sua ansiedade. Podemos prosseguir?

– Sim, claro!

– O que você achou de tudo o que lhe mostramos até aqui?

– Ah, Daniel! Fiquei meio assustado com os primeiros centros que visitamos, mas sabiamente vocês foram me conduzindo para compreender o que devemos fazer e o que não devemos fazer.

– Em sua opinião, o que vocês, médiuns, devem fazer?

– Devemos, primeiramente, estudar; depois, compreender que somos espíritos devedores e que não temos nenhuma qualidade que nos diferencia das demais criaturas.

– Muito bem, e o que mais?

– Devemos ser vigilantes, questionadores e não podemos nos deixar ser levados pela vaidade e por outros sentimentos que possam atrapalhar nossa evolução. E devemos colocar a humildade acima de tudo, de todas as coisas e de todas as atitudes.

– Muito bem! E o que você achou dos espíritos que lhe apresentamos?

– Daniel, que a maioria das casas espíritas está sendo administrada por kumbas e eguns, isso ficou bem claro para mim. Estou muito preocupado com isso. Afinal, qual será o fim dessa história? Os kumbas e eguns continuarão a dominar os centros espíritas?

Daniel permaneceu calado.

– Isso realmente me preocupa muito – prossegui.

– Quem deu força aos kiumbas e eguns foram os pseudomédiuns e pseudoespíritas. Eles sempre existiram e sempre existirão. Mas me deixe lhe explicar uma coisa:

– Sim, pode falar.

– Embora não pareça, a humanidade está caminhando para a evolução. Hoje, há mais de sete bilhões de espíritos encarnados na Terra. Estamos atravessando um período em que milhões de espíritos serão exilados. Sendo assim, espíritos ignorantes, mentirosos, caluniadores e homicidas, espíritos que tiveram centenas de oportunidades e que deixaram de lado tudo aquilo que pudesse lhes auxiliar na evolução, deixarão a Terra. Assim, todas as religiões do planeta passarão por uma reforma. Todos que não aproveitaram, ou se deixaram levar por sentimentos ruins, terão uma nova oportunidade em outro planeta, outra galáxia, outra dimensão. Assim, você e tantos outros espíritos que trabalham no bem poderão ver uma melhora acentuada dentro dos templos, igrejas, assembleias, sinagogas, centros espíritas e tudo mais. Pois não é só nos centros espíritas que os maus espíritos estão perturbando.

– Eu não tinha pensado desta forma!

– Mas Ele pensou!

– Quer dizer que esses kiumbas e eguns serão exilados?

– Certamente, assim como os médiuns que se comprazem com essas entidades. Na verdade, os pseudomédiuns e sensitivos que insistem em servir a esses espíritos e que tiveram a oportunidade de conhecer o verdadeiro espiritismo, mas devido às suas imperfeições e ignorância e má inclinação, insistiram em alimentar seus egos e erros.

Allan Kardec não codificou o espiritismo para atender aos anseios das elites, ele codificou a religião de todas as religiões. Todas as religiões estão estudando o espiritismo. Mas o conforto das riquezas adquiridas em nome de Deus as impede de aceitar e promover as transformações necessárias. Sendo assim, esses espíritos serão exilados, restando aqui espíritos bons que se comprazem no serviço do bem. Você se lembra da parábola do joio e do trigo?

– Sim, Daniel.

– Pois bem, é chegado esse momento, como já lhe explicamos.

– Quer dizer então que ainda há esperança para os centros espíritas?

– Sem dúvida! Mesmo porque não são todos os centros espíritas que se encontram nessa situação. Logo que estes espíritos saírem daqui os bons espíritos assumirão a missão de levar adiante os ensinamentos do Cristo Jesus por meio do espiritismo.

– Eu fico muito feliz em saber de tudo disso!

– Anime-se, meu amigo! Diga-me, do que mais você gostou nesta sua experiência?

– Das cirurgias espirituais. Fiquei encantado com o que vi e senti. E das cartas consoladoras.

– Você ficou emocionado e feliz?

– Muito, nossa! Ver aqueles espíritos de luz auxiliando pessoas doentes me encheu de esperança.

– Viu, nem tudo está perdido!

– É, nem tudo está perdido mesmo!

– Olha quem vem aí! – disse Daniel, apontando para a praia.

– É Ventania?

– Sim, é ele!

– E quem é aquela moça que vem ao lado dele?

– Ela se chama Lua Vermelha.

– Eu a conheço.

– Ela é o grande amor da vida dele.

– Ah, sim! Eu a conheci na psicografia do livro *O Guardiã da Luz*. Daniel, o amor que sentimos por alguém na Terra continua aqui?

– O amor é a única coisa que nós, espíritos, levamos para a eternidade, Osmar.

Ventania e Lua Vermelha caminham de mãos dadas em nossa direção. E logo que chegam, eu e Daniel nos colocamos de pé para cumprimentá-los.

– Olá, Ventania!

– Olá, meu amigo!

– Oi, Lua Vermelha! – eu disse, estendendo-lhe a mão direita.

– Oi, Osmar, Ventania me contou das experiências que vocês tiveram juntos. Você gostou? – disse a linda Cabocla.

– Sim, foi muito bom visitar vários centros espíritas ao lado dele.

– Olá, Daniel! – disse a índia.

– Olá, Ventania! Olá, Lua Vermelha!

Lua Vermelha aparenta ter uns dezoito anos. Ela é muito bonita. Seus cabelos negros revoavam sobre seu belo rosto, iluminado por seu sorriso branco. Naquele encontro eu pude observar melhor aquela linda mulher. Delicadamente ela os tirava para lhe liberar a visão. Ela e Ventania estavam vestidos como índios.

– Então, Daniel, podemos levar o Osmar para a última visita? – perguntou Lua Vermelha.

– Estávamos aqui esperando por vocês – disse Daniel.

– Visita aonde? – perguntei.

– Vamos levar você para conhecer um lugar muito especial aqui na vida espiritual.

– E onde é? – perguntei.

– Vamos levar você para conhecer nossa casa – disse Lua Vermelha.

– E onde é? – insisti.

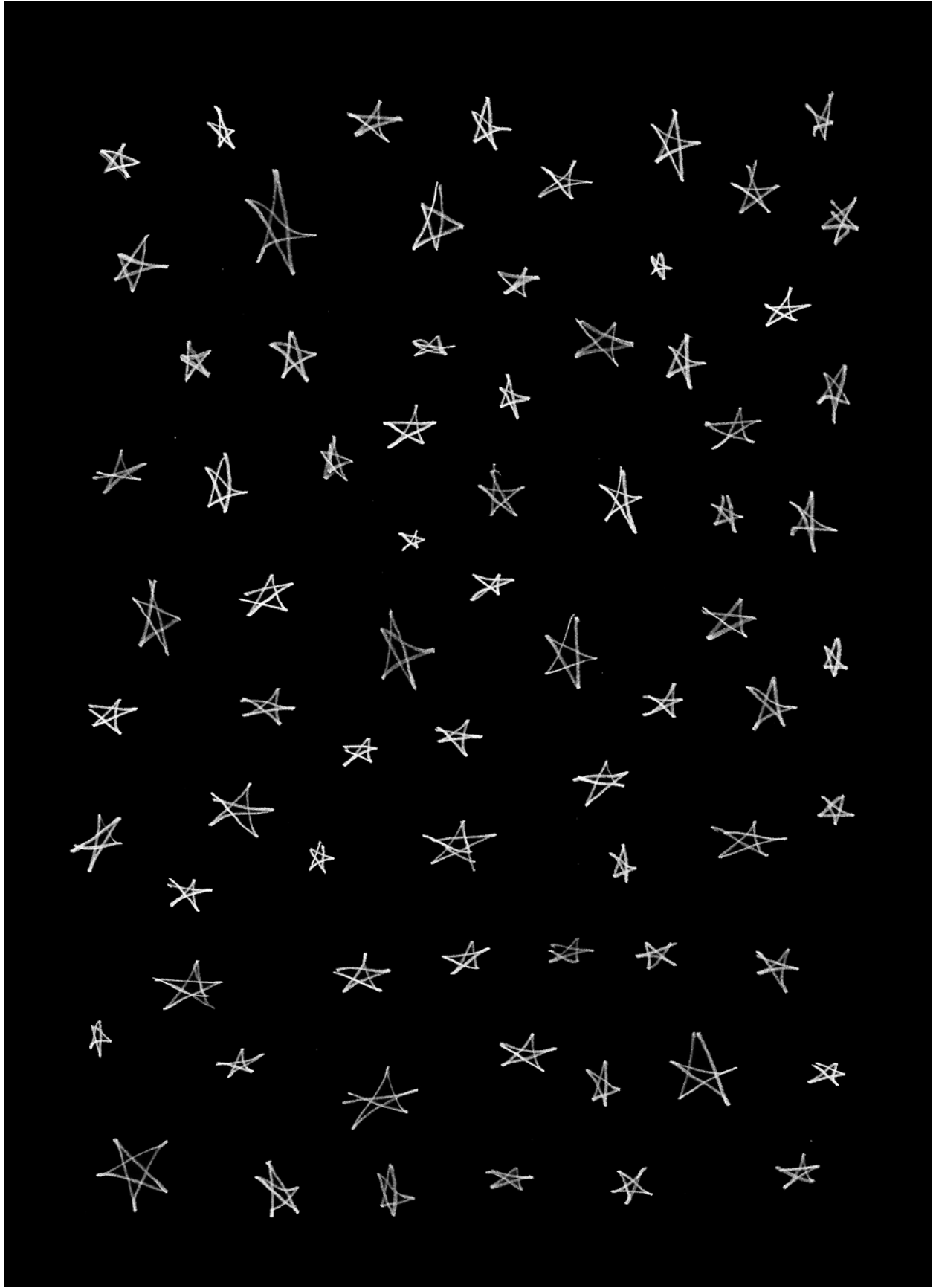
– Em Aruanda – disse Daniel.

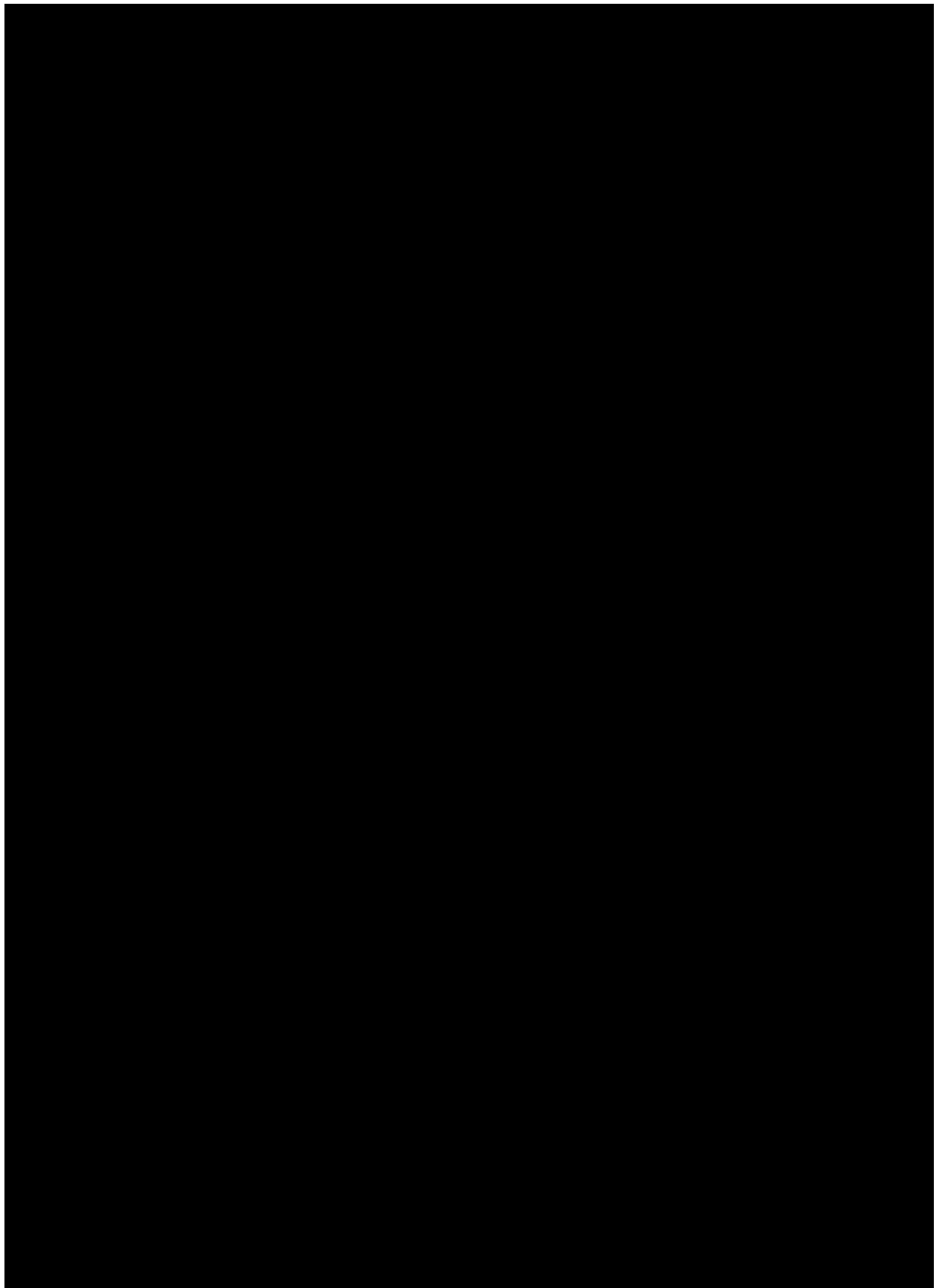
– Meu Deus, obrigado, Daniel! Obrigado mesmo!

– Vá, Lua Vermelha, leve-o para conhecer Aruanda!

Eu, Ventania e Lua Vermelha começamos a caminhar na areia em direção a uma densa mata que começava no fim da praia.

Enquanto caminhávamos, eu pude olhar para trás e ver que Daniel permanecia sentado olhando para o mar. Olhei para ele e novamente agradei. E pareceu-me que ele ouviu o meu agradecimento, pois olhou para nós e sorriu-me, acenando com a mão direita.





“Colônias espirituais são cidades preparadas para nos receber. É lá que viveremos a nossa eternidade.”

Osmar Barbosa



Aruanda

Após caminhar por algum tempo conversando, chegamos finalmente a uma clareira dentro da mata. Eu pude ver à minha esquerda uma enorme cachoeira que saía de dentro de um túnel de pedra. Havia vários espíritos passeando pelo lugar, alguns estavam sentados conversando. Crianças corriam brincando umas com as outras. Pude observar meninos vestidos de índio brincando com outros meninos e meninas que não estavam vestidas de índio. Parecia uma aldeia com vários prédios construídos lado a lado formando um grande círculo. Eram prédios antigos, e as janelas de madeira eram pintadas de cores diferentes, o que alegrava muito o lugar. Todos os prédios tinham três andares, só um ao centro tinha seis andares. Curioso, perguntei a Lua Vermelha sobre aquele tipo de construção.

– Que lugar lindo esse aqui, hein, Lua Vermelha!

– Essa é nossa colônia, nós a chamamos carinhosamente de Aruanda – disse a jovem, orgulhosa.

– Por que ela foi construída desta forma?

– Que forma?

– Esta forma circular.

– Ah, é que Aruanda é uma das mais antigas colônias espirituais. Naquela época as colônias tinham esse formato. Na verdade, a intenção era e

é de proteção aos espíritos que aqui trabalham.

– Interessante! Vocês precisam de proteção aqui?

– Em todos os lugares nós, espíritos, precisamos de proteção. Explique melhor para ele, Ventania, por favor!

– Sim, eu explico. Em todas as colônias espirituais existe uma cerca protetora energética; ela é fluídica, como você já pôde ver em Amor e Caridade. Isso é necessário para que espíritos de baixa vibração não se atrevam a adentrar as colônias; como você pode ver aqui, há crianças, e elas e os demais espíritos que trabalham aqui precisam de proteção.

– Como é que vocês fazem isso?

– O que, a cerca?

– Sim, a cerca!

– É uma condensação fluídica feita por espíritos superiores, eu já lhe expliquei isso em Amor e Caridade.

– É uma cerca energética – completou Lua Vermelha.

– Isso é mesmo necessário? Perdoe-me, mas vocês normalmente são os espíritos que guardam os centros espíritos.

– Osmar, as legiões malignas tentam a todo tempo atrapalhar o nosso trabalho. O bem sempre será atacado pelo mal.

– Olha, eu não compreendo muito bem isso, mas respeito. Pensando bem, é como os muros de Amor e Caridade.

– Sim, só que a nossa proteção não é um muro e sim uma cerca. Ela é feita do mesmo elemento usado para fazer os muros de Amor e Caridade. E como você já sabe, ela foi feita por espíritos de ordem superior, pois só eles são detentores da fórmula que condensa esses fluidos.

– Osmar, desde que o mundo é mundo o bem e o mal vêm disputando almas. Lembre-se de que nem Jesus escapou da tentação.

– Sim, isso é verdade! Eu só não entendo como eles conseguem chegar até aqui para atacá-los.

– Se eles foram até o deserto onde Jesus estava jejuando por quarenta dias, por que então não seriam capazes de tentarem contra as colônias espirituais?

– Eu não tinha pensado assim.

– O mal sempre existiu. E quando ele se organiza, tem poderes que até mesmo os mais iluminados não conseguem compreender. Por isso todas as colônias espirituais têm muros, ou cercas fluídicas protetoras; há colônias que estão no meio de outras colônias só para estarem seguras. Tudo depende do trabalho que a colônia realiza.

– Nossa, como eu ainda tenho coisas para aprender por aqui!

– Pois é, existem muitos mistérios nos planos espirituais! Como já lhe alertamos.

– Planos?

– Sim, há vários planos.

– Meu Deus! – disse-lhes.

– Venha, vamos até a Arena Central; quero lhe mostrar uma coisa – disse Lua Vermelha.

– Arena central... O que será isso?!

– Venha, não questione – disse-me Ventania.

Havia, na parte central dos prédios, uma arena como aquelas arenas antigas de Roma, onde os gladiadores lutavam. Tudo era muito antigo, mas bem conservado e bonito. As paredes eram amarelas num tom bem clarinho.

Havia desenhos feitos em barro, fixados na entrada dos túneis que davam acesso às arquibancadas. Eram carrancas coloridas.

Entramos e nos sentamos. Centenas de outros espíritos estavam ali esperando pelo acontecimento daquela tarde. Havia todos os tipos de espíritos: ciganos, pretos velhos, pretas velhas, boiadeiros, índios, cangaceiros, enfim, milhares de espíritos sentados conversando uns com os outros. Pude observar que todos eram entidades que trabalham em centros de umbanda e candomblé. Alguns índios tinham arco e flecha nas mãos, outros tinham uma lança. Boiadeiros tinham chicotes presos à cintura. Todos usavam botas e roupas típicas de quem vive pelos campos. Eles usavam chapéu. As índias usavam cocares coloridos na cabeça e saias bem curtas, feitas com penas coloridas. Todos esperavam por algum acontecimento.

– Que lugar bonito esse aqui, Ventania!

– Sim, é daqui que partimos para os trabalhos nos centros espíritas sérios. Veja, todos esses espíritos são voluntários para o trabalho terreno.

– É aqui que vocês se organizam para as sessões nas casas espíritas?

– Sim, exatamente daqui que partem os espíritos para as sessões nas casas espíritas – disse Lua Vermelha.

– Olhem, já vai começar – disse Ventania, se levantando.

Um grande portão azul se abre, e de lá sai um rapaz novo, e outro rapaz que reconheci de pronto. O primeiro rapaz era alto, vestindo uma roupa toda branca. Todos aplaudem a entrada do jovem.

– Quem é aquele rapaz ao lado de Bará, Lua Vermelha?

– Ele é Ogum.

– Caramba, ele é jovem assim? É o mesmo soldado que vi naquele centro, agora eu me lembro.

– Sim, é ele. E ele é o Orixá mais novo. A seu lado está Bará – disse a jovem índia.

Nove portões se abrem, e deles saem tronos feitos de madeira muito especial. Todos os tronos eram brancos e adornados com pedras preciosas. Havia desenhos dourados e prateados.

Após os tronos entrarem na arena e serem posicionados em círculo, todos os Orixás aparecem e se sentam cada um em seu respectivo trono. Oxum, Oxalá, Iemanjá, Xangô todos estavam ali. Parecia que aconteceria uma reunião muito importante. Era algo festivo que demorei a entender. Confesso, estou sem entender até hoje.

– Você está confuso?

– Muito! Imagina ver esses orixás assim! É algo inimaginável e inacreditável.

– Esse encontro é realizado toda vez que muda a fase da Lua. Em cada período lunar nos encontramos com os Orixás para receber deles os ensinamentos e orientações necessários para os trabalhos que iremos realizar durante esse período nas casas espíritas. Tudo é alquimia, lembra-se? Alquimia se passa de geração para geração. Todos os elementos da natureza precisam estar conectados para que a harmonia seja feita. Se determinada energia regida, por exemplo, por Iemanjá, não estiver em conformidade com a energia de Oxum, os encarnados sofrerão consequências climáticas terríveis. Os Orixás são profundos conhecedores da alquimia terrena, eles condensam os fluidos do Sol, da Lua, da água, do ar, do fogo; enfim, de todos os elementos necessários à vida na Terra. São eles os responsáveis pelos terremotos, pelas chuvas, pelo vento e tudo o que pode afetar a vida. Por isso eles precisam estar harmonizados. Claro, todos eles seguem as orientações de Jesus, que é o governador espiritual da Terra.

– E Jesus segue as ordens de quem?

– De Deus, nosso pai, é claro! – disse Lua Vermelha.

– Quer dizer que tudo o que se fala sobre os poderes dos orixás é verdadeiro?

– Sim, todos nós temos poderes; você ainda não se tocou de seus poderes? Mas um dia você vai redescobri-los, ou melhor, lembrá-los.

– Que poder é esse que eu ainda não descobri?

– Esse véu, que lhe cobre as lembranças, você vai perder quando desencarnar. Quando você readquirir a sua forma original, você vai se lembrar de que tem muitos poderes.

– Como assim?

– Você acha mesmo que quando desencarnar vai poder contar tudo o que se passa aqui para os encarnados? Veja só, estou falando que você tem poderes e você está duvidando de si mesmo. Imagine se eu lhe disser que você é capaz de transformar muitas coisas. Todos os espíritos são aprendizes da alquimia da vida. Por meio das múltiplas encarnações você vai adquirindo conhecimentos que serão só seus. Logo, quando você desencarna tudo lhe é lembrado, e assim você retoma a sua condição atual.

– É melhor eu deixar esse aprendizado para quando eu desencarnar. Minha mente é incapaz de compreender o que você está querendo me dizer.

– É por isso que não podemos contar tudo. E é por isso que a maioria das almas que desencarnam demoram a se comunicarem com os que ficam encarnados. Você é filho do Deus que criou todas as coisas. Ele não seria Deus se você não tivesse a oportunidade de ser como Ele. Portanto, todos os filhos de Deus têm poderes. Esses poderes lhe serão acrescentados à medida que você se tornar um espírito perfeito. Esses Orixás que você está vendo aí embaixo são espíritos muito antigos, que por meio das transformações que fizeram dentro de si lhes foram acrescentados conhecimentos que ainda estamos longe de compreender. São Deuses, Osmar!

– Caramba, Ventania, eu não tinha pensado assim!

– Pois é. O problema não são os Orixás, mas quem os cultua.

– Por que?

– Porque quem os cultua está totalmente equivocado com a forma certa como se devem cultuar esses espíritos.

– E qual é a forma certa de cultuá-los?

– Seja inteligente. Se o espírito é um Orixá, é porque ele evoluiu; e se ele é um espírito evoluído, porque será que ele precisa de cigarro, bebida e comida? Faz sentido um espírito de luz querer isso? Faz sentido fazer sacrifício, seja qual for, para um espírito de luz? Se tem luz, porque precisa de velas?

– É verdade, Ventania. Mas porque isso acontece?

– Porque o médium está com vontade de comer. Porque o médium está com vontade de fumar e beber. Ele quer é chamar a atenção para si próprio. Porque o médium acha que tem que fazer cara feia para intimidar os consulentes. Porque o médium acha que tem que fazer sacrifício para amedrontar, só por isso. O problema sempre é o pseudomédium e não o espírito. Espíritos de luz conseguiram sua luz por meio de muito sacrifício interior, muita reforma íntima, muito sofrimento da alma e centenas de encarnações que foram necessárias para a transformação moral do espírito. Só se consegue luz quando se transforma a alma.

– É. Vocês já me falaram sobre isso. Mas como é que as pessoas ainda não enxergaram essa realidade?

– Elas já enxergaram, já viram que tudo isso é desnecessário. Tanto é que elas sempre abandonam a religião no meio do caminho, suas frustrações as levam a desistir da casa espírita. Fazem tudo errado, e quem leva a culpa

é o Orixá. Só permanecem no espiritismo espíritos missionários desprendidos desse comércio que virou a casa espírita.

– Você pode nos orientar sobre o que fazer para melhorar o espiritismo?

– Lua Vermelha vai lhe passar um lindo ensinamento.

Então a linda cabocla começa a falar:

– O que vocês precisam urgentemente nos centros espíritas são menos festas e mais tarefas assistencialistas, mais ajuda aos necessitados. Vocês precisam de menos cargos e mais união. Menos imposições e mais simplicidade, comportamento e respeito. Vocês precisam de menos cursos e mais estudos doutrinários. Menos tratamentos espirituais e mais evangelização. Menos brilho e mais iluminação. Menos mestres disso ou daquilo e mais aprendizes. Menos cargos e mais trabalhadores. Menos formulários e mais apertos de mão. Menos sessões de passes e mais simples imposição de mãos. Menos *glamour* e mais reflexões. Menos apostilas e mais evangelho. Menos gente rica e mais gente do povo. Menos estrelismo e mais anonimato. Menos regulamentos internos e mais exemplos de mansidão. Menos sessões de desobsessão e mais vigilância em suas próprias ações. Vocês precisam de menos religião e mais religiosidade e muita disciplina. Disciplina Osmar!

– Nossa, Lua Vermelha, que lindo! Obrigado pelo ensinamento.

– Obrigada, mas o maior ensinamento que posso lhe passar é que o centro espírita e o espiritismo são e serão sempre o que os homens fizerem deles.

– Nisso concordo plenamente com você, Lua Vermelha; quem faz a casa espírita é quem dentro dela está.

Nesse momento todos os espíritos começaram a cantar uma linda canção.

Foi no Oriente onde tudo começou

No Ocidente vamos todos trabalhar

Ajudar ao Criador

Da criatura, nós vamos cuidar

Maria, a mãe do Senhor,

Sobre seu olhar iremos iluminar

Corações que buscam sua luz

Almas que precisam evoluir

Iremos com fé e esperança

Mais uma jornada vai começar

Pai, Filho, Espírito Santo

Venha nos iluminar

Pai, Filho, Espírito Santo

Venha nos iluminar...

Assim, um a um, cada Orixá foi deixando o lugar ao som dessa linda canção que todos de pé cantavam, e ritimavam batendo palmas.

Após o término da reunião, voltamos a caminhar por Aruanda. Eu estava novamente muito impressionado e muitíssimo emocionado com tudo o que Ventania e Lua Vermelha me mostraram naquele dia.

– Venha, Osmar, quero lhe apresentar minha mãe – disse Ventania.

Caminhamos até uma pequena aldeia de índios que havia um pouco afastada do lugar.

Havia sete ocas. No centro, uma grande oca era a principal; ali ficavam os índios mais velhos e mais experientes.

Chegamos à porta, eu não pude entrar. Ventania me pediu para esperar do lado de fora.

Logo ele aparece, e ao seu lado uma linda índia de aproximadamente trinta anos.

– Mãe, esse é o Osmar!

– Olá, Osmar, como vai? – disse a índia estendendo-me a mão direita para me cumprimentar.

– Eu vou bem, e a senhora?

– Muito bem, obrigada!

– Essa é Jurema, minha mãe, Osmar!

– É com muito prazer que conheço a senhora. Eu me lembro da senhora no livro que escrevi sobre a história de *Ventania*.

– Seja bem-vindo a Aruanda, rapaz!

– Obrigado!

– Você gostou de tudo o que viu por aqui?

– Sim. Aruanda é um lugar muito bonito.

– Minha mãe é mãe de muitos índios, Osmar.

– Sim, na umbanda cultua-se Jurema como mãe de vários índios.

– Eu tenho alguns filhos, sim. Eles são trabalhadores, e isso me deixa muito feliz. Quando voltar, não se esqueça de contar a todos tudo o que você viu em Aruanda; são poucas as informações de nossa colônia que os encarnados têm, por isso é que você foi trazido aqui. Agora, Ventania, leve-o para conhecer toda a colônia.

– Pode deixar, Jurema, eu lhe prometo que vou escrever tudo o que estou vendo aqui.

– Obrigada, rapaz! – disse Jurema me cumprimentando e voltando para dentro da grande oca.

– Venha, vamos passear! – me convidou Ventania.

Caminhamos até a cachoeira onde algumas crianças tomavam banho. Ali, pude ver vários erês que me cumprimentaram e continuavam a brincar. Eram meninos e meninas que trabalham na vibração de Oxum.

– Lindas essas crianças, Ventania!

– Lindas e poderosas!

– São bons alquimistas? – disse Lua Vermelha.

– Os melhores – disse o caboclo. – Venha, vamos – disse ele.

Chegamos a um lindo campo onde rapazes e senhores tocavam uma grande boiada.

– Quem são esses?

– São espíritos de boiadeiros.

– E o que eles estão fazendo tocando essa boiada?

– Na verdade, essa é uma boiada modificada.

– Como assim?

– Os boiadeiros são excelentes trabalhadores quando o assunto é kiumbas e eguns.

– Aqueles bois são kiumbas?

– Mais ou menos isso. Infelizmente não posso lhe explicar como isso acontece. Você não entenderia.

– Sem problemas – disse-lhe.

– Mas saiba que há kiumbas e eguns entre esses bois e vacas.

– Não quero nem pensar como eles fizeram isso!

– Você não entenderia. – disse Lua Vermelha.

– Olhe as matas – disse Ventania após chegarmos a uma pequena montanha que nos permitia ver uma planície e do lado direito uma densa mata.

– Nossa, que linda vista!

– As planícies são o lugar de onde tiramos os conhecimentos necessários à desobsessão nos centros espíritas; é para cá que normalmente trazemos espíritos rebeldes e os soltamos aí. A mata fechada é de onde tiramos as folhas, as ervas, e muito mais, e ainda é das cascas de árvores e do ectoplasma que existe em abundância, que fazemos os encantos e as curas.

– Tudo o que vocês utilizam nas casas espíritas é levado daqui?

– Sim.

Cavalos selvagens começaram a galopar na planície deserta.

– Olha que lindo, Ventania! – disse Lua Vermelha.

– Sim, meu amor, são lindos os nossos cavalos!

– Tudo aqui foi plasmado por vocês, Ventania?

– Quase tudo!

– Quem os ajudou a criar um lugar tão mágico assim?

– Olorum, o Orixá da criação.

– Que legal! Olorum criou tudo isso para ajudar vocês?

– Sim, é isso mesmo. Tudo foi criado para a evolução dos espíritos. As colônias, os planetas, os universos, as galáxias, enfim, tudo já havia sido criado antes de o espírito existir – disse Lua Vermelha.

– Que legal!

– Venha, vamos levá-lo de volta!

– Eu já vou embora?

– Sim, você já viu o bastante.

– Se é de seu desejo, vamos embora!

Caminhamos até a rua principal da colônia onde Lua Vermelha se despediu de mim.

– Olha, foi muito bom ter você aqui – disse a índia.

– Eu é que agradeço essa oportunidade de aprender tanto assim com vocês.

– Não se esqueça de nenhum detalhe de nossa colônia. Divulgue Aruanda para todos conhecerem o nosso lugar.

– Pode deixar, Lua Vermelha!

Após abraçá-la, começamos a caminhar em direção à praia que me levou até ali.

– Ventania, quando eu estava na praia com Daniel ele me disse que estávamos em uma ilha na América do Norte; Aruanda fica no mesmo lugar?

– Não, Aruanda está sobre a América do Sul, mais precisamente sobre o estado do Amazonas.

– Eu desconfiei.

– Por que?

– Porque não fazia sentido. Porque então Daniel me levou para aquela ilha naquele continente?

– Essa pergunta você deve fazer a ele.

– Mas eu não vou estar com ele, vou?

– Vocês estão ligados por muitas encarnações; aliás, nós estamos ligados por muitas encarnações. Não lhe faltará oportunidade para saber sobre isso e muitas outras coisas que nos ligaram até aqui.

– Isso é o que me mata – disse-lhe.

– O que mata você?

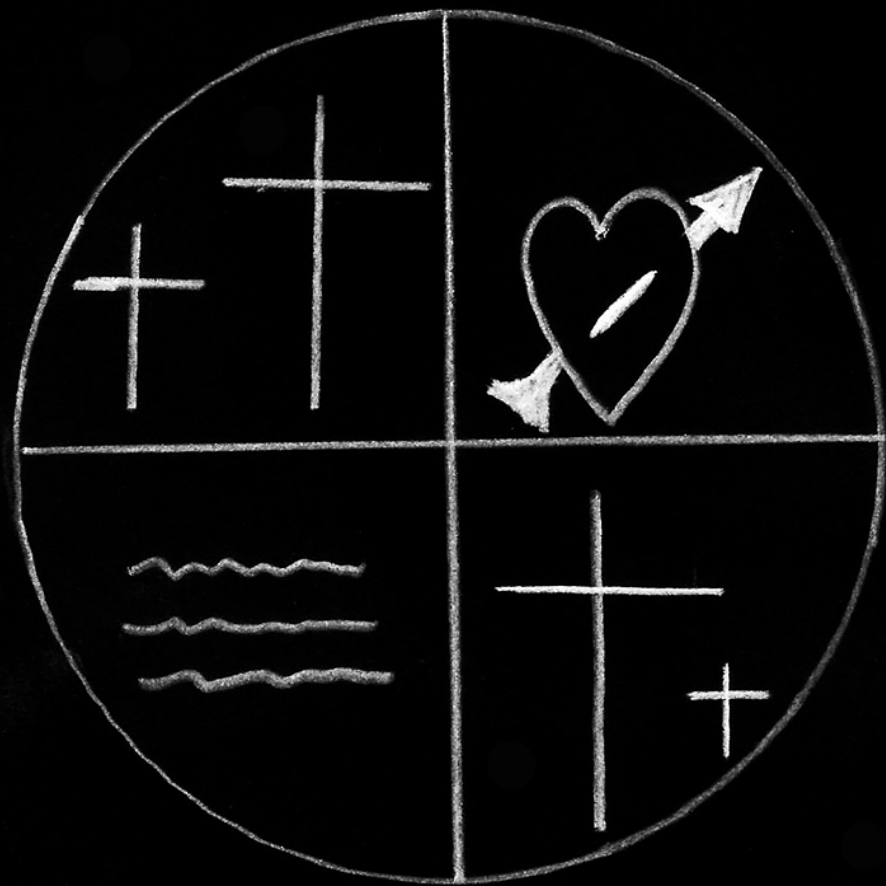
– Esses segredos!

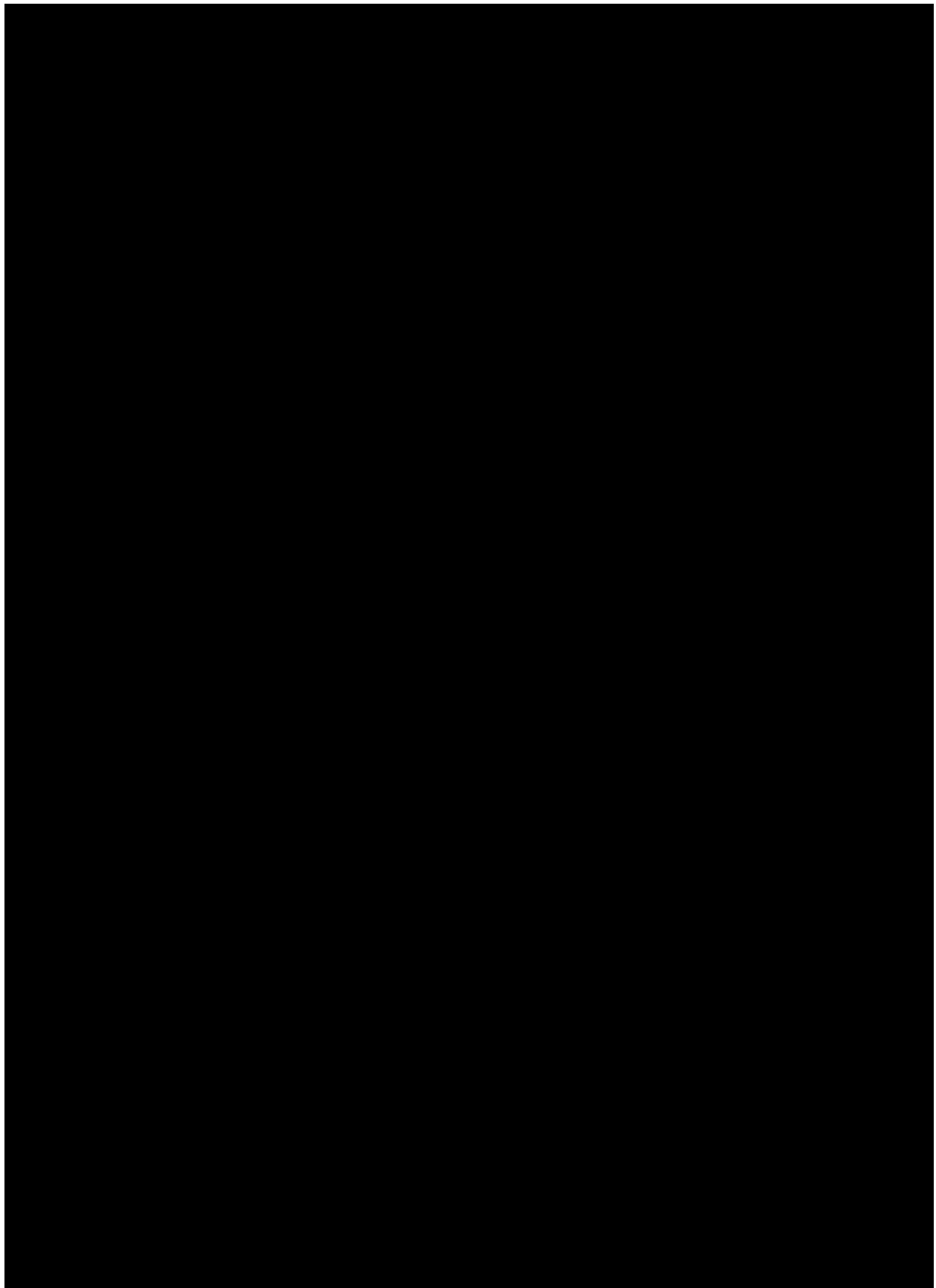
Ventania sorria enquanto caminhávamos deixando nossas pegadas na areia daquela linda praia,naquele lindo dia e naquele lindo lugar, chamado Aruanda. Percebi que nunca caminhei sozinho pela minha jornada espiritual. Saber que as pegadas do caboclo Ventania sempre estarão ao lado das minhas pegadas me deixa muito feliz.

Saber que estou no caminho certo me deixa feliz. Mas o que mais me deixa sereno é saber que um dia eu estarei na Colônia Espiritual Amor e Caridade ao lado desses que são os meus melhores amigos. Espero que você, amigo leitor, encontre seu caminho nas linhas deste livro.

Feliz vida mediúnica para você!

Fim





“Ser médium é exercer o mais lindo ensinamento permitido por Deus.”

Osmaiz Barbosa

Carta aberta

Sou um simples trabalhador do espiritismo. Realmente o que infelizmente estamos vendo nos dias de hoje, são centros espíritas abertos como comércios, onde tudo se negocia. Pessoas despreparadas e sem nenhum pudor ou temor e muito menos, conhecimento do espiritismo, dos espíritos, dos orixás e seus fundamentos. Dizem-se pais ou mães de santo, alugam casas ou terrenos e constroem centros espíritas sem nenhum preparo espiritual, sem nenhuma firmeza espiritual ou até mesmo sem nenhum conhecimento espiritual. Pessoas que após lerem alguns livros já se acham preparadas para essa relação, espírito-matéria, matéria-espírito.

Invocar espíritos requer conhecimento, dedicação, respeito e amor. Quando você convida um espírito para se relacionar com você, para trocar informações com você, na verdade você corre o risco de ele não querer ir mais embora de sua vida. E dependendo do espírito que você invocou sem o conhecimento necessário, ele pode arruinar a vida de quem não tem o conhecimento necessário para esta relação. Muito cuidado com o que você anda fazendo. E é o que mais vemos hoje em dia.

Muitas casas espíritas se dizem melhores do que as outras, mas ninguém que se diga cristão ou espírita tem poderes para este juízo. Quem julga será julgado, quem atira uma pedra receberá um pedregulho. Se uma entidade se

predispõe a julgar esse ou aquele dirigente espírita, ou essa ou aquela casa espírita, ela é quem precisa de ajuda.

Espíritos são como nós. A única diferença é que estão em outra vibração, em outra dimensão. E merecem todo o nosso respeito e admiração.

Este livro não tem a pretensão de ensinar nada a ninguém e muito menos apontar para esse ou aquele centro espírita ou denominação religiosa. Este livro só tem um objetivo: informar, esclarecer, elucidar e iluminar.

Este livro foi escrito em poucos dias. Foram dias que fiquei trancado em uma sala desdobrado, andando ao lado do caboclo Ventania e demais espíritos que você vê nesta psicografia. Eles me mostraram tudo o que está escrito aqui. São espíritos que me acompanham desde que eu descobri o espiritismo, e isso tem aproximadamente quarenta anos. Entidades amigas e sinceras. Você não é obrigado a acreditar no que escrevi, mas o risco do acerto ou erro, é todo seu.

Meu respeito e minhas sinceras desculpas se alguma linha, parágrafo ou frase deste livro não for de total entendimento ao leitor. Eu espero sinceramente que quem se propuser a fazer um trabalho com os espíritos leia com muita atenção os ensinamentos que aqui são apresentados.

Meus sinceros agradecimentos à espiritualidade maior.

Meus sinceros e humildes agradecimentos a todos os Orixás que permitiram serem vistos por mim, lá em Aruanda.

Meus agradecimentos a todos os dirigentes de casas espíritas que tomarão este livro como estudo para alertar aos iniciados dessa doutrina espírita perfeita.

Meus agradecimentos a você, que lerá e compreenderá a mensagem por mim passada.

Lembrem-se do maior e mais importante ensinamento deixado por Jesus para todos nós.

Amai-vos uns aos outros assim como eu vos amei.

A todos, os meus mais sinceros agradecimentos.

Osmar Barbosa

Salve a genuína Umbanda!

Hino da Umbanda

Refletiu a Luz Divina
Com todo seu esplendor
É do reino de Oxalá
Onde há paz e amor
Luz que refletiu na terra
Luz que refletiu no mar
Luz que veio de Aruanda
Para tudo iluminar
A Umbanda é paz e amor
É um mundo cheio de Luz
É a força que nos dá vida
É a grandeza que nos conduz
Avantes, filhos de fé
Como a nossa lei não há
Levamos ao mundo inteiro
A bandeira de Oxalá
Levamos ao mundo inteiro
A bandeira de Oxalá.

Autor: J. M. Alves

“A umbanda é fonte de luz, donde o Criador se expressa por meio dos orixás auxiliando Suas criaturas.”

Osmaiz Barbosa